REVISTA DA SEMANA



N.º 19 ★ 12-5-51

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NESTE NÚMERO:

O POVO PORTUGUÊS CHORA A MORTE DE SEU CHEFE — CARLOS FRIAS JA' FOI SACRISTAO

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

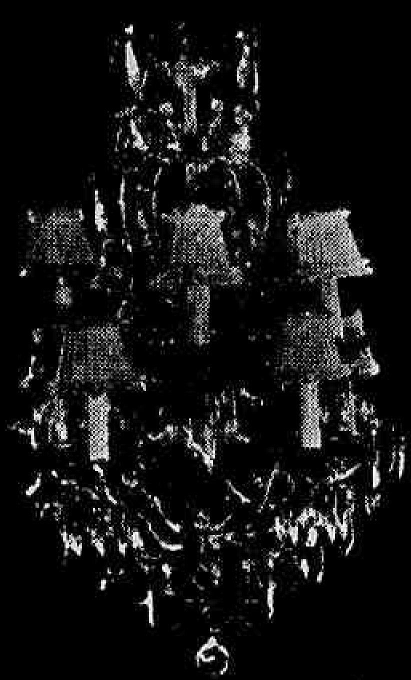
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

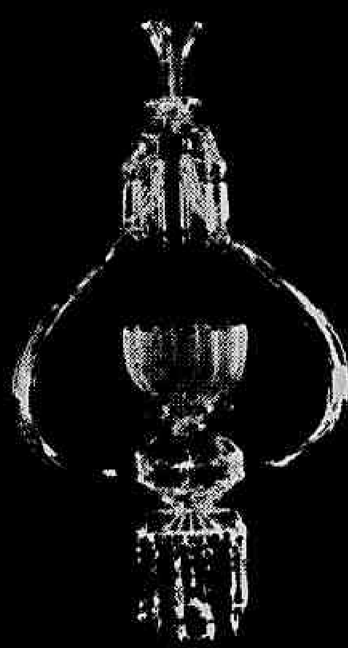
NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

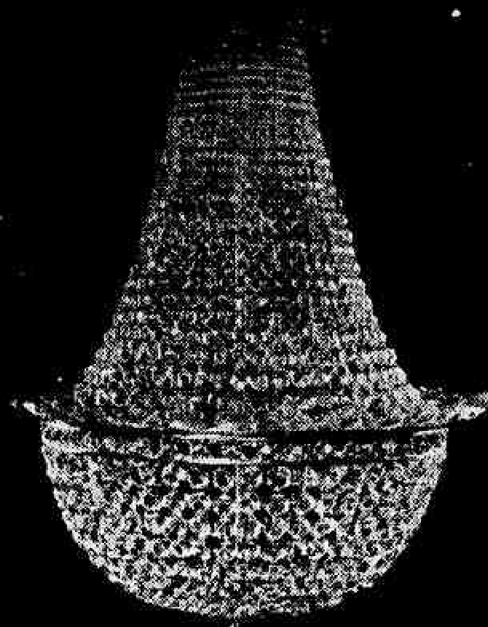
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

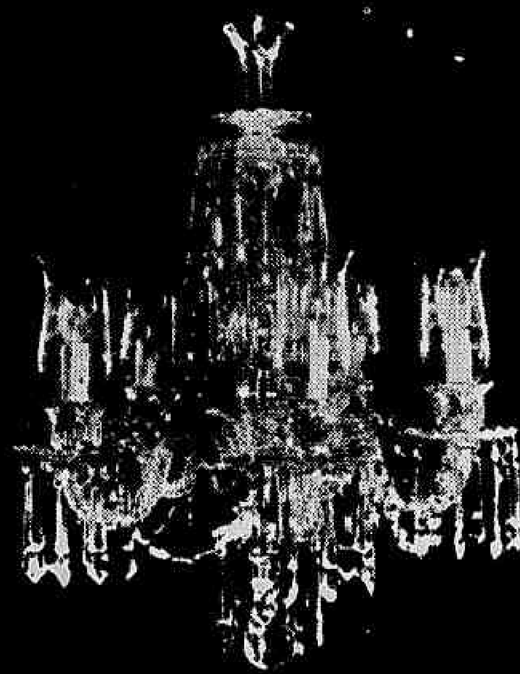
GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428

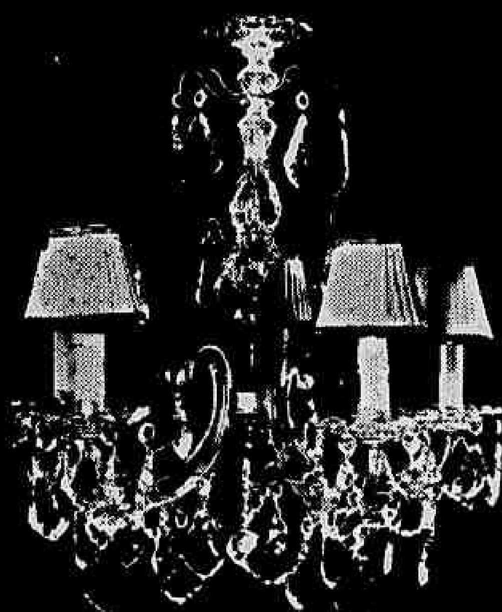

1

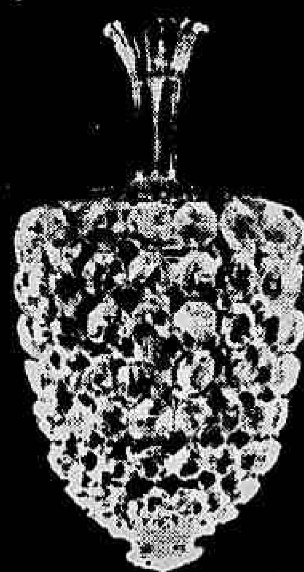

2


3


4

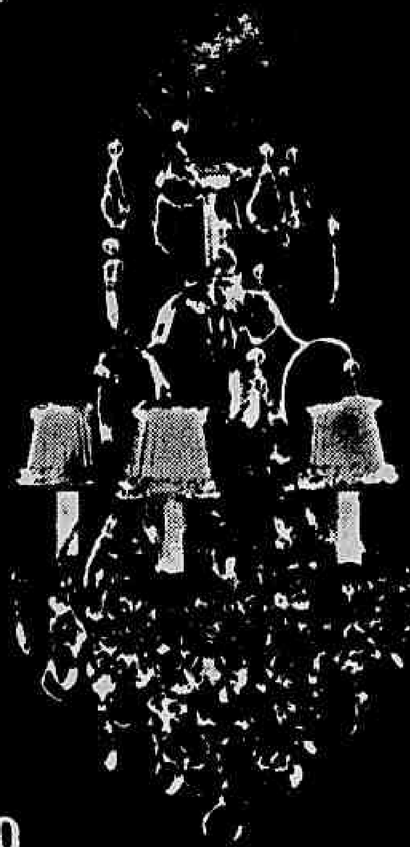

5

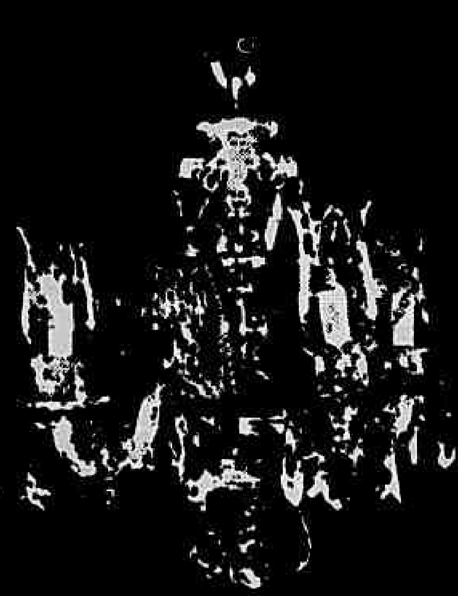

6

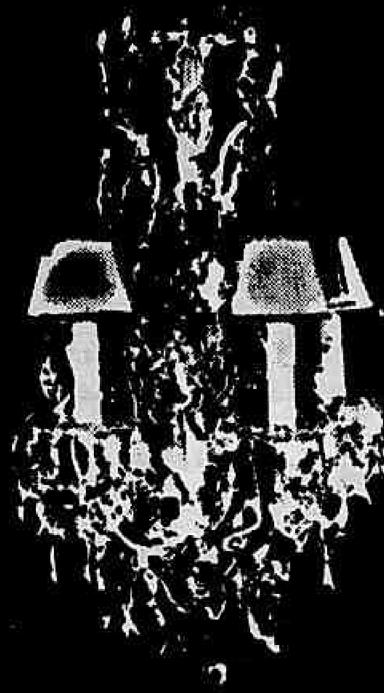

7


8


9


10


11


12

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PROPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Último ato (Celestino Silveira) 6/7
O povo português (Gastão de Bettencourt) 13/14
Carlos Frias já foi sacristão (Abdias Rodrigues) 16/21
Fiquem com Deus e Nossa Senhora 23/27
No altar e no terreiro (Jorge Lyra) 29/32

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 4
Personagem da Semana 4
Puxe pelo cérebro 9
Palavras-Cruzadas 32
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 44
Tudo isto aconteceu 48/49
Correio da Revista 50

LITERATURA

China (Teresa de Almeida 3
Um mundo à margem (Leiva Leiria Borba) 15
Provinciano astucioso (M. Lourdes Judice) 22
Semana Literária (Edmundo Lys) 34/35
Maria Laurência (Lyse) 37

FEMENINAS

Costumes ligeiros 36
Casacos 37
Modelos variados 38/39
Week-End na Cozinha 40/41

FOLHETIM

Um amor atrevido (Fim) 47

HUMORISMO

"Charge" de Théo 5
Nem cara — Nem coroa (Nicodemus) 14/28

FOTOS

Abdias Rodrigues — Jorge Lyra — Secretariado de Lisboa — Avulsas.

ILUSTRADORES

Alberto Lima — Gil — Jerônimo Ribeiro — Rafael.

NA CAPA

Virginia Mayo
(Foto Warner-Bros.)

CHINA



CHINA do pago, que tem no corpo um resto de sangue revoltoso; que sabe ser boa e sabe ser má. De olhos escuros, mentirosos, às vêzes, inquietos como as tranças que faz balançar quando caminha, quase provocante, vagarosa, arrastando chinelas que cantam músicas para os ouvidos da gente. China triste e alegre. De olhos cismarentos, perdidos na lonjura, numa espera infinita. China vestida de chita floreada, dançando rancheiras, enganando os homens, alegre como um riso de cordeona.

China que a gente nunca sabe se é boa ou traiçoeira. Que tem a paciência dos carreteiros, de certo aprendida com êles mesmos, porque uma China sempre tem alguém no coração. E êsse alguém anda nas estradas, entre a poeira de um corredor que não se sabe onde começa, nem onde termina. China que espera carreteiro aprende a dominar os desesperos da saudade. Os gestos são lentos. Os risos, lentos. E os olhares compridos, demorados, mas, abrigando, no fundo, o grito de angústia que não há em suas palavras.

Mas... a gente não sabe... Talvez não fôsse o carreteiro quem lhe ensinou a paciência. Talvez ela tenha sido herdada de uma avó que, em longas noites, esperou, à beira do fogo, entre um amargo e uma oração, o companheiro que andava perdido nas coxilhas, em peleias de sangue e heroísmo. Quem sabe foi a avó quem lhe ensinou... quem sabe foi a mãe... quem sabe foi o próprio coração que, sofrendo, aprendeu a esperar... As estradas são longas. E os bois, tão lerdos! A sombra dos cinamonos ou o calor do fogo sabem que é ali onde ela se arrincona, esperando...

China, que sabe esperar a vida inteira. Que sabe lutar, em silêncio, pelo que deseja. China que sabe lidar com o ódio, como uma adaga traiçoeira, quando chega a hora da vingança... China que fica no rancho. China que foge em noites claras. China que dá e toma. China que dá, sem nunca pedir nada.

Doce e amarga. Alegre e triste. China que a gente nem sabe se é boa ou má...

China que é como tôdas as mulheres. Só que traz nos olhos mais franqueza e mais simplicidade no coração. Que cobre o corpo com chita floreada. Arrasta chinelas pelo chão batido. Acende o fogo e espera. Que nem tem espelho, mas trança com cuidado o cabelo escuro e brilhante.

China morena, que é boa e mentirosa, como tôdas as mulheres.

Por quem a gente mata um homem. Por quem a gente sai, pago à fora, sem rumo, querendo morrer. China, que é um refúgio para o carreteiro; que é uma estampa na porta do rancho, esperando o peão, em tardes de domingo. Que enche o mate, faz fogo, lava roupa nas sangas e dança sob as ramadas. E os homens cobiçam para levar em ancas de um pingo faceiro.

China que é perdição e angústia, como essas carreiras grandes; que é sossêgo e doçura, como a paz das coxilhas adormecidas. China que pode ser nada, como as enxurradas que passam; China que pode ser tudo, como erva de passarinho matando tarumã.

China que é a música das cordeonas, que é a vida do pago, que é a alma do pampa.

China que é ódio, amor, vida e sangue!

E que a gente nem sabe se é doce ou amarga!

THEREZA DE ALMEIDA

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 19 ★ 12-5-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 150,00
Seis meses	Cr$ 75,00
Registrada — Um ano	Cr$ 180,00
Seis meses	Cr$ 90,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Uma ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil: atrasado, Cr$ 3,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino, à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição n. 58, 1.º andar, sala 102, telefone 36-6718.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 52 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

TELEFONES

Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

CASAS PARA JORNALISTAS



Que notícia! Os profissionais de imprensa estão de parabens. O Sr. Pôrto da Silveira, recentemente eleito presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro procurou o presidente da Caixa Econômica Federal, sr. Ariosto Pinto e, com a maior clareza, expôs ao mesmo a situação de angústia em que vive a maioria dos jornalistas do Rio, sem casa para morar. Centenas dêles, com suas famílias moram em pocilgas, em quartos sem o menor confôrto, em casas de cômodos ou pensões baratas; os que conseguem um porão se julgam felizardos. O sr. Ariosto Pinto, em companhia do sr. Pôrto da Silveira, seguiu para o gabinete do presidente do IAPC, sr. Henrique La Roque, tendo os três trocado idéias para financiamento a longo prazo, de casas para os jornalistas profissionais. Sabemos que aquêle Instituto possui grande área nas proximidades do Jardim de Alá, no Leblon, onde deverá ser iniciada, brevemente a construção de um bloco de edifícios de apartamentos de vários tipos, suficientes para acomodar trezentos profissionais da pena. Segundo afirmou o sr. La Roque, essa construção poderá estar concluida dentro de dois anos. Mostrou-se o presidente daquela autarquia vivamente interessado em ajudar os homens de imprensa no sentido de que obtenham, em formas acessíveis o seu apartamento, libertando-se dos usurários que cobram por um quarto mil cruzeiros e mais, muitas vêzes sem direito à água... O presidente do Sindicato dos Jornalistas está disposto a solucionar a crise de habitação para os seus colegas mais visados pela crise e tudo faz crer o consiga. E' conveniente, porém, lembrar certos antecedentes a respeito de tais providências. Todos sabemos que, ao tempo do sr. Carlos Luz na presidência da Caixa Econômica, o assunto foi tratado como sendo definitivo. Houve portarias, regulamentos e muita gente afluiu àquele estabelecimento de crédito com tôda a documentação exigida. Infelizmente, porém, a verba esgotou-se da noite para o dia, e os que mais mereciam, ainda estão a ver navios... do alto dos morros.

"METRO" E TÚNEL



Já é velha a idéia de dotar-se o Rio de um serviço de trens subterrâneos, os chamados «metrôs», redução da palavra «metropolitano», pela qual se designam tais meios de transportes nas grandes cidades. Mas, não se sabe bem por que motivo, o «metro» carioca vai sendo adiado indefinidamente, como se não houvesse, em verdade, a mais urgente necessidade do mesmo. Nosso tráfego de superfície é angustioso e cada dia que passa, mais aflitivo. Enquanto não abrem mais túneis e novas avenidas, e enquanto não botam abaixo o morro de Santo Antônio, nada mais natural do que meter-se mãos à obra para o nosso metropolitano. Esta idéia arrasta uma outra adicional: ligar o Rio a Niterói, subterrâneamente, já que os projetos de uma ponte monumental não chega a amadurecer os entusiasmos. Assim, simultâneamente com o «metropolitano» do Rio, seriam incluidos recursos para a abertura do túnel sob a Guanabara, indo o trem subterrâneo a Niterói. Excelente o projeto. Mas, e dinheiro para tudo isso? E' aí que pega o carro e as rodas não andam. Mas, pelo que lemos em jornais do dia 16 dêste mês de abril de 1951, o caso está sendo encarado com decisão pelo atual governador do Estado do Rio. Um repórter interrogou o sr. Amaral Peixoto acêrca do que havia sôbre tão importante projeto, e respondeu o chefe do executivo fluminense que já estava entabolando conversações com uma firma francesa incumbida dos estudos em tôrno da construção do «metro» na Capital Federal. O contrato entre a Prefeitura carioca e a mesma emprêsa está para ser registrado no Tribunal de Contas. Informou ainda o sr. Amaral Peixoto que transita no Senado um projeto do senador Henrique Novais que concede verba para o «subway» do Rio. Terminando, esclarece o governador que, construindo-se o trem subterrâneo no Distrito Federal, será o mesmo estendido a Niterói. Mais uma esperança, amigos! Mais uma promessa para redimir cem mil pessoas que precisam de transportes entre esta capital e a do Estado do Rio.

★

QUE DECEPÇÃO!



Em fins de março último publicou a nossa imprensa uma notícia que, noutro país, teria provocado geral interêsse. Iam ser postos em leilão os direitos autorais de quase quarenta obras literárias, culturais e jurídicas daquêle que se chamou em vida, Evaristo de Morais. Chegando o dia, com surprêsa para os que admiraram o imortal advogado e intimorato, não houve nenhum interessado na vultosa bagagem científica e literária de Evaristo. Retificamos: apareceu, sim, um licitante. Ofereceu duzentos cruzeiros pelos direitos autorais de todos os livros! Duzentos cruzeiros sôbre um espólio mental que, o próprio leiloeiro havia fixado como ponto inicial de arrematação, nada menos que trinta e oito contos e quinhentos mil réis. Evaristo de Morais, se houvesse nascido noutro país que não êste, teria sido nome mundialmente conhecido e, sobretudo, respeitado. Mas, que dizer de nós mesmos em face de um episódio que nos humilha e degrada, como êsse da arrematação dos direitos autorais de suas obras? Isso significa estar o Brasil recuando no caminho do progresso mental e cultural. E o Estado? Não possuimos um Instituto Nacional do Livro? Com certeza não há verbas para tanto, nem a instituição que funciona nos porões da Biblioteca Nacional foi fundada para isso. O que faz já representa enorme esfôrço. Mas, e as diversas casas editôras do Rio, S. Paulo, Pôrto Alegre? Será pissivel que nenhuma delas, se interessasse por trabalhos do valor de «Memórias de um rábula criminalista», «Cárceres e fogueiras da Inquisição», «Campanha Abolicionista», «A escravidão Africana no Brasil», e tantas outras de sua riquíssima bagagem de arte cultural? Causa a mais profunda tristeza vermos um caso dêsses passado no Brasil, no Rio de Janeiro, centro de maior cultura do país e onde se presume haver movimentos capazes de mostrar que somos um povo culto. Será que o espólio espiritual do grande e heróico Evaristo de Morais não encontre nenhum capitalista que possa torná-lo útil à nação, renovando-lhe as edições, aumentando o prestígio do Brasil.

★

NOVO PREFEITO



Pediu exoneração o general Mendes de Morais, do cargo de Prefeito do Distrito Federal, em carta ao Presidente da República. Desde que o novo govêrno assumiu o poder, o posto de Prefeito do Rio deu margens aos mais variados palpites. Dizia-se que o general continuaria à frente dos negócios do executivo carioca, uma vez que era o sr. Getúlio Vargas de opinião que se tratava de um administrador muito operoso. O Rio não iria descontinuar tanto programa em execução e em vias de início, apenas porque o gal. Mendes de Morais era de política de outros naipes. Achavam outros mais que o general, de maneira alguma continuaria na Prefeitura, uma vez que não era Prefeito do atual govêrno e sim do anterior. Mas, pelo que divulgavam os jornais, o sr. Getúlio Vargas estava desejoso de modificar também o Distrito Federal em matéria de dirigente máximo e pedira a vários amigos mais influentes uma lista de nomes para ser escolhido um. Tal lista lhe foi, em verdade, apresentada tendo respondido S. Excia.: — «Bem, vejo aqui muitos nomes, todos dignos; mas, até agora ninguém se lembrou de sugerir-me um candidato meu». Pode ser anedota, coisa muito em voga durante tais períodos, e de acôrdo com a tradicional fertilidade do povo desta terra. O fato, porém, é que o Prefeito ia ficando. Houve mesmo um momento em que todo mundo julgou que o Presidente da República ia mantê-lo na Prefeitura definitivamente. Foi por ocasião daquela festa popular no Estádio do Maracanã. No seu discurso não ocultou o sr. Getúlio Vargas seu entusiasmo pelo «Maracanã», elogiando o Prefeito. Mas, como tudo em política é possível, muitas águas passaram sob o moinho e o sr. general Mendes de Morais reconheceu que não devia continuar na direção do Município. E pediu demissão de maneira irrevogável. Para substituí-lo foi escolhido o engenheiro João Carlos Vital, nome bastante conhecido nos meios oficiais, pois ocupou, ao tempo do sr. Getúlio Vargas, o cargo de presidente do IRB (Inst. de Resseguros do Brasil) e, interinamente, a pasta do Trabalho. E' homem probo, trabalhador e muito culto. Que esta capital encontre no mesmo, o administrador de que tanto precisamos.

A PERSONAGEM DA SEMANA

O nome que encheu tôda a semana que passou, ocupando o noticiário dos jornais e os comentários em nossas camadas sociais, foi o da famosa artista dramática brasileira, Itália Fausta. Descendente de italianos, nasceu essa glória de nosso palco em São Paulo, onde recebeu os primeiros lastros de cultura, dedicando-se desde os seus vinte anos de idade à carreira da ribalta. Seu nome de batismo — Itália Polônio — passou a ser suplantado pelo pseudônimo — Itália Fausta — que encheu tôda a sua vida até cerrar seus olhos a 29 de abril último, sòzinha, em sua residência em Santa Teresa, nesta capital. Itália Fausta morre aos setenta anos de idade, tendo-se dedicado ao teatro durante meio século. Sua arte era a mais pura, lutando sempre a imortal intérprete para que o nosso país adotasse o teatro popular, a céu aberto, a preços mínimos, de forma que o nosso povo pudesse adquirir cultura e concepção teatral no seu mais perfeito significado. Há muitos anos passados organizou o Teatro da Natureza no Campo de Santana ajudada por vários artistas de valor; mas, como todos sabemos, teatro no Brasil ainda é negócio de empresários que precisam colher dos espetáculos o maior rendimento. Sendo nossa população, em sua maioria, pouco afeita ao teatro de classe, o que vemos é o sucesso das revistas e o desprestígio cada vez maior do verdadeiro teatro, o teatro psicológico, o teatro de idéias, o teatro-pensamento. Itália Fausta, de há certo tempo até sua morte, apareceu pouco no palco; mas, sempre que era chamada a intervir o fazia com grande brilho. Foi assim em "Estrada do Tabaco", em "Teresa Raquin" e outros dramas de real valor. Mas, sua grande criação, a que lhe deu todos os fulgores de rainha do proscênio nacional, foi "Ré Misteriosa", em que era inexcedível. Com Itália Fausta morre muito do idealismo em nosso teatro. Ela foi leal à sua grande arte, e uma das mais sinceras artistas do palco brasileiro. Nunca se abastardou, e morreu em plena sublimidade de sua glória.



Itália Fausta



VITAL — Êsse é o morro que devemos derrubar antes do outro.

VARGAS — Santo Antônio que nos ajude!



A GRANDE TRAGICA em «Teresa Raquin», uma de suas grandes criações, por ela ùltimamente apresentada no Norte do país! Ao seu lado, Maria Dela Costa, que a acompanhou.



EM «NO FUNDO DO POÇO», ainda com Dela Costa e também Graça Melo e Lídia Vani. Foi o original da sra. Helena Silveira, o último por ela criado, há um ano, em São Paulo

ÚLTIMO ATO

A MORTE SOLITÁRIA DE ITÁLIA FAUSTA, INSIGNE ATRIZ DRAMÁTICA DO NOSSO IDIOMA, NA SUA VIVENDA DE SANTA TERESA ★ A "MARCHA FÚNEBRE" DE CHOPIN NUM DISCO PARTIDO E NO ACOMPANHAMENTO AO AEROPORTO ★ DUAS HORAS DE EXPOSIÇÃO NO "HALL" DO TEATRO MUNICIPAL ★ "MORRER SÒZINHA, NÃO, EU TENHO MÊDO..."

De CELESTINO SILVEIRA

A morte de Itália Fausta deu-se inesperadamente e, pelo que atestaram os médicos legistas, só vinte-e-quatro horas depois ela foi conhecida. Na tarde de domingo, 29 de abril, o médico húngaro Laszlo Berenczky, inquilino da atriz, morando no mesmo edifício, em Santa Teresa, foi quem descobriu o cadáver, caido sôbre a sua cama, com a metade do corpo para o chão. Atestou-se que o falecimento deveria ter ocorrido sábado também à tarde, mas como ninguém fazia companhia à grande atriz brasileira, ela expirou sem qualquer socorro.

Seus parentes encontravam-se em São Paulo, inclusive o ator Sandro Polônio, sobrinho de Itália Fausta e a quem tratava com carinho verdadeiramente maternal. Desde logo as emissoras cariocas divulgaram a notícia, comparecendo à residência colegas de teatro e pessoas amigas, que se comunicaram com São Paulo. Nessa mesma noite Sandro quis tomar um avião para vir ao Rio, mas o mau tempo reinante, impediu que os aparelhos levantassem vôo. Desesperado, utilizou-se de um automóvel de praça, viajando tôda a noite para chegar à Capital da República nas primeiras horas de segunda-feira. Providências foram tomadas para os funerais; sobreveio, entretanto, um impasse: a familia, para obedecer a determinações da gloriosa intérprete da tragédia, decidiu levá-la para São Paulo. Foi fretado um avião especial e marcada a partida para as catorze horas nesse mesmo dia. Não foi o corpo embalsamado, sendo removido, primeiro, para a capela Santa Teresinha e daí, duas horas antes da partida, para o saguão do Teatro Municipal. Prontamente, o Prefeito sr. João Carlos Vital havia acedido ao apêlo da classe teatral, colocando à disposição da mesma aquêle teatro e não tardou que um desfile de populares, amigos, admiradores e companheiros de Itália Fausta, se fizesse. Mas era preciso apressar o embarque do corpo, pois haviam transcorrido quase quarenta-e-oito horas da morte e a decomposição apressava-se.

As últimas homenagens foram, ali mesmo e de maneira sumária, prestadas àquela que havia dedicado tôda a sua vida ao teatro na sua mais alta expressão. A sra. Carolina Sotto Maior convidou entidades presentes — artistas e intelectuais — a fazerem uso da palavra. Ouviram-se Pascoal Carlos Magno, Álvaro Moreyra, Jaime Costa, Delorges Caminha, Alda Garrido e Graça Melo, êste último falando em nome da familia. E meia hora antes da partida do avião, fechava-se a urna com os despojos de Itália Fausta, que era transferida para o côche fúnebre. O acompanhamento fêz-se a pé, até ao Aeroporto Santos Dumont. Alguns milhares de pessoas, homens e mulheres do povo, aderiram espontâneamente a essa merecida homenagem. Postada à entrada do teatro, a banda

(Cont. na pág. 46)



A INTÉRPRETE gloriosa de «A Ré Misteriosa», em um de seus recentes instantâneos



QUANDO RECEBIA de Floriano Faissal, então presidente da Casa dos Artistas, a comunicação de um movimento em prol da reabertura do República, onde ela viveu grandes noites



EM «ESTRADA DO TABACO» (Tobaco Road), poucos anos atrás, no Teatro Fênix



A TRAGICA ESQUECIDA de "Orestes" e "Antigona", em "Estrada do Tabaco" (Tobaco Road). Com ela, Maria Della Costa, Sadi Cabral e Sandro Polônio



o famoso locutor brasileiro

RAMOS DE CARVALHO

veio de **LONDRES** para dirigir a **nova**

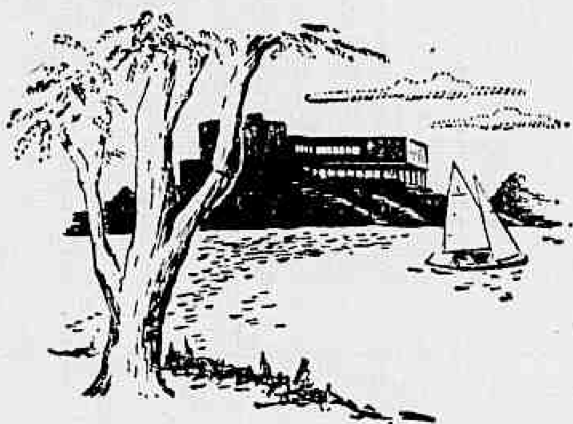
RÁDIO INCONFIDÊNCIA



NOVOS ESTÚDIOS!

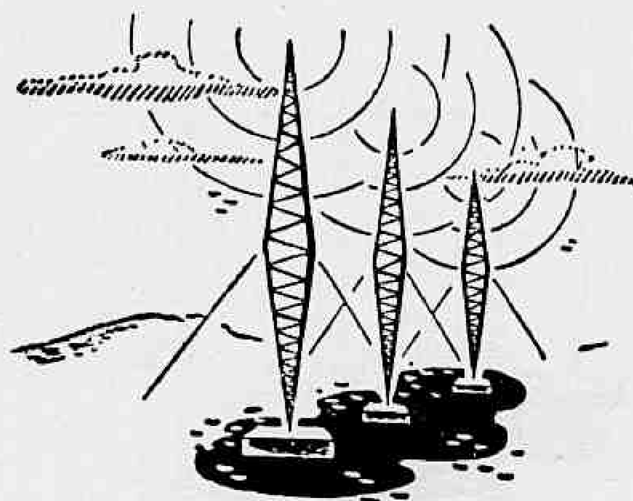
NOVOS PROGRAMAS!

OS MAIORES ARTISTAS!



Transmissor de 50 quilowatts!

O maior e mais lindo auditório do Brasil!



RÁDIO INCONFIDÊNCIA
DE MINAS GERAIS

PRI — 3 Ondas médias — 880 quilociclos
PRK — 5 Ondas curtas — 50 metros — 6.000 klcs.
PRK — 9 Frequência Modulada

Representantes:
REPRESENTAÇÃO DE JORNAIS E EMISSORAS LTDA.
Rio de Janeiro: Rua México n.° 164 - 9.° andar - Telefone 42-4887
São Paulo: Rua Formosa n.° 409 - s/ 38 - Telefone 32-3512

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura superior	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura média	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — EM QUE LOCAL DO RIO FOI ENFORCADO TIRADENTES:

No Campo de Santana?
No Largo de S. Domingos?
Na atual Praça da Independência?

2 — QUANTOS PADRES TOMARAM PARTE NA INCONFIDENCIA MINEIRA:

Dois?
Três?
Cinco?

3 — QUE NOME TINHA A ATUAL CIDADE MINEIRA DE TIRADENTES:

S. José del Rey?
S. João del Rey?
Barbacena?

4 — QUANTO RENDERAM OS BENS DE TIRADENTES QUANDO FORAM A LEILÃO:

Dez contos de réis?
Oitocentos e quarenta mil réis?
760 réis?

5 — COMO SE CHAMAVA O TRAIDOR DOS CONJURADOS MINEIROS:

Visconde de Barbacena?
Joaquim Silvério dos Reis?
Domingos Fernandes Calabar?

6 — EM QUE DATA FOI ENFORCADO TIRADENTES:

7-9-1795?
21-4-1792?
18-3-1782?

7 — COMO ERA O NOME TODO DE TIRADENTES:

Joaquim José da Silva Xavier?
José Joaquim Xavier?
Joaquim Xavier da Silva?

8 — QUAL O LUGAR EXATO ONDE NASCEU TIRADENTES:

Na rua de S. José, em Ouro Prêto?
Na vila de S. José del Rey?
Na fazenda N.S. do Amparo, comarca do Rio das Mortes?

9 — COM QUANTOS ANOS DE IDADE MORREU TIRADENTES:

35?
44?
32?

10 — QUE SIGNIFICA «OTONEURALGIA»:

Dor de dentes?
Atrofia cerebral?
Forte dor de ouvidos?

11 — QUAL O PAIS DA AMÉRICA CUJA CAPITAL TEM O NOME DE LA PAZ:

Bolívia?
Peru?
Guatemala?

12 — DEPOIS DOS ESTADOS UNIDOS, QUAL O PAIS DE MAIOR POPULAÇAO DÊSTE HEMISFÉRIO:

México?
Canadá?
Brasil?

13 — QUAL A CÔR QUE MAIS ATRAI OS TOUROS:

A vermelha?
A amarela?
Ou qualquer uma?

14 — QUAL O POETA QUE ESCREVEU O FAMOSO POEMA «O MELRO»:

Guerra Junqueiro?
Antero do Quental?
Castro Alves?

15 — QUE EDIFÍCIO HAVIA NO RIO ONDE HOJE SE ERGUEM OS ARRANHA-CÉUS DA CINELÂNDIA:

O mercado da Lapa?
O convento da Ajuda?
O Teatro Lírico?

16 — EM QUE CIDADE DO BRASIL CIRCULOU, PELA PRIMEIRA VEZ, O BONDE ELÉTRICO:

No Rio?
Na Bahia?
Em S. Paulo?

17 — COMO SE CHAMAVA O IMPERADOR ROMANO QUE MANDOU CONSTRUIR SUNTUOSOS PALÁCIOS NA ILHA DE CAPRI:

Tibério?
Nero?
Domiciano?

18 — DE QUE ESCULTOR É A CONHECIDA ESTÁTUA DA LIBERDADE A ENTRADA DO PÔRTO DE NOVA YORK:

Phídias?
Bernardelli?
Bartholdi?

19 — FULANO INSTRUIU-SE PELA **AUTODIDAXIA**. QUE SIGNIFICA ISSO:

Que estudou no estrangeiro?
Por si próprio?
Pelo sistema dos surdos-mudos?

20 — QUAL O PRINCIPAL EMPRÊGO DA BAUXITA:

Na fabricação de papel?
Na de aço?
Ou na de alumínio?

(Respostas na página 50)

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use **Ventre-Livre, remédio** sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substancias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERARIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no «Correio da Revista» sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro folhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc.. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.



BANCO DO COMÉRCIO S.A.

Capital e reservas: Cr$ 104.432.272,80

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça
do Rio de Janeiro

Sede:
RUA DO OUVIDOR, 93-95
Tel. 43-8966

Agência no: DISTRITO FEDERAL
e ESTADO DE SAO PAULO
Secão Especializada para Guarda de Títulos e Valores.

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.

UMA NAÇÃO EM LUTO

A SRA. MARIA DO CARMO Fragoso Carmona, viúva do Chefe de Estado português, dá o último adeus ao marido. A seu lado, filhas e netas que a acompanham nesse doloroso transe



O ARMÃO MILITAR com a urna desfila pelas ruas de Lisboa, entre tropas em continência

O POVO PORTUGUÊS PRANTEIA A MORTE DE SEU CHEFE

SIMPLICIDADE — BONDADE — MODÉSTIA — CARÁTER — AS VIRTUDES DO GRANDE PORTUGUÊS QUE FOI O MARECHAL ANTÔNIO OSCAR DE FRAGOSO CARMONA

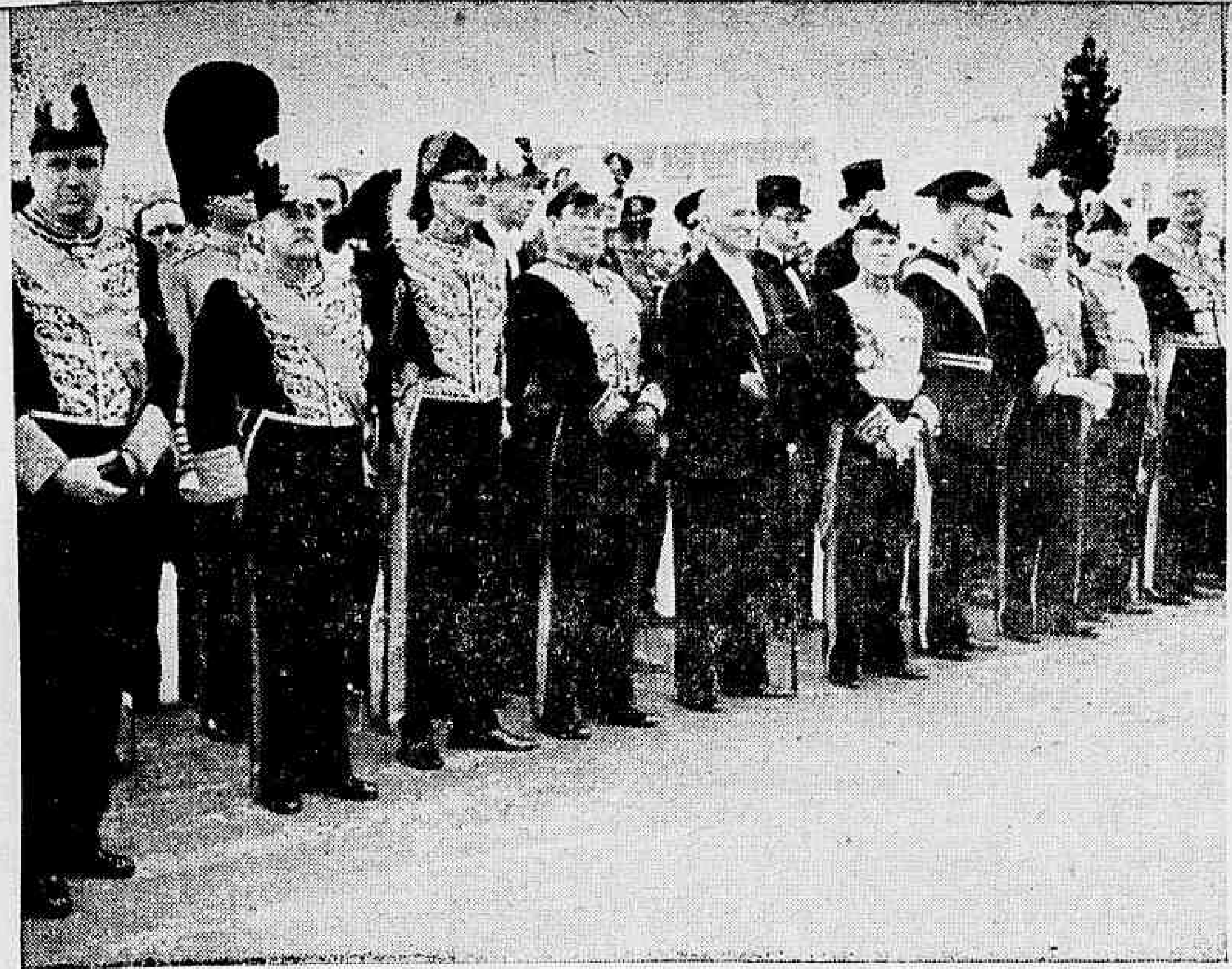
ESPECIAL PARA A «REVISTA DA SEMANA» POR
GASTÃO DE BETTENCOURT
(DO INSTITUTO DE COIMBRA)

NÃO há dúvida... a menor dúvida... o homem que, no momento em que escrevemos estas notas para a REVISTA DA SEMANA, vai a caminho dos Jerônimos, panteon de glórias, onde ficará como glória nacional, era um bem-amado do povo português.

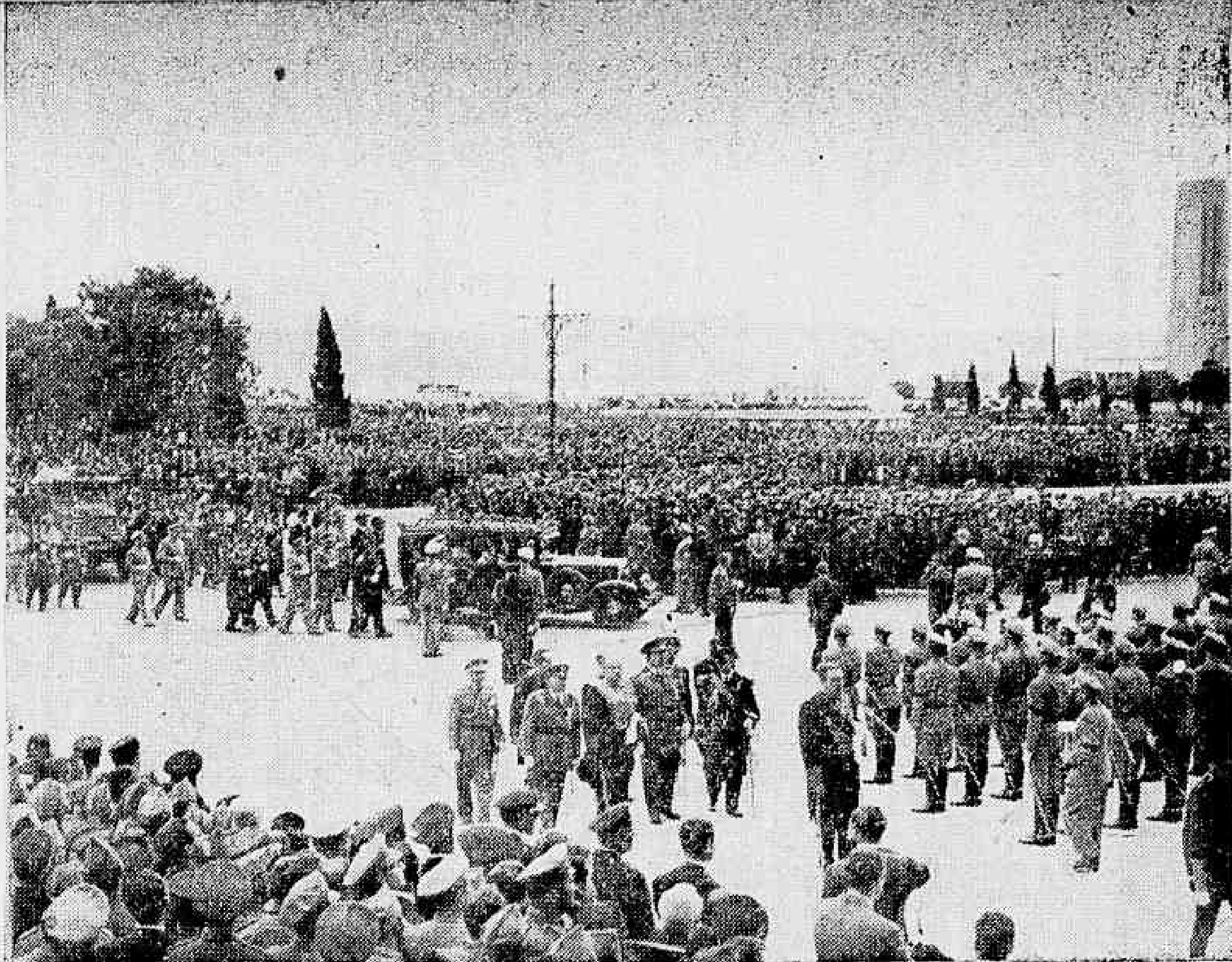
Não era, de modo algum, o chefe detestado de um regime de opressão. Os povos não choram por aquêles que os oprimem. Os povos, nem sempre gratos, não põem luto por aquêles que não amam. Os povos não choram porque os mandam chorar e se o coração os não oprime numa angústia indominável.

E nós vimos êste povo chorar em frente ao corpo hirto e frio do venerando e venerado Presidente.

As lágrimas escaldantes, serenas, silenciosas — as lágrimas das grandes dores — que vimos deslizar pelas faces de tantas mulheres, de tantos homens, alguns encanecidos pelos rigores da vida, outros envergando fardas austeras que parecem incompatíveis com a exteriorização de sentimentos, com a emoção que as lágrimas tra-



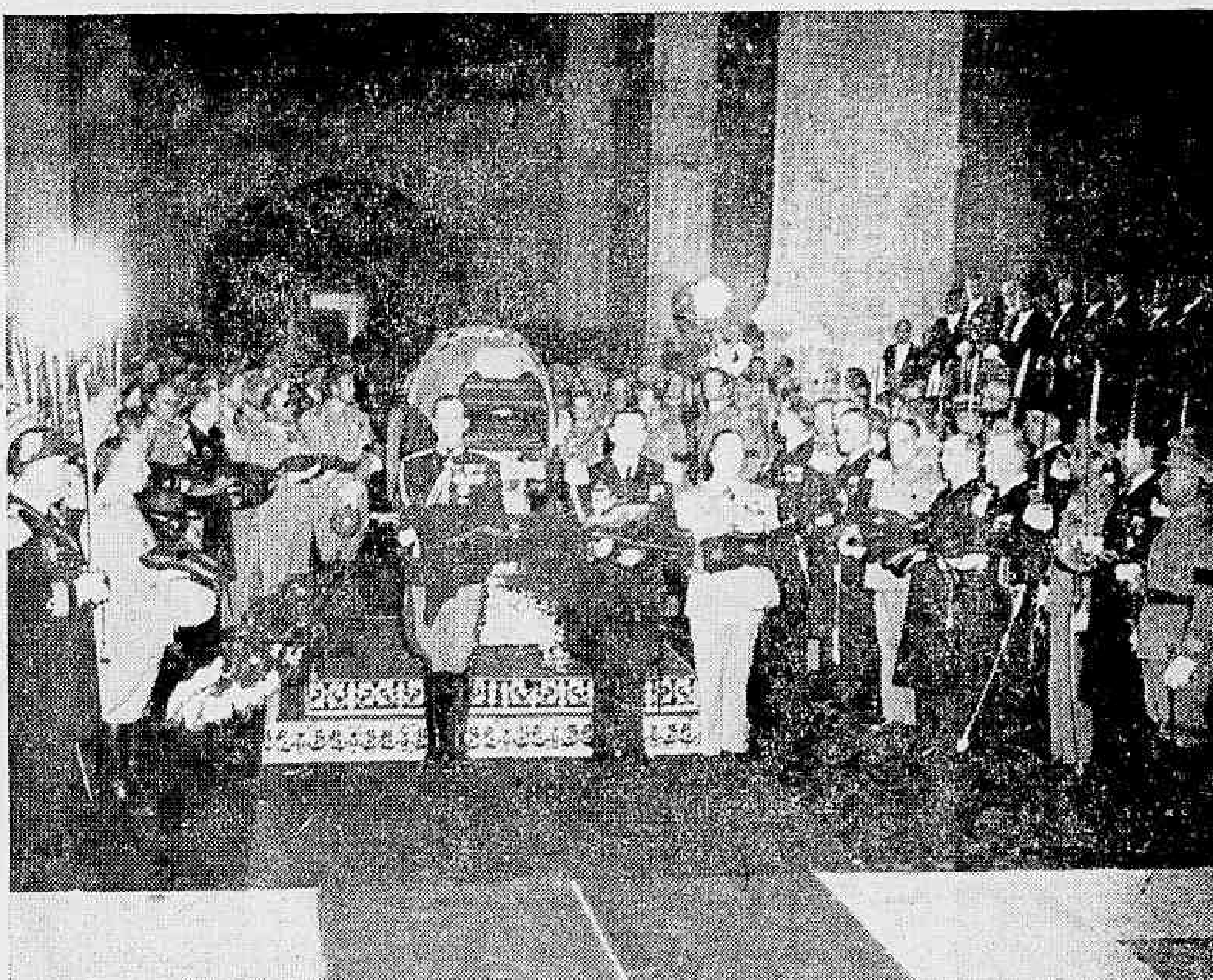
O CORPO DIPLOMÁTICO, vendo-se também o embaixador do Brasil, o quarto à esquerda.



CHEGA O PRÉSTITO à Praça do Império, onde o aguarda eminentes figuras do país.



A URNA é conduzida para a Sala do Capítulo dos Jerônimos, ali ficando em exposição.



JA' NOS JERÔNIMOS, para o instante da encomendação, perfilam-se civis e militares.

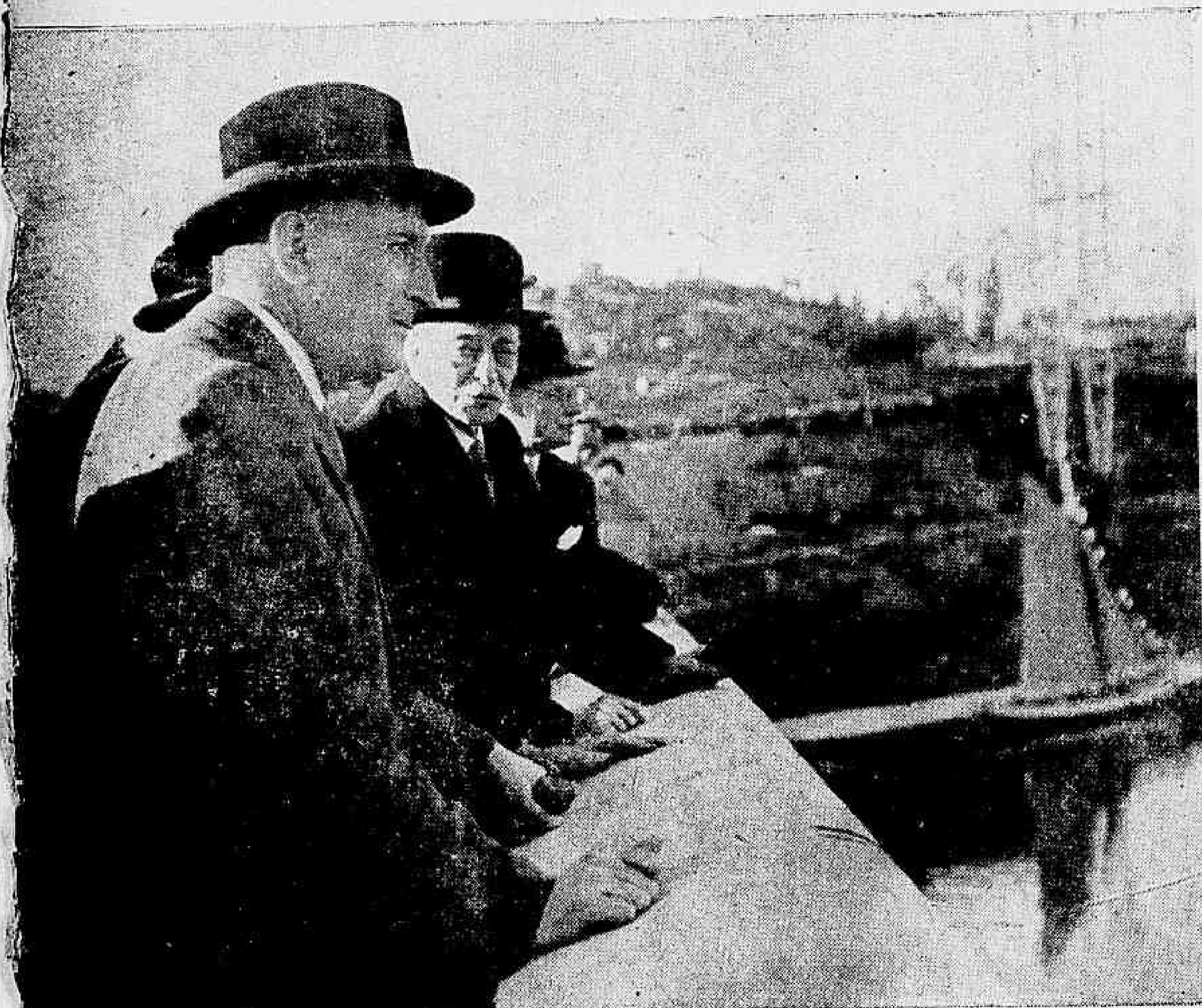


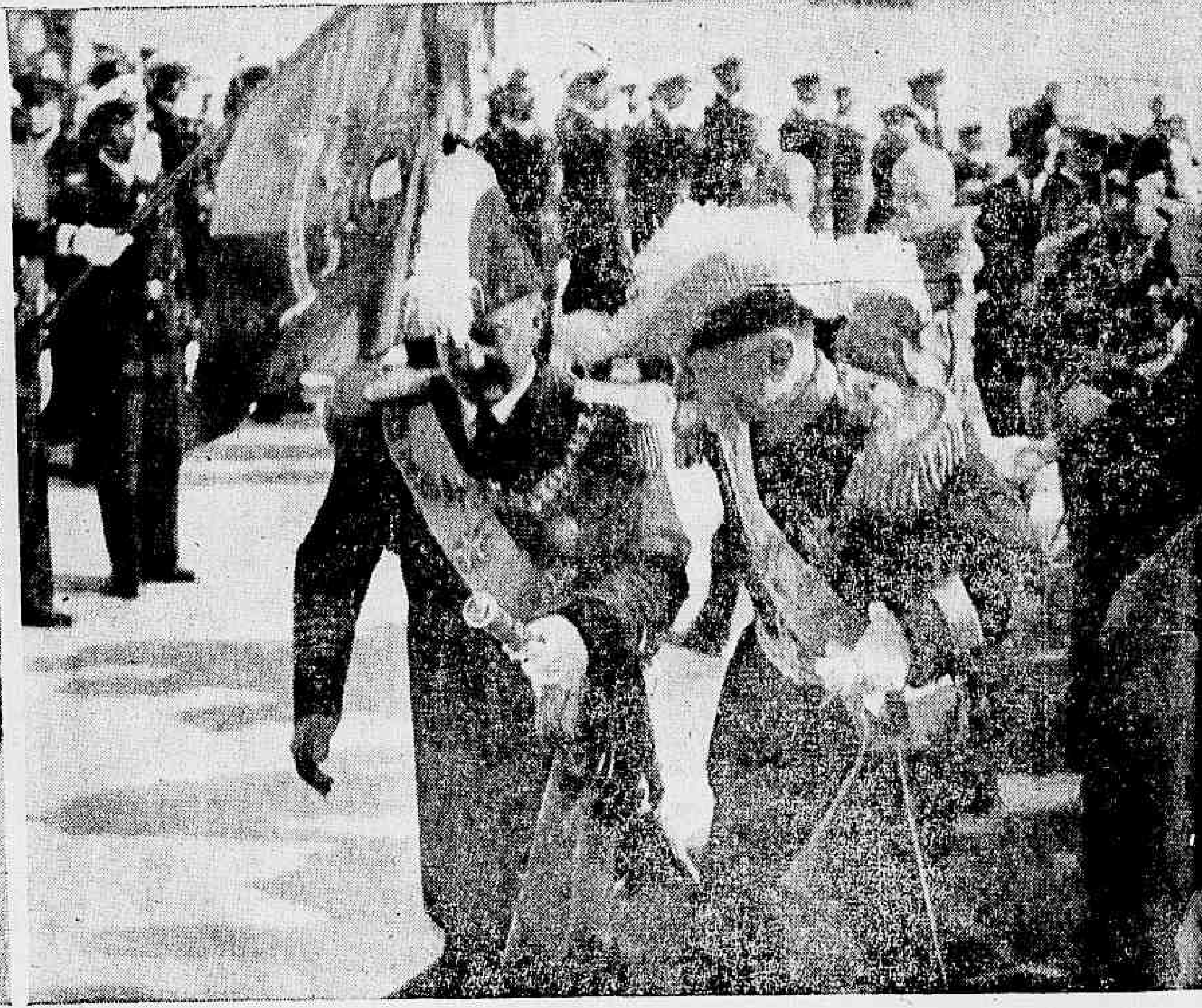
E O POVO DE LISBOA, impaciente, aguardou, horas seguidas, a passagem do cortejo fúnebre.





A PARTIR DA ESQUERDA, ao alto: Evocando a primeira viagem do Presidente Carmona à África Portuguêsa, seu desembarque em Luanda. — Por ocasião da campanha eleitoral de 1949, desembarque no Pôrto. — Carmona inaugura a Barragem do Castelo do Bode, vendo-se ao seu lado, Salazar. — Recebendo, em Lisboa, a visita do Chefe do Estado espanhol. — No





momento de pôr em funcionamento as turbinas do Castelo do Bode, e, finalmente, seu regresso do Pôrto, ainda em 1949, quando o automóvel do Presidente português foi carinhosamente tomado de assalto pelo povo. Aqui estão algumas evocações de vários episódios marcantes na vida do Marechal Carmona, cuja morte Portugal inteiro sentiu e chora.







FLAGRANTE HISTÓRICO do Marechal Carmona, ao ser reeleito para o mais alto cargo do país, saindo da Assembléia Nacional, depois do juramento constitucional. Ao fundo, Salazar.

duzem, são um testemunho claro, eloquente, insofismável, de que uma gratidão infinita ligava o povo português ao seu grande e bondoso chefe. Que essa grande figura de militar, essa gentilíssima figura de português era um bem-amado do Povo, cujos destinos guiou e protegeu durante 25 anos, com energia sim, mas com alto patriotismo, com extrema bondade, com aquela firmeza que não é incompatível com a ternura, o carinho, o amor de um Pai extremoso que educa e procura a felicidade do rebanho enternecido dos seus filhos.

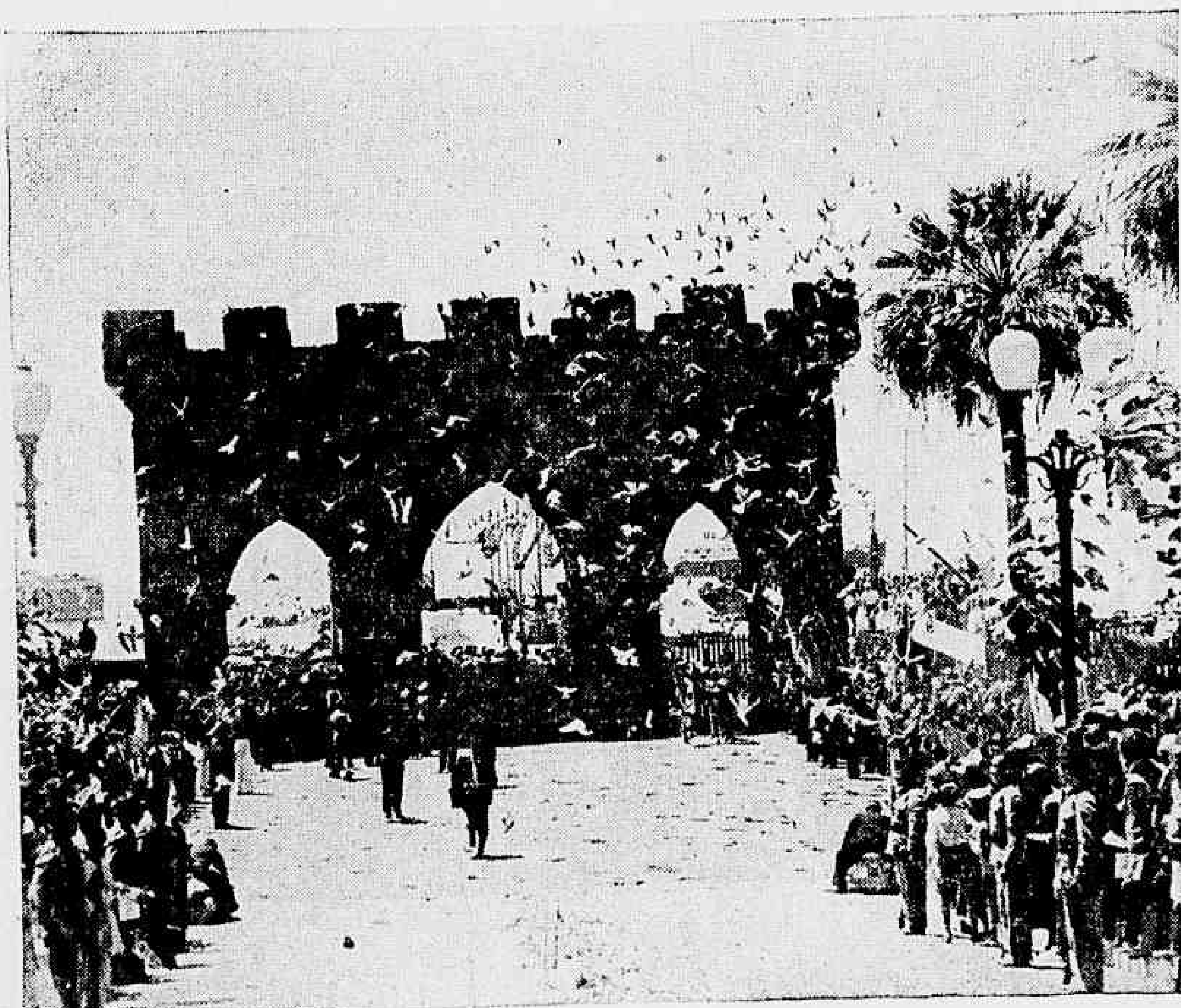
Portugal perdeu uma das suas maiores figuras; os portuguêses perderam um dos seus mais queridos chefes, um dos seus mais amados condutores.

Não faço política ao escrever estas linhas, cheio de saudade e de tristeza.

Quem, como eu, não poucas vêzes, teve a alegria e o orgulho patriótico de assistir às manifestações apoteóticas com que durante o seu tão difícil e atribulado consulado, foi festejado sempre que aparecia nas grandes horas de vibração nacional, o saudoso marechal Antônio Oscar de Fragoso Carmona; quem, como eu, viu tantas vêzes como o povo lhe queria e o amava, recebendo-o em triunfo, pode bem afirmar que êsse Chefe do Estado era verdadeiramente um Chefe querido.

Lembro neste instante as horas inolvidáveis dos seus embarques para as visitas às terras portuguêsas de ultramar; das horas triunfais que nessas longínquas terras viveu e o que a sua visita para elas significou; os momentos apoteóticos do seu regresso à Metrópole; a hora sem par na história do nósso tempo do içar da bandeira no vetusto castelo de Guimarães, berço da nacionalidade, e a viagem triunfal de Lisboa até à gloriosa terra minhota.

Fui, dessa romagem gloriosa e inesquecível, testemunha emocionada, pois fazia



BONITO APANHADO fotográfico tomado na Madeira, onde Carmona teve festiva recepção.



OUTRO ASPECTO colhido quando da viagem do Presidente extinto, à Ilha da Madeira.

Nem Cara...

OS ESQUIMAUS NÃO SABEM QUEM FEZ O MUNDO...



AS MULHERES CITAS ANDAVAM A CAVALO, ATIRAVAM DE ARCO, MANEJAVAM O DARDO. NÃO ARRANJAVAM MARIDO ANTES DE TEREM MORTO TRÊS INIMIGOS...
NÃO TINHAM O SEIO DIREITO. AS MÃES O CAUTERIZAVAM DE MODO A DETER-LHE O CRESCIMENTO E FAZER COM QUE TODA FORÇA SE PASSASSE PARA O SEIO ESQUERDO...

PROVERBIO

POR TRAZ DA CRUZ ESTÁ O DIABO...





À ENTRADA do Palácio S. Bento, quando o corpo estava exposto, para a despedida do povo.

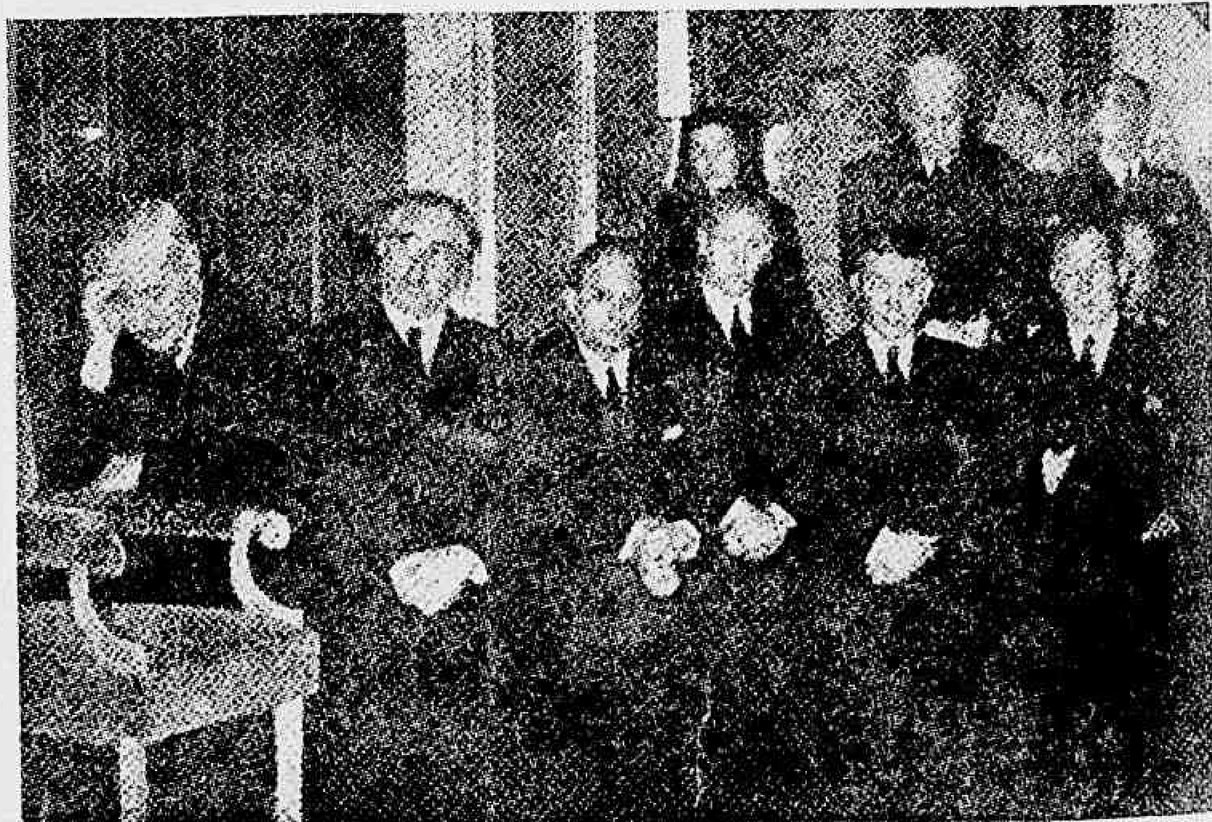
parte do grupo de assistentes oficiais dos ilustres brasileiros que aqui vieram em 1940 fazer com os portuguêses as honras de fidalgo solar em festa. Sei que muitos dêsses grandes brasileiros hoje lembram com funda emoção êsses instantes únicos e magníficos e lamentarão conosco a perda irreparável do querido Presidente, de quem sentiram a afabilidade e o poder de simpatia.

E êle era sinceramente um grande, um devotado amigo do Brasil. Quantas vêzes tive a honra de até junto dêle acompanhar brasileiros ilustres ou bons portuguêses que no Brasil vivem, e ouvi-lo na sua simplicidade falar do povo irmão, indagar dos progresos do Brasil, louvar essa grande Pátria e salientar como são fortes e indestrutíveis os laços que a ela nos ligam.

Uma dessas visitas foi com estudantes brasileiros, que hoje ocupam lugares de destaque na vida do seu país. Com certeza lembrarão o carinho com que nessa manhã de um certo dia 28 de maio, há anos, depois de uma romagem por Coimbra, por ocasião das tradicionais festas da "Queima das Fitas", foram recebidos no suntuoso Palácio de Belém pelo paternal amigo, que o destino para sempre nos levou. Evocarão por certo as palavras amigas que ouviram do grande Presidente, as palavras de satisfação e alegria com que os recebeu e lhes deu as boas-vindas ao velho solar dos seus maiores. E lembro-me que êsses rapazes saíram de lá encantados com aquela simplicidade, com aquela afabilidade que ninguém diria ser de um chefe.

Relembro ainda, neste instante de luto, a sua romagem ao Pôrto em 1946. Êle que nunca quis ser político, arrebatado por um instante da insensata luta política, que não sei onde nos teria levado. O seu regresso então a Lisboa, em que o povo lisboeta

(Cont. na pág. 42)



MEMBROS DO GOVÊRNO, tendo à frente o sr. Salazar, rezam pela alma de Carmona.

UM MUNDO Á MARGEM

NOVELA DE LOIVA LEIRA BORBA ⋆ ILUSTRAÇÃO DE GIL

(*Conclusão*)

É preciso que eu diga que meus dois filhos, Renato e Flávio, foram duas experiências no sentido da nossa unificação, minha e de meu marido. Na ocasião eu pensava que os meninos viriam a constituir um elo, um traço de união, auxiliando-me em meu trabalho de reconstrução. No entanto, depois de concluir por mim mesma que Artur jamais chegaria ao meu encontro, ao encontro da minha atmosfera, que eu não era a mulher talhada para a sua forma de ser, nem êle o homem que a minha sensibilidade exigia, as crianças já estavam crescidinhas e não mereciam qualquer medida mais positiva. Parte dessa ocasião o meu dilema; enquanto havia esperança e eu desconhecia a nossa verdadeira situação, ainda podia ser feliz de certa maneira. Mas depois que tive plena consciência do meu engano e compreendi o irremediável da minha vida perdida, nunca mais pude sentir-me feliz. Vivi, desde então, um periodo de agonia, não sentindo mais prazer nos deveres do lar, nem na vida em familia. Até pelo contrário, tudo aquilo que eu me empenhara em construir com tanto zêlo, constituía agora um verdadeiro fardo em minha vida. E, mesmo compreendendo o empenho de Artur em ser bom marido dentro dos seus limites, e percebendo a segurança que os seus carinhos traziam às crianças, eu tinha a convicção de que me faltava alguma coisa na vida, que eu apenas passava pela existência sem tomar parte ativa em nada na construção do todo que me cercava.

Foi quando Aquiles apareceu e eu comecei a desejar alucinadamente a minha libertação...

Lembro-me bem: o acaso nos colocou um diante do outro depois de uma porção de anos sem mais nos têrmos visto. Sei que nem êle, nem eu, podiamos suspeitar, naquele instante, tôda a trama imaterial que viria ligar nossas vidas tão intensamente. Apenas recordo que se surpreendeu alegremente quando lhe perguntei:

— Ainda me conhece? Lembra-se de mim?

Em verdade, eu o conhecera nos verdes anos da adolescência. Porém, ainda sendo do mesmo grupo de estudantes, eu jamais privara da sua amizade num contato maior. E, agora que a fatalidade ou o acaso — quem sabe? — tornou a pôr-nos um diante do outro, eu vim a compreender, com o tempo, que éramos duas criaturas semelhantes, que êle, como eu, viera pelos caminhos do mundo sonhando com uma vida que estava longe de ter realizado. Que, como eu, era também um desencantado no casamento, que se sentia irremediàvelmente ligado a uma espôsa de alma diferente, talvez mais prática do que exigia o seu idealismo. E essa certeza, na nossa semelhança mútua, nascida de uma convivência obrigatória nos meses em que mantivéramos realções de amizade, começou a criar secretamente entre nós um elo que — agora estou certa — só a morte poderá destruir.



Falo do meu mundo, do nosso mundo. E olho em tôrno e vejo tôdas as coisas que adoro. O vento da tarde, mais forte agora, faz oscilar as cortinas e vem trazer lá de baixo, os ruidos do asfalto. Meus olhos seguem coisa por coisa, como tôdas as vêzes que me é dado escapar para o nosso refúgio, fugindo de tôdas as responsabilidades lá de fora.

A maioria das criaturas vive sonhando com um mundo à parte, uma vida diferente daquela que realmente vive. Quase ninguém está contente, quase ninguém se sente pleno, convicto de ter acertado com o caminho em tôda a amplitude, de estar vivendo aquela vida que realmente desejava. Há sempre na alma humana, uma grande espera. Vivem as criaturas, na sua insatisfação, na intima esperança de um milagre, de uma renovação. Pois eu realizei êsse milagre. Não digo que aconteceu o milagre, porque não me limitei apenas a esperá-lo: realizei-o com minhas próprias mãos. Naturalmente há muito aqui do fator sorte, porque tive a ventura de encontrar Aquiles. E mesmo que nos tivéssemos conhecido antes, em tempos melhores, jamais nos lembramos de um maior entendimento no período da nossa liberdade. Viviamos tão perto, e tão longe na ignorância da verdade de um mútuo ajuste, completo como o de hoje. No entanto, talvez as coisas tivessem que acontecer assim mesmo, que ambos, antes de nos amarmos, precisássemos ter passado cada um o seu quinhão de decepções, para no fim, após nos completarmos, atingindo o ponto exato para o ajuste, conseguirmos amoldar-nos um ao outro com essa perfeição que hoje nos caracteriza.

Apesar de tudo, há a considerar o outro mundo, aquêle mundo de fora do qual somos obrigados a tomar parte, porque foi o primeiro que ajudamos a criar e agora já não temos o direito de destruir. Isso porque, nossos bons sentimentos nos fazem compreender que jamais seriamos completamente felizes, se tivéssemos que sacrificar criaturas inocentes.

Pode haver quem, por êste motivo, pense que a nossa não seja uma felicidade completa, apenas uma forma de felicidade momentânea durante os nossos encontros. Porém não acontece assim. Quando se atinge um grau de ajustamento como o nosso, passa-se a viver sob os moldes de nossa interior disposição. Tudo o mais é então secundário, apenas serve para completar externamente o encadeamento natural das coisas, como partes componentes, acessórias para um perfeito equilibrio de todo o jôgo em questão. Assim eu me sinto e essa maneira de sentir me traz uma doce sensação de plenitude, a certeza de ter atingido o ponto que quase todos passam a vida procurando.

Há aqui a tranqüilidade que eu buscava em meus anseios de adolescente romântica, a paz interior e o amor que eu sonhava. E tudo se resume em muito pouco: apenas esta sala, nem muito pequena, nem grande de mais, feita sob medida para ser o nosso mundo. Mas ninguém pense que o criamos para idilios tolos, como soe acontecer com tantos casais apaixonados. Só razões de atração fisica ou sentimental, viriam fatalmente incorrer também em engano. A natureza humana é muito complexa, logo nos estariamos fartando, caindo outra vez no mesmo abismo da insatisfação e da dúvida. Há aqui alimento para o espirito também. Tudo aquilo que mais gostamos, e a paz que desejáramos na vida. Êle, possui os livros de pensamentos profundos, eu, os meus autores prediletos, as minhas poesias preferidas de forte conteúdo.

E o que é mais valioso: o nosso mútuo entendimento, essa profunda compreensão das coisas que nos traz tão intimamente identificados e foi a causa de têrmos decidido criar êste mundo à parte, uma vez que não nos é dado vivê-lo abertamente.

Fora do nosso circulo, a vida continua e deverá continuar sempre a mesma. Repito: não temos o direito de sacrificar criaturas inocentes, firmando a nossa felicidade sôbre o infortúnio daqueles por cuja vida somos responsáveis. Assim, nossos momentos são poucos, mas só a certeza de que existe êsse mundo à margem da rotina de nossa vida cotidiana dá-nos coragem para continuarmos vivendo.

Hoje, por exemplo, estou aqui. Ambos temos chaves de nosso pequeno mundo, e, sempre que posso, mesmo sem prévio aviso, dou um pulinho até cá para um instante de ventura. Na sala vazia, quase sempre na penumbra, nessas ocasiões, eu sinto, em tudo o que me cerca, a marca das nossas presenças, uma atmosfera de equilibrio e de ternura que me comove e talvez pela grandiosidade tocante, nos redima do êrro que a humanidade fatalmente nos havia de imputar.

Já houve ocasiões em que nos encontramos por casualidade no nosso retiro. Entrei, de passagem, êle já estava na sua poltrona, em meio de seus livros. Foi um instante feliz aquêle, dentro de tôda a nossa felicidade. Falamos das nossas coisas, fizemos planos para as nossas próprias atividades e, depois, como complemento, as palavras de amor vieram devagarinho à superficie, naquele doce entendimento.

Aqui, vivemos, em geral, um em função do outro. E tudo sem esfôrço, espontâneamente, pela natural inclinação de nossos temperamentos. Sorte, dirão muitos; excentricidade, dirão outros. De qualquer forma, há muito de grandioso nesse modo de ser. Só o fato de nos respeitarmos mùtuamente, de têrmos adquirido êsse poder de, mesmo separados, às vêzes, pelos interêsses de nossas atividades, conservarmo-nos dentro do nosso plano de unificação, isto é, de compreendermos um a liberdade do outro, o fato de cada um ser um, dentro da própria homogeneidade tem sido um fator de indiscutível sucesso na nossa vida em comum. Nessa nossa maneira de ser, descobrimos o segrêdo da eterna atração recíproca, dessa necessidade que temos um do outro, essa sêde de estarmos sempre juntos. Enfim, da razão do nosso mundo, mesmo à margem, jamais ter descido no gráfico do nosso interêsse. Atingimos a meta e nos conservamos nela, num perfeito entrosamento, cabeça, coração e espirito.

Pode haver quem nos julgue excessivamente rigidos, seguindo assim um plano de unificação que fica a exigir muitas vêzes uma alta soma de autodominio, não sendo portanto uma entrega completa que cada um faz de si para o outro. Mas ai é que se teriam enganado: apesar das confidências, das pequenas queixas, pensamos ambos que não nos devemos escravizar a essas pequenas coisas, fazendo delas a razão precípua da nossa vida em comum. Isso em lugar de estreitar a nossa intimidade, havia de vir em detrimento do forte sentimento superior que nos dignifica tanto um aos olhos do outro. O nosso mundo deve ser para nós motivo de ventura e, penso eu, mesmo que nada mais houvesse fora dêsse circulo em que nos restringimos em breves instantes de contato real, ainda assim, haviamos de ser os mesmos, naturalmente se nos conservássemos dentro dêsse padrão que vimos mantendo até cá. Muitas vêzes tenho pensado nisso e, admitindo essa possibilidade, depois de tudo o que já passamos na vida, acho que entre nós não haveria hipocrisia, nem dúvidas,

(Cont. na pág. 42)



O VEREADOR CARLOS FRIAS e sua mãe, Sra. Zaidie da Nóbrega Frias, num flagrante que bem atesta a alegria da mãe pela surpreendente vitória do seu filho.



O VEREADOR SILVINO NETO quando mostrava a Carlos Frias o esbôço de um ante-projeto que pretende apresentar, brevemente, à Câmara. Deve ser coisa séria, e não como dizem, que o popular humorista pretende vender o Pão de Açúcar em fatias, a certos otários que há por aí... Apesar de pertencerem a partidos diferentes, os dois são muito unidos, o que é raro.

CARLOS FRIAS JÁ FOI SACRISTÃO

IGNORAVA AIMÉE ESSA FASE DA VIDA DO LOCUTOR DE VOZ TROVEJANTE ★ "SEMPRE DESEJEI SER ARTISTA, MAS MEU IDEAL MAIOR E' SER JORNALISTA", DECLARA A ATRIZ ★ A VERDADEIRA HISTÓRIA DA BOITE, A CONDENAÇÃO DO VEREADOR E A SUA ATUAÇÃO NA COMISSÃO DE FINANÇAS DA CÂMARA DE VEREADORES DO DISTRITO

Texto e fotos de ABDIAS RODRIGUES

MESES atrás, tomamos um ônibus, dêsses chamados "gostosões", na Avenida Rio Branco, rumo a Copacabana. Era um dia de sábado. Dezessete horas. O calor era estafante, mas a tarde estava magnífica. Buscavamos a zona sul, como um refrigério ao calor que, às 14 horas daquele dia havia chegado a 39 graus à sombra. No coletivo encontramos o escritor Alberto Montalvão, idealizador e fundador da nova doutrina — *"Energismo"*. Como se sabe, aos sábados à tarde, os ônibus trafegam relativamente vasios. Razão porque conseguimos sentar. Como não podia deixar de ser a palestra girou sôbre literatura. O escritor, depois de falar sôbre os seus livros que estão no prelo, ofereceu-nos um exemplar da sua terceira obra sôbre energismo e que se intitula — *Consciência de Fôrça"*. Curiosamente, abrimos o livro ao acaso, e lemos em determinado capítulo o seguinte:

"O homem forte não se deixa abater e continua os seus esforços até alcançar o objetivo. A árvore não cai com o primeiro golpe, mas só depois de muitas machadadas e de um grande trabalho. Quando vemos um homem que alcançou o êxito, esquecemos-nos do trabalho, dos sofrimentos, dos perigos que padeceu antes de alcançar posição. Todos os grandes homens tiveram de passar por grandes dificuldades, lutas e sofrimentos — sem dúvida a melhor disciplina para o caráter. O sofrimento faz surgir arco-iris, assim também uma calamidade faz surgir heróis. O homem precisa sofrer o contacto brusco da adversidade para se revelar em tôda a



NO SEU PROGRAMA diário, na Tupi, Carlos Frias, com a srta. Léda Maria distribui utilidades aos necessitados.

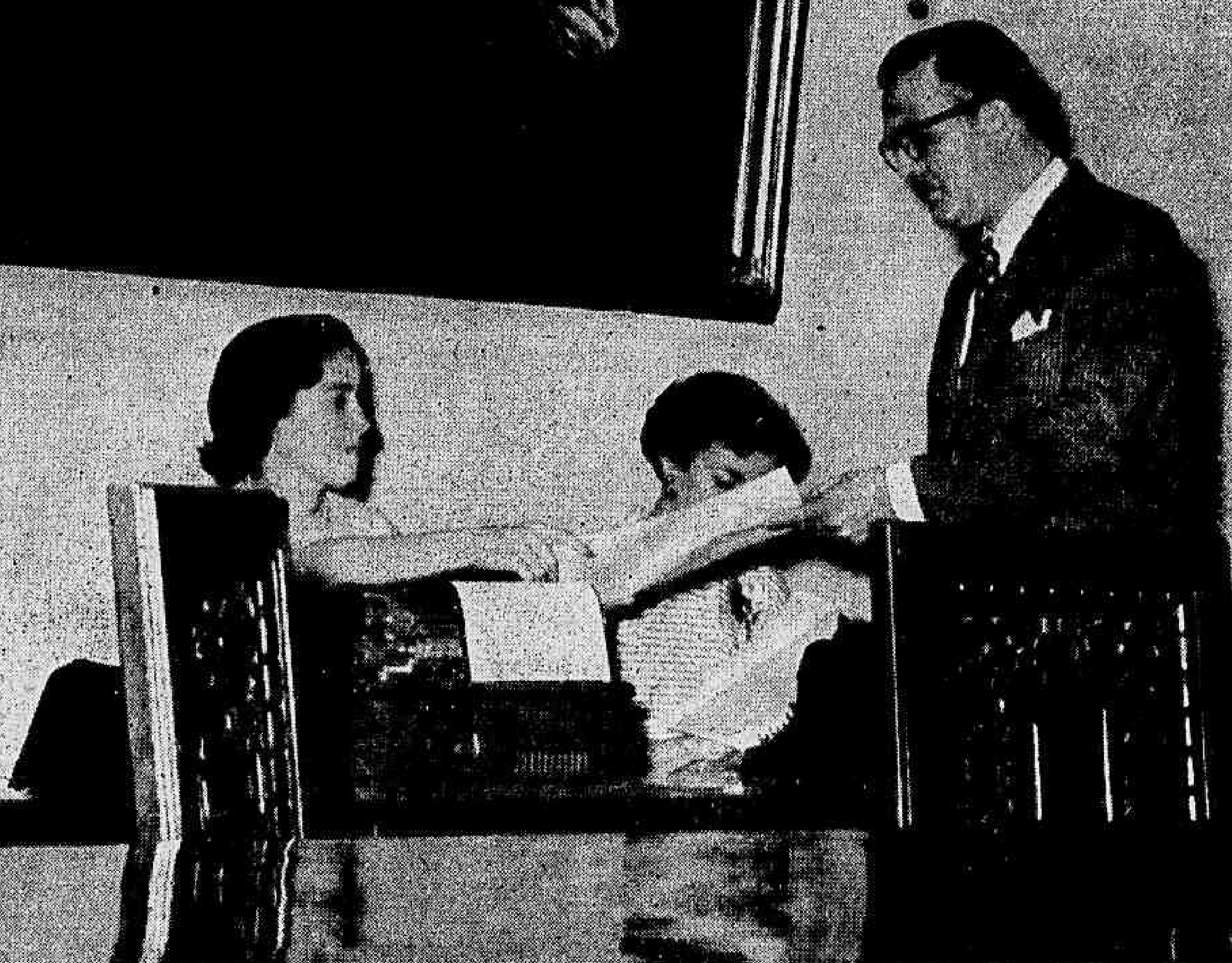


ESTA FOTO histórica é do tempo em que Carlos Frias fôra sacristão, na cidade de Santos, no Estado de São Paulo.



NA CÂMARA o vereador e locutor consulta a vereadora Ligia Lessa Bastos, secretária daquela casa do legislativo





UMA DAS COMISSÕES de maior importância da Câmara Municipal é, sem dúvida, a de Finan ças. Ali o trabalho é intenso. Relatórios e mais relatórios são apresentados referentemente a todos os projetos de lei. Na foto, um aspecto da sala, quando Carlos Frias, que faz parte da referida comissão, distribuía trabalhos às dactilógrafas Odília Barroso e Rute Soares Sousa.



CARLOS FRIAS conferencia com o líder do seu partido (UDN), o vereador Mário Martins, durante os debates. Logo após foi à tribuna e fez um aparte. Assim são os políticos de hoje



DEPOIS FOI NOVAMENTE à Comissão de Finanças e lá estêve a conferenciar com a sra. D. Maria da Conceição Cabral Estêves, dedicada chefe do serviço da referida Comissão.

CARLOS FRIAS JÁ FOI SACRISTÃO



AIMÉE TEM UMA biblioteca de mais de 1.200 obras sôbre teatro. E aqui a vemos deliciando-se.

sua fôrça. Há naturezas que se revelam quando a adversidade lhes bate à porta; a essas pessoas, uma atmosfera de descanso e bem-estar só prejudicará. E' necessário ao homem se habituar a lutar contra a adversidade, a ter confiança em si, em lugar de adormecer na apatia e na indolência. Sem luta não pode haver vitória. Se não existissem as dificuldades, os esfôrços seriam inúteis, se não houvessem sofrimento e privações, não existiriam a paciência e a resignação. A adversidade e a dor, não são males sòmente; são também manacial de fôrça, de disciplina e virtude. Aquêle que combate será sempre mais forte, mais hábil que o que fica fóra da batalha. A adversidade e a pobreza estimulam a perseverança das naturezas fortes e sãs, excitando a sua energia e desenvolvendo seu caráter. Todos os homens precisam encontrar em sua vida uma grande dificuldade, para mostrar a fôrça do seu caráter e do seu gênio. Essa dificuldade, uma vez vencida, torna-se um dos móveis mais poderosos do seu futuro progresso.

....

Um homem deve ter coragem de mostrar-se o que realmente é. Deve exercer as suas próprias faculdades, ter os seus próprios pensamentos, exprimir os seus próprios sentimentos, enfim, deve ter opinião própria, formando êle mesmo as suas próprias convicções. Quem não possui uma opinião sua é covarde; quem não tem vontade própria é passivo. À maioria dos homens falta a coragem. Marcham para o objetivo, mas, a cada passo sua coragem vai diminuindo. Falta-lhes a decisão, o valor, a perseverança. Calculam os riscos, pesam as probabilidades, até que passa o momento de realizar o esfôrço talvez para nunca mais voltar. Um homem para ser digno dêsse nome, deve ser inimigo da mentira, da opressão, do vício, da iniqüidade, da fraude...

...Ao lermos a última frase a nossa atenção foi desviada por um jornaleiro que, numa parada do ônibus, gritava: "A Notícia" — última hora. Carlos Frias — condenado... Vai querer?!... Olha "A Notícia"... O coletivo prosseguiu, mas, atrás o garoto continuava gritando: "Carlos Frias foi preso — vai querer?!...

Fechamos o livro e interrogamos ao autor de tão salutares páginas, que se achava sentado ao nosso lado:

— Que você acha disso... como é que se condena um homem



APÓS OS AFAZERES DOMÉSTICOS e os seus estudos de teatro, Aimée sai com os seus belos cães para dar um passeio pela praia. «Black» e «Pretinho», assim se chamam os dois belos e valentes cães, companheiros do casal.



ÀS VÊZES os trabalhos são invertidos, isto é: êle dita e ela dactilografa. E diga-se de passagem, assim, em perfeita harmonia, vivem os casais felizes. Que sirva o exemplo para muitos.



A SUA ATIVIDADE, no entanto, não pàra após o expediente da Câmara. Êle vai para casa e lá tem como secretária e companheira a atriz Aimé, que passa a ditar os trabalhos.



EM PLENO SÉCULO da era atômica! Carlos Frias e sua companheira Aimée, assistem a um programa de televisão. O lar... Que maravilha,quando se vive em harmonia, como êstes dois! Para êle o mundo começa e acaba no seu apartamento.

CARLOS FRIAS JÁ FOI SACRISTÃO



CÉSAR LADEIRA coleciona cachimbos; Celso Guimarães, prataria; Carlos Frias, miniaturas. Cada um com suas...

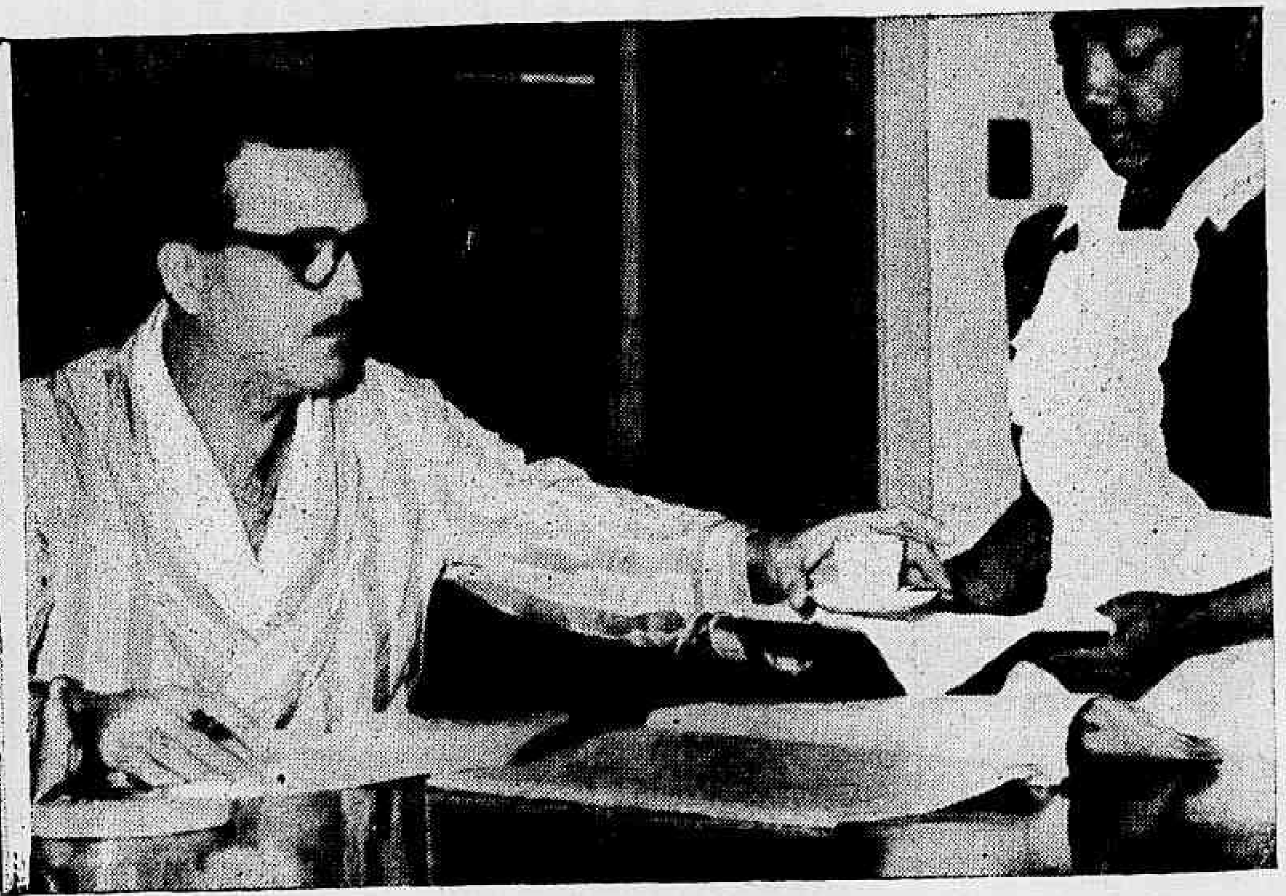
que acaba de ser sufragado nas urnas, quando se sabe que vilões, chantagistas de casaca e estelionatários internacionais estão aí, às soltas, zombando, escarnecendo, das nossas leis e da boa fé de todos, hein, que me diz?

— "Injunções políticas, meu caro. Dentro de poucos dias o país terá novo govêrno; serão, *ipso facto*, diplomados e empossados todos os representantes do povo nas Câmaras e Senado. Ora, prevendo isso, os inimigos políticos do sr. Carlos Frias prepararam êsse golpe contra êle. Com a cumplicidade dos mais interessados, apressaram o desfecho do processo. Quiseram com isso evitar que o vereador fosse diplomado..." E tendo adquirido um exemplar do jornal Montalvão passou a ler a nota que o dr. Sobral Pinto, advogado do vereador, destribuiu aos jornais:

(Cont. na pág. 46)



NA FARTA MESA do vereador há sempre um talher a mais para os amigos. Foi o que aconteceu com êste repórter, a srta. Lícia Lemos e o sr. Joaquim Noronha, que vemos aqui.



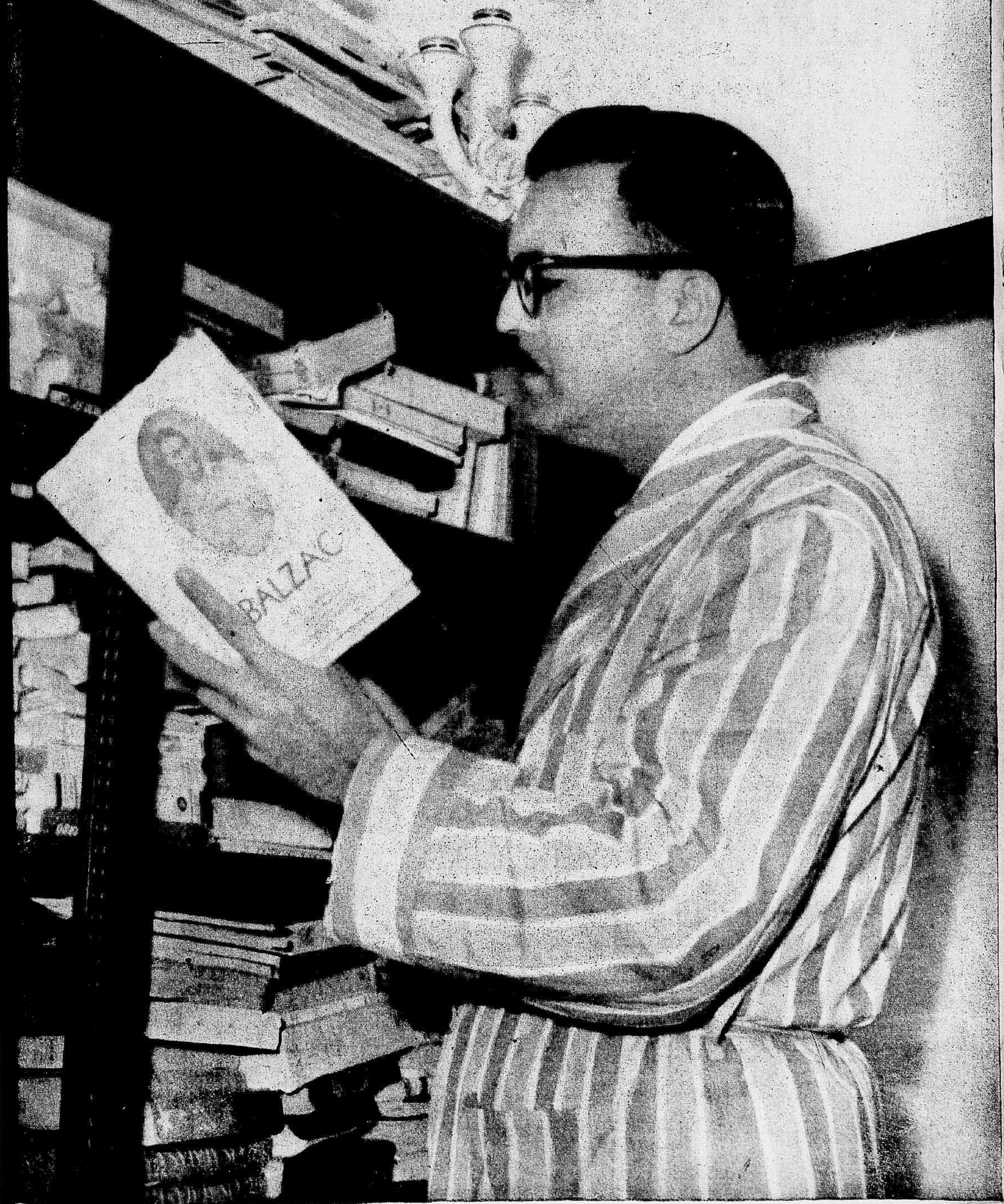
DEPOIS DO ALMÔÇO um cafèzinho. E logo em seguida, mãos à obra. Não há tempo a perder, diz Carlos Frias. O tempo passa e não espera por ninguém. Assim, aproveitemos...



DEPOIS DE DAR banho nos cães o feliz casal passa a penteá-los. E' um dos trabalhos de recrelo que êles fazem com prazer. O maior é dêle e o menor é dela. Cada qual zela pelo seu.



MAS, AS VEZES, Pretinho vai para o colo do vereador e Black para o da atriz. E um fica olhando para o outro, como cães - naturalmente! E nem podia ser de outro forma, ora bolas!



CARLOS FRIAS, o locutor de voz trovejante, é amante das artes, da música e das letras, sendo Balzac o seu autor predileto.

PROVINCIANO astucioso

CONTO DE M. LOURDES H. B. DA COSTA JUDICE

REFESTELADO no seu confortabilíssimo Jaguar, o coronel Cipriano castigava, nervosamente, a ponta de um charuto. Enquanto isso, o Zé procurava bem desempenhar suas funções de chofer de fazendeiro rico. Sim, porque ser chofer é profissão banal, porém, ser chofer de fazendeiro abastado, solteirão, boa-vida, equivale a ter que se sujeitar a seus caprichos e desigualdades de humor; a ter que freqüentar os mais variados ambientes, bancando, ora o enfermeiro cuidadoso, ora o advogado interessado, ora o - detective, quando não o capanga. Mas, assim como faz as vêzes de pai extremoso, interpreta, também, a miúde, o papel de filho mimado!

Assim acontecia com o Zé do coronel Cipriano. Quando em viagem, partilhavam da mesma mesa e do mesmo quarto, apesar de lá uma vez ou outra algum dono de hotel, e principalmente nas estações de água, tentar barrar a entrada do chofer:

— O senhor vai desculpar — diziam ao coronel — mas o chofer não pode ficar aqui.

— Sabe lá você o que diz? Êle é o dono do carro, *sô*... Eu sou apenas um convidado dêle. Só por que o Zé é prêto? Pois fique sabendo que é dono de três prédios em Copacabana!

O Zé ficava no hotel e a carteira do Zé recheadinha... O Zé trajava-se elegantemente, sabia ser cavalheiro, moço educado, fino e também... finório!

★

O Jaguar, último tipo, distintíssimo na sobriedade de suas linhas, rodava sôbre o asfalto. Saíra de Campos às cinco da manhã e chegara a Niterói antes das 10 horas. Nas barcas começara o suplício do Zé. Êle bancara o bonzinho, primeiro, depois o zangado, mais tarde o valente e, novamente, o mansinho... Mas só atravessaram para o Rio às catorze horas!...

E enquanto isso, o coronel, repimpado lá dentro do carro, tirando uma boa soneca. Quem o visse, anteriormente, metido dentro de um par de botas de cano comprido, com vastíssimo chapelão, a percorrer seus imensos canaviais, juraria que se tratava de algum colono, tão tostadinho e velho já estava! Mas, ali, dentro do carro, cabeça descoberta, exibia uma cabeleira branquinha de maestro e, contrastando com o tom quase chocolate do rosto, uma testa tão lisa e branca que até parecia feita de pele de brotinho! E havia, também, aquêle brilhantão acintoso no alfinête da gravata!

O Jaguar entrou pela avenida Rio Branco indo parar defronte de um hotel. À noite, o coronel saiu sòzinho. O Jaguar na limpeza, o Zé cansado! O jeito seria mesmo uma rodinha de pôquer na mesa de algum amigo.

E o Zé? Sòzinho no Rio e naquele hotel?!... O Zé, abandonado e triste, sem o Jaguar e sem o coronel, não era Zé! E tôda aquela gente estranha a olhar para êle como se fôsse... Bem. Gente importante aquela: doutôres, artistas, negociantes, políticos, turistas... E êle? *Apenas* o Zé do coronel Cipriano? Pois sim... O coração do Zé foi diminuindo, diminuindo, diminuindo...

Foi quando deu a "coisa" nêle: Pediu uma dose no bar do hotel e acendeu enorme charuto! Olhavam-no de esguelha, mas ninguém, pròpriamente, o *notava*. — "Que safôro!" — e tamborilava, nervosamente, no cristal da mesa. Ouviu comentários sôbre as cotações da bôlsa; sôbre a vitória da Tirolesa; sôbre a política nacional... Nada. Não: êle, Zé, também era filho de Deus... Por que teimava o mundo em girar sem a opinião dêle? E exclamou bem alto:

— Puxa, *sô*! Que ligação demorada! E' um fracasso a nossa Telefônica!

— Por que, meu caro? — indagou-lhe alguém.

— Ora, há quatro horas chamei para Campos, a fim de falar com o gerente da "minha" fábrica de goiabada e, até agora, não consegui nada. E' desanimador. Vou cancelar a ligação, pois o homem não deve estar mais lá. E que prejuízo vou ter!

O Zé sumiu por alguns instantes, voltando pouco depois com algumas amostras de goiabada enroladas em palha de milho.

— Provem só. Não é uma delícia a minha goiabada? Mais da metade dos presentes rodeava o Zé. — "Ah! — dizia êle com os seus botões — conheceram, seus papudos? José Martins da Conceição é pretinho, pretinho, mas tem massa cinzenta dentro do seu bestunto."

E gesticulava:

— E' possível que o Jorge tenha expediente. E' sim. O meu gerente é um *branco* ativo. Meio cabeçudo, mas é ativo.

Deliciava-se o chofer do coronel Cipriano com o efeito causado pelas suas palavras. Mas, acolá, ainda se achavam alguns indiferentes, arredios, desinteressados. Aquilo lhe parecia o supra-sumo da desconsideração.

— "Não. Aquêles também teriam que se chegar... Ora se!" — e continuou:

— Fomos criados juntos, eu e o meu gerente. Juntos nadamos no Paraíba, andamos a cavalo, toiamos, fumamos o primeiro cigarro e tomamos a primeira pinga. Depois — e o Zé acendeu mais outro charuto — aconteceu aquêle caso escabroso com o pai dêle. Sim senhores. Escabroso é pouco! Fico até arrepiado ao me lembrar. Foi lá onde nasci, lá na Mombaça, numa sexta-feira, que o pai do Jorge morreu. Trataram logo do caixão e dos avisos. Os compadres do falecido, os amigos dos filhos do falecido, as comadres da viúva do falecido, que na roça tudo é parente; quando não é de sangue é de água de pia de igreja... Choraram a desgraça até às 11 horas da noite. Então, os compadres enxugando os cantos dos olhos, mandaram as mulheres fazer café, chamaram o Jorge pra velar o defunto e foram fazer uma fêzinha no trunfo. Eu tinha 12 anos; fiquei com o meu amigo, sentado em cima de um caixote de querozene, a olhar o morto. Não conseguia mexer muito os olhos, que estavam cheios de pedrinhas... Mas era preciso enganar o sono, que o Jorge já estava, traiçoeiramente, sendo por êle enganado! A salvação apareceu em forma de um cascudo.

— Cascudo? — indagou um dos ouvintes.

E o Zé podia ver, enfim, todo o pessoal do bar prêso à sua história fantástica

— Cascudo, na minha terra, é besouro prêto, sim senhor, dêsses que gostam de azucrinar vela e lampião. Então, p'ra engambelar meu sono, passei a brincar com o cascudo. Unhei o dito e zás... Assestei o bicho bem na testa do morto. E fiquei olhando, olhando, p'ra ver se êle saltava. Olhando... Olhando (Aí, o Zé podia engasgar. A assistência era numerosa, a expectativa geral). E êle ia enrolando:

— O cascudo tava lá. E eu fiquei peruando... peruando... peruando .. p'ra ver se êle saltava.

— E saltou?

— Quem? Assustou-se o Zé, cuja imaginação fervilhava.

— O cascudo!?

— Não. Quem saltou foi o peru.

— Peru?!

— Sim, senhores. Um peru enorme. Trepou no morto e: Tummm... Peru de roda, conhecem? O leque de penas todo aberto, a barbela roxinhazinha. O peru comeu o cascudo, trepou em cima do nariz do morto e: Tummm... Aí foi que o negócio arruinou. O peru foi num direto para a fechadura e: Tummm... — sumiu! Quando dei comigo o falecido também se enfiava pelo mesmo buraco da mesma fechadura da porta do quintal... só ficaram os pés de fora, durinhos... branquinhos... Foi quando gritei para o povo da casa. As comadres desmaiaram. Saiu tudo que era homem atrás do falecido e... nada. A cachorrada uivava que nem vento sul em casa de sapê! Meus cabelos ficaram esticadinhozinhos... Sim, senhores! Êsse *pico* que tá aqui: esticadinhozinho! Bateram tudo e não acharam nem defunto, nem peru. Mas, como os senhores já perceberam, não ficava bem aquilo. O caixão continuava lá. Aquela gente tôda tinha vindo enterrar um morto. E as velas? E o carro de bois? E o almôço depois da função? A vitela já estava amarrada p'ra morrer. Não. Tinha que tê entêrro, sô! Que desmoralização medonha não tê entêrro, sô! Uns cabras lá não se conformaram e tiveram uma idéia:

— Vamo enchê o caixão de qualquer jeito, mas tem que tê entêrro!

E encheram mesmo — continuou o Zé. — Cortaram um pé de "bananeira" e colocaram no lugar do defunto. Fecharam bem o caixão e tocaram p'ro cemitério. Caixão, na roça, é trancado com cadeado, sim senhores. Cemitério lá não tem portão, nem pobre pode botar pedra pesada em cima de sepultura. Tá p'ra os desavergonhados amigos do olheio irem rancar dente de ouro dos falecidos "miozinhos" de vida... Que, roceiro que se preza tem dente de ouro, sim senhores! E lá tocaram êles p'ro cemitério. Longe p'ra chuchu! O

(*Cont. na pág.* 42)



ILUSTRAÇÃO DE JERONYMO RIBEIRO

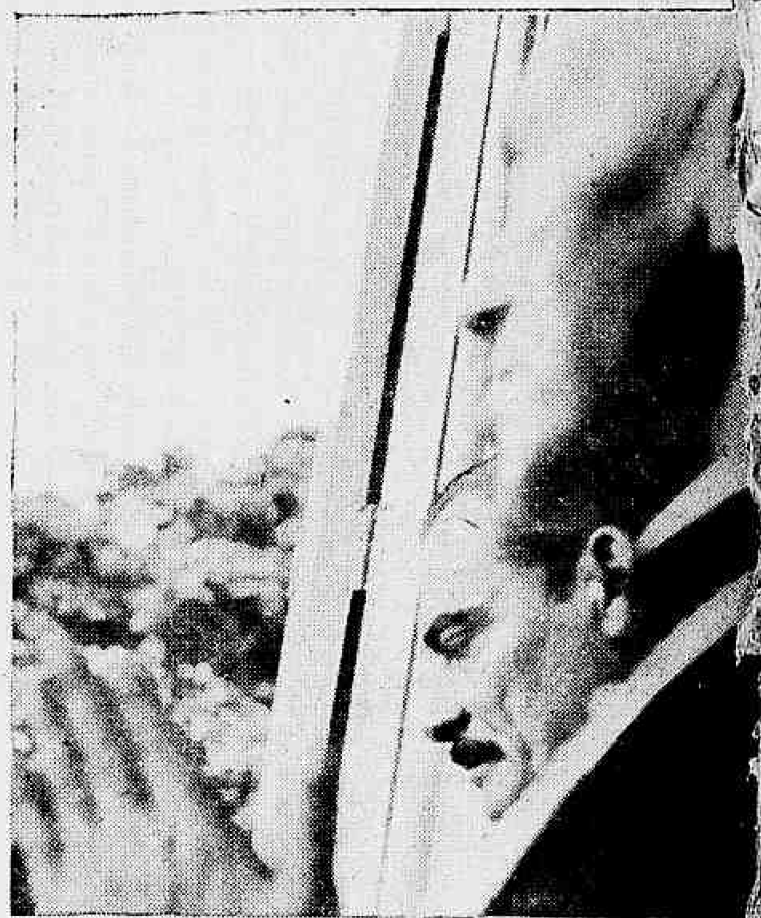


O ADEUS DE PADRE ANTONIO...

A DIREÇÃO DO HOSPITAL dos Marítimos prestor ao Padre Antônio expressiva homenagem. Foi lavrada uma ata com a presença de vários médicos e pessoas gradas, na qual ficou especificado que os pertences do sacerdote passaram a pertencer ao hospital. Vemos, na foto, o dr. Soares Brandão, diretor do hospital, o dr. Condeixa Filho e o administrador, sr. Silvio Silva.

FIQUEM COM DEUS E N. S. DAS GRAÇAS

ASSIM SE DESPEDIU DO POVO CARIOCA O VIRTUOSO VIGÁRIO DEPOIS DE ABENÇOAR A TODOS OS FIÉIS ★ "NÃO PROMETO VOLTAR PORQUE JÁ SOU MUITO VELHO; MAS LÁ EM URUCÂNIA CONTINUAREI DANDO MINHAS BÊNÇÃOS" ★ A HOMENAGEM DA DIREÇÃO DO HOSPITAL DOS MARÍTIMOS; A EMOÇÃO DO BONDOSO SACERDOTE E A EXPRESSÃO QUE USOU PARA DISSIPAR AS LÁGRIMAS. . . "QUEREM OBRIGAR-ME A SER SANTO"



APÓS três meses e meio de permanência nesta Capital, onde estêve em tratamento no Hospital dos Marítimos, regressou à sua diocese, em Urucânia, o milagroso Padre Antônio. Como já tivemos ocasião de noticiar, o virtuoso sacerdote submeteu-se a melindrosa operação das vias urinárias, naquele hospital, tendo sido salvo por Nossa Senhora das Graças, segundo depoimento do dr. Condeixa Filho, cirurgião que o operou.

Até o dia 30 de dezembro de 1950 o Hospital dos Marítimos era pràticamente desconhecido pelo povo. Todavia, assim que o piedoso vigário de Urucânia foi internado ali êle tornou-se conhecido em todo o Brasil. O quarto número 10, o leito e os pertences, como lençóis e toalhas, etc., usados por Padre Antônio, tornaram-se preciosas relíquias para os que militam naquele nosocômio.

Na véspera da partida de Padre Antônio para Urucânia, isto é, no dia 21 de abril, na parte da manhã, a direção do hospital prestou comovente homenagem ao bondoso vigário. O dr. Soares Brandão falou-lhe da gratidão pela confiança que depositara no pessoal e pelos préstimos como capelão dos marítimos. Assinalou que é pensamento da direção do hospital mandar fazer uma placa de bronze cujos dizeres recordarão a permanência do famoso sacerdote nas suas dependências. Na parede



DA JANELA DO HOSPITAL Padre Antônio lança a sua bênção aos fiéis que superlotavam o pátio e jardim da casa de saúde. Flagrante do momento em que aspergis água benta.



ASPECTO DA SAIDA do povo pelo portão principal do hospital. Como sempre acontece houve borborinho. Mas no fim, tudo saiu bem. Ninguém se machucou, apesar dos pesares.



UMA VERDADEIRA multidão compareceu à última bênção que o piedoso Padre Antônio concedeu aos fiéis na véspera de sua partida para Urucânia. Moços e velhos, pobres e ricos, doentes portadores de diversos males, ali compareceram, conduzindo medalhas, rosários e garrafas com água para serem benzidos. O dia estava chuvoso, mas não constitui impedimento.

do quarto, provisòriamente, foi colocado um quadro em que se lê: "Neste quarto estêve internado, no período de 31 de dezembro de 1950 a 22 de abril de 1951, o Rvmo. Padre Antônio Ribeiro Pinto, vigário de Urucânia, cuja abnegação e humildade foram um exemplo para todos os que tiveram a ventura de conhecê-lo."

O Padre Antônio, ao ouvir os elogios e o reconhecimento à sua ação religiosa, estava deitado no leito, segurando uma estampa de Nossa Senhora das Graças, a qual benzeu e foi colocada sôbre a cabeceira da cama. Fêz um sinal para o seu sacristão. Um lenço lhe foi estendido e o padre enxugou grossas lágrimas que lhe rolavam pelas faces. E, com uma ponta de humor, como para dissipar a emoção, disse: "Querem obrigar-me a ser santo!"

O presidente do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos, engenheiro Amâncio Palmeiro, formulou um panegírico ao piedoso vigário de Urucânia. Em seguida, foi lida e assinada a seguinte ata: "Aos 21 dias do mês de abril de 1951, no quarto n. 10, do Hospital dos Marítimos, à rua Leopoldo n. 110, no Andaraí, nesta Capital, presente o Padre Antônio Ribeiro Pinto, engenheiro Amâncio Palmeiro, presidente do I.A.P.M., dr. Antônio Soares Brandão, diretor do hospital, dr. José Condeixa Filho, cirurgião- assis-



OUTRO FLAGRANTE do bondoso sacerdote de Urucânia entre o dr. Condeixa Filho, cirurgião que o operou, e o dr. Soares Brandão, diretor do hospital. Vemos ainda o sr. Sílvio Silva



UM GRUPO DE FIÉIS, vendo-se, de muleta, a sra. Herefília Guimarães, sua neta, srta. Maria Morais, sta. Maria de Lourdes Carvalho, de têrço na mão, e srta. Almerinda Martins.



FLAGRANTE DA memorável e última bênção do Padre Antônio no Rio de Janeiro



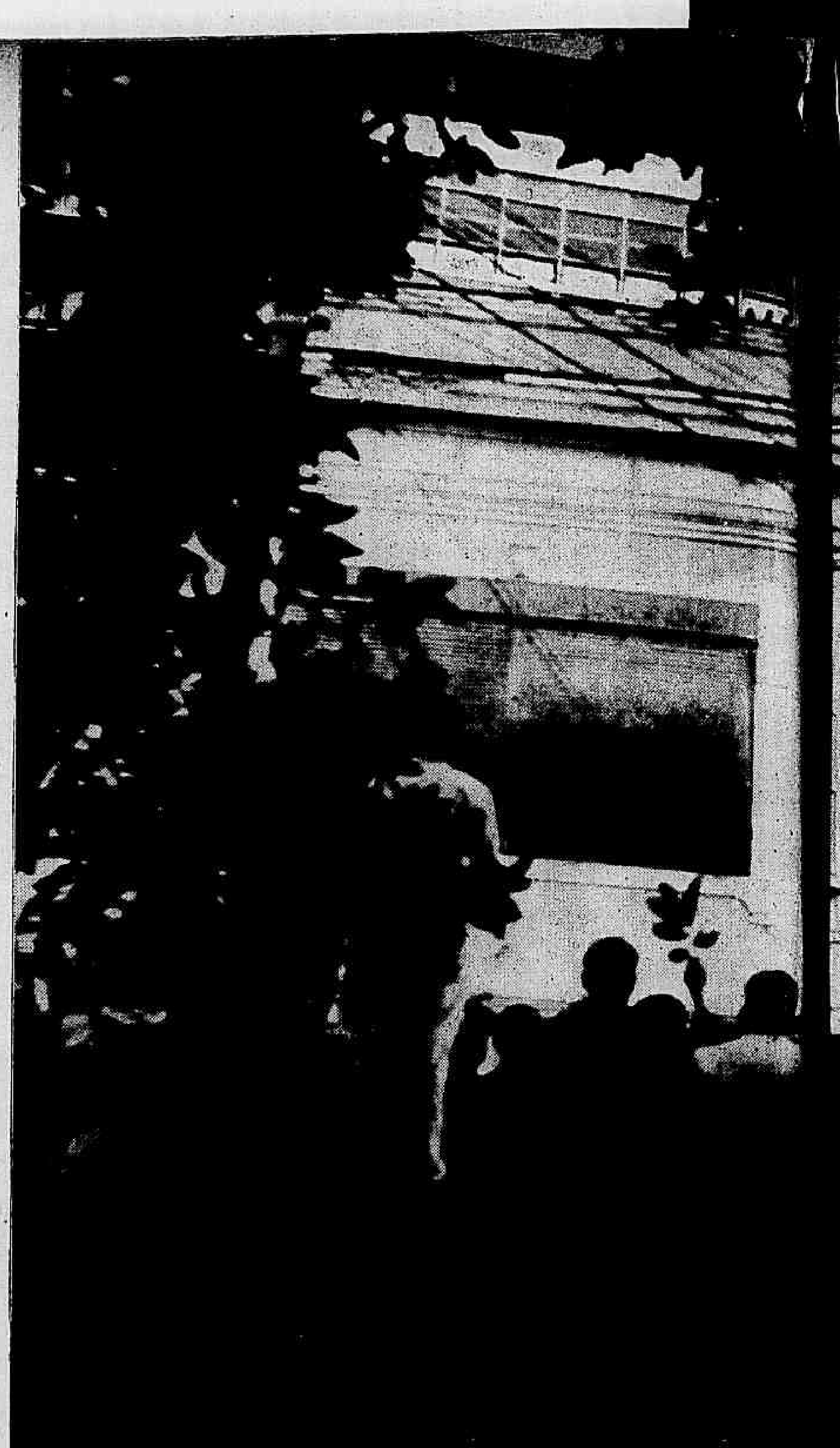
tente do padre, sr. Silvio Silva, administrador do mesmo, dr. Mário Monteiro Machado, assistente técnico do diretor, foi encerrada nesta caixa a roupa de uso e cama constante de: 2 lençóis, 1 toalha de rosto, 1 palitó de pijama, 2 fronhas e 1 traçado, com o qual passou a última noite neste hospital, depois de um tratamento clínico e cirúrgico durante o período de 31 de dezembro de 1950 até hoje, o bondoso Padre Antônio, cujo exemplo de humildade, grandeza de coração e espirito cristão tanto emocionaram e tornaram felizes aquêles que dêle tiveram a ventura de se aproximar. Êstes objetos, por vontade expressa do humilde e virtuoso sacerdote, ficam como propriedade dêste hospital. Eú, Silvio Silva, administrador do hospital, lavrei esta ata que, depois de dactilografada, foi por mim e demais presentes devidamente assinada."

O professor Artidônio Pamplona, que examinou o Padre Antônio, em nome dêste agradeceu às demonstrações de aprêço que se lhe faziam e pôs em relêvo a sua obra espiritual no interior mineiro, empolgando a todo o pais. O diretor, sr. Soares Brandão, pediu-lhe: "Padre... agora que o senhor vai retirar-se, deve prometer-nos uma coisa: — que voltará para inaugurar a placa de bronze que vamos colocar aqui". O semblante do septuagenário abriu-se num sorriso bondoso... "Prometer, não prometo. Sou muito velho para isso..." Todavia, acentuou a sua vontade em retornar ao Rio e visitar o Hospital dos Marítimos.

★

Às 3 horas da tarde do mesmo dia, depois de lançar a sua bênção aos fiéis que acorreram ao hospital, Padre Antônio despediu-se do povo carioca dizendo: "Adeus!... Fiquem com Deus e Nossa Senhora das Graças". Dava, assim, o virtuoso reverendo a sua terceira bênção coletiva nesta Capital. As duas primeiras foram dadas nos dias 8 e 9 de abril. Foi grande a emoção. Uma verdadeira multidão de fiéis lotava o jardim e o pátio do hospital, espalhando-se também pelas ruas Leopoldo e Gastão Penalva. Uma chuva impertinente provocava, às vêzes, reboliço no povo que procurava abrigo.

Semelhante às vêzes em que apareceu na janela de sua residência, em Urucânia, o olhar envolvendo a multidão aflita, para,



CLOSE-UP do Padre Antônio feito durante a sua última bênção no Hospital dos Marítimos. Em baixo, um aspecto da multidão.

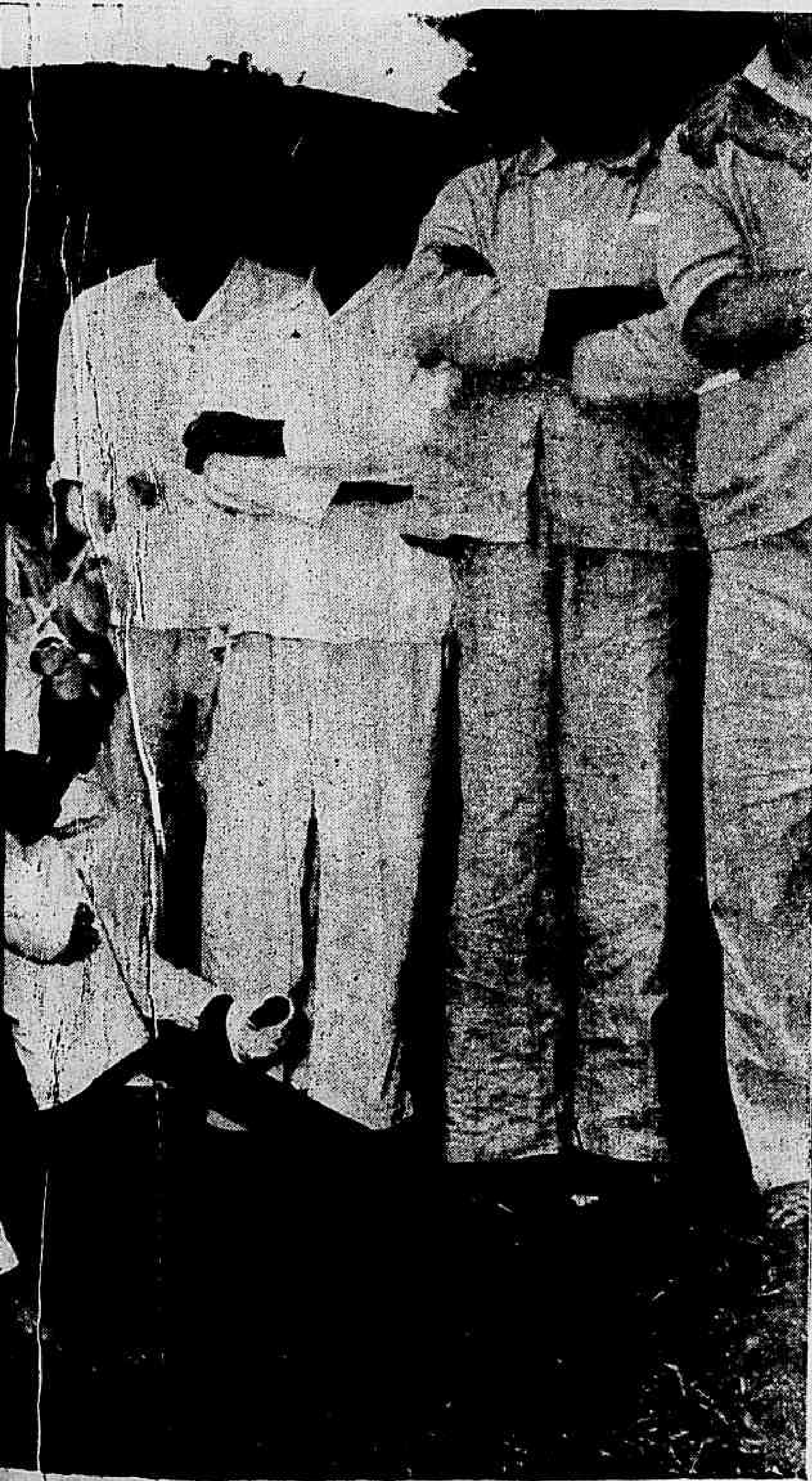
O POVO, no entanto, não se conformou com uma única bênção e permaneceu... mais uma vez à janela do hospital para uma segunda bênção. O tempo era ch...







dependências do hospital. O piedoso vigário teve pena e compareceu
s, nem mesmo os doentes desistiam. Em baixo, a prova do que afirmamos.



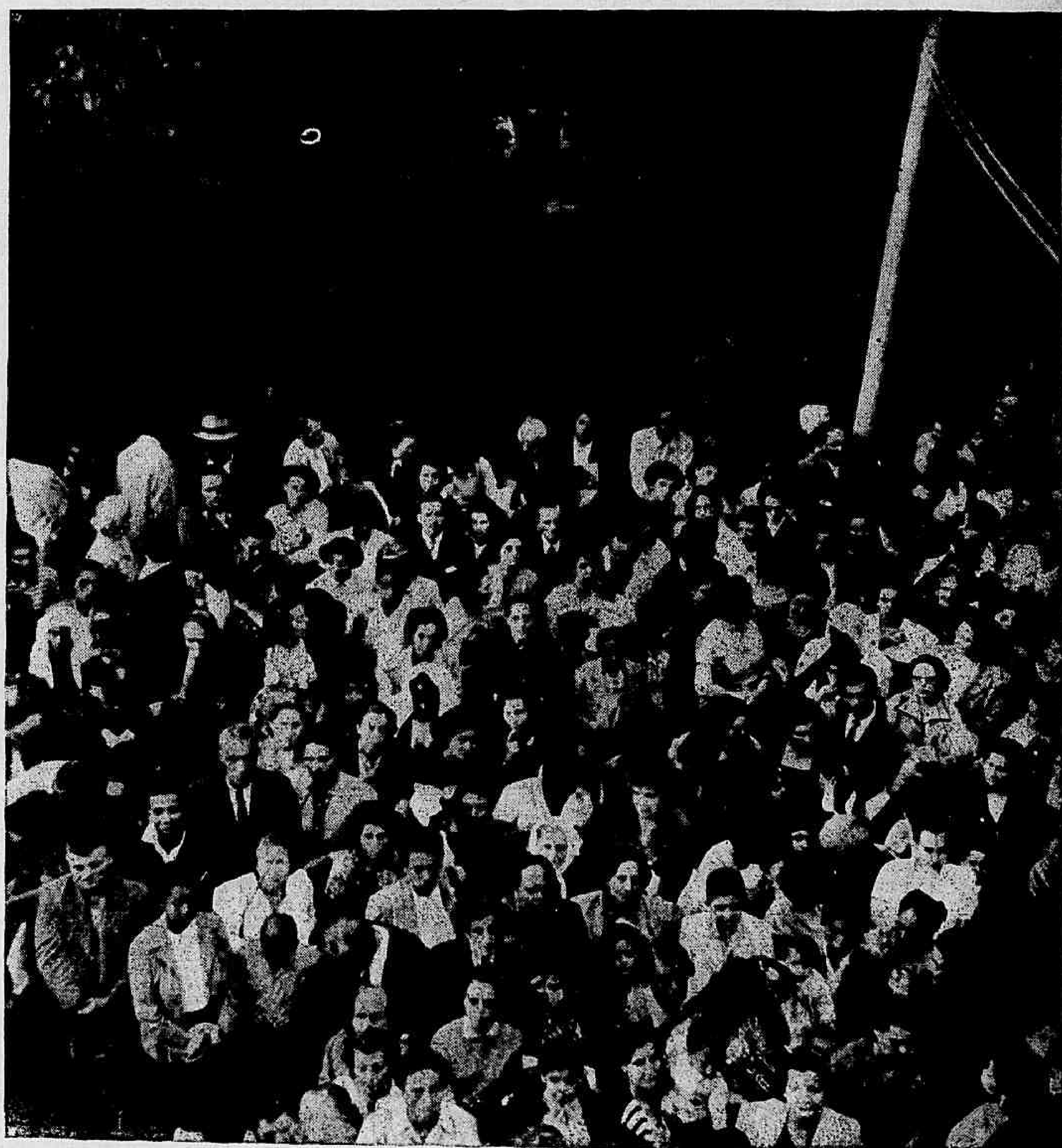
ungido de crença, abençoar a onda humana de fiéis. Padre Antônio, assomou a uma sacada do Hospital dos Marítimos, contrito e invocando Nossa Senhora das Graças. O povo dando vivas e batendo palmas, gritou: "E' êle, o milagroso!" Com um sorriso de bondade nos lábios, mostrando os cabelos brancos e com a voz pausada, o famoso vigário da cidade mineira de Urucânia, abriu os braços, como querendo abraçar a todos, agradecido e fazendo convergir sôbre a sua pessoa a ânsia dos milhares de católicos presentes. Depois de fazer uma oração acompanhado por todos, Padre Antônio concedeu-lhes a bênção esperada, notando-se alegria em todos os semblantes. Abençoou a todos e as garrafas com água, medalhas e efígies que eram suspensas por mãos nervosas. Apesar do tempo chuvoso, o povo, em grande parte, permaneceu nas alamêdas do hospital, rezando e pedindo, mais uma vez, a sua presença. Às 17 horas, foi transmitido aviso e êle reapareceu para a segunda bênção, naquele dia, sendo delirantemente aclamado, numa apoteose de fé cristã. Dessa vez interessou-se vivamente pela sra. Rayamunda Ricardo da Silva, entrevada numa cadeirinha e por um outro doente de paralisia há 20 anos, Anísio Francisco Rodrigues, concedendo-lhes bênçãos especiais e oferiando a ambos medalhas de Nossa Senhora das Graças, dizendo: "Ponha dentro de um copo d'água e reze 3 Ave-Marias e 3 Santa-Marias."

★

O milagre é um fato que excede às leis naturais. E' uma graça de Deus àqueles que Êle, na sua sabedoria, julga merecedores. E o virtuoso Padre Antônio sabe tão bem que é assim, que pede a todos que o buscam, que façam penitências, que peçam perdão de seus erros e de suas faltas, que roguem à Virgem Santíssima que os socorra, que se coloquem, enfim, em estado de graça para que os favores pedidos lhes cheguem por intermédio da bênção. Aconselhando novenas e comunhão para alcançar as graças divinas, lembrando sempre São José, protetor das causas desesperadas. Padre Antônio, recomenda que os fiéis rezem sete vêzes o Padre Nosso, a Ave-Maria e o Glória Patri, durante nove dias, aplicados às Sete Dores e aos Sete Gozos do Coração de São José. Recomenda, ainda, que se faça a novena em honra da Vir-



OUTRO CLOSE-UP do piedoso sacerdote, sem óculos. Novamente em baixo, a multidão ouve as palavras do bondoso vigário.



Nem CORÔA!

NÃO!

O DR. COOVER, DA UNIVERSIDADE DE STANFORD, CALIFORNIA, DEPOIS DE REALIZAR MAIS DE ONZE MIL EXPERIENCIAS SOBRE TELEPATIA EXPERIMENTAL, CONCLUIU NÃO SER POSSIVEL ESTABELECER QUALQUER SINAL QUE PROVE A TRANSMISSIBILIDADE DE PENSAMENTO.

NO CASO DE ILGA, UMA MENINA DE 10 ANOS, NATURAL DA LETONIA, QUE, TRABALHANDO COM A MÃE, POSSUIA O PODER DA TRANSMISSÃO DO PENSAMENTO, FICOU PROVADO QUE O TRUQUE CONSISTIA NUM CODIGO DE SINAIS ACÚSTICOS E VISUAIS.

ISOLADAS ACUSTICAMENTE, MÃE E FILHA, A MENINA POR DIVERSAS VEZES GRITOU:



NÃO ESTOU OUVINDO NADA, MAMÃE!

PRETO NO BRANCO



PENHOR

PENSAMENTO

A HISTORIA DO MATRIMONIO É A HISTORIA DA HUMANIDADE.

S. CATALINA

gem Imaculada da Medalha Milagrosa, que é a seguinte:

"Sinal da cruz... Ato de contrição... 3 vêzes: Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós.

1º DIA — PRIMEIRA APARIÇÃO

Contemplemos a Virgem Imaculada, em sua primeira aparição à bem-aventurada Catarina. A piedosa noviça, guiada por seu Anjo da Guarda, é apresentada à Imaculada Senhora. Consideremos sua inefável alegria. Seremos também felizes como a bem-aventurada Catarina, se trabalharmos com ardor na nossa santificação. Gozaremos as delícias do Paraiso, se nos privarmos dos gozos terrenos.

3 Ave-Marias, acrescentando cada vez: Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós.

2º DIA — LAGRIMAS DE MARIA

Contemplemos Maria, chorando sôbre as calamidades que viriam sôbre o mundo, pensando que o Coração de seu Filho, seria ultrajado, a cruz escarnecida e seus filhos prediletos perseguidos. Confiemos na Virgem compassiva, e também participemos do fruto de suas lágrimas.

3 Ave-Marias, etc.

3º DIA — PROTEÇAO DE MARIA

Contemplemos nossa Imaculada Mãe, dizendo em suas aparições à bem-aventurada Catarina: "Eu mesma estarei convosco: não vos perco de vista e vos concederei abundantes graças". Sêde para mim, Virgem Imaculada, o escudo e a defesa em tôdas as necessidades.

3 Ave-Marias, etc.

4º DIA — SEGUNDA APARIÇAO

Estando em oração a bem-aventurada Catarina a 27 de novembro de 1830, apareceu-lhe a Virgem Maria, formosíssima, esmagando a cabeça da serpente infernal. Nessa aparição se vê seu desejoimenso de nos proteger sempre contra o inimigo de nossa salvação. Invoquemos a Imaculada Mãe com confiança e amor.

3 Ave-Marias, etc.

5º DIA — AS MAOS DE MARIA

Contemplemos, hoje, Maria desprendendo de suas mãos raios luminosos: "Êstes raios, disse ela, são a figura das graças que derramo sôbre todos aquêles que m'as pedem e aos que trazem com fé minha medalha". Não desperdicemos tantas graças! Peçamos com fervor, humildade e perseverança, e Maria Imaculada nô-las alcançará.

3 Ave-Marias, etc.

6º DIA — TERCEIRA APARIÇÃO

Contemplemos Maria, aparecendo à bem-aventurada Catarina, radiante de luz, cheia de bondade, rodeada de estrêlas e mandando cunhar uma medalha, prometendo a todos que a trouxerem com devoção e amor, muitas graças. Guardemos fervorosamente a santa Medalha e, como um escudo, ela nos defenderá nos perigos.

3 Ave-Marias, etc.

7º DIA DA NOVENA E 1º DO TRIDUO

Ó Virgem milagrosa, Rainha excelsa, Imaculada Senhora, sêde minha advogada, minha protetora, meu refúgio e asilo nesta terra, minha fortaleza e defesa na vida e na morte, meu consôlo e minha glória no Céu.

3 Ave-Marias, etc.

8º DIA DA NOVENA E 2º DO TRIDUO

Ó Virgem Imaculada da Medalha milagrosa, fazei que êsses raios luminosos, que irradiam de vossas mãos virginais, iluminem minha inteligência para melhor conhecer o bem, e abrazem meu coração com vivos sentimentos de fé, esperança e caridade.

3 Ave-Marias, etc.

9º DIA DA NOVENA E 3º DO TRIDUO

Ó Mãe Imaculada, fazei que a cruz de vossa Medalha brilhe sempre diante de meus olhos, suavize as penas da vida presente e me conduza à vida eterna.

3 Ave-Marias, etc.

ORAÇÃO

Santíssima Virgem, eu creio e confesso vossa santa e imaculada Conceição, pura e sem mancha. Ó puríssima Virgem Maria, por vossa Conceição imaculada e gloriosa prerrogativa da Mãe de Deus, alcançai-me de vosso amado Filho, a humildade, a caridade, a obediência, a castidade, a santa pureza de coração, de corpo e espírito, a perseverança na prática do bem, uma boa vida e uma santa morte. Amém."

★

Precisamente às 9 horas do dia 22, no Aeroporto Santos Dumont, Padre Antônio embarcou para Uruçânia num avião da Fôrça Aérea Brasileira (F.A.B.), de prefixo C-47 e número 2.033. Em sua companhia viajaram também o médico que o operou, dr. Condeixa Filho, um outro sacerdote, o seu sacristão, sr. Raymundo Henrique da Silva, o seu secretário, sr. Geraldo, e ainda uma senhorita.

Os móveis representam a vida do seu lar, e o óleo de peroba a vida de seus móveis.

Publicidade para a

REVISTA DA SEMANA

em São Paulo

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

RUA DA CONCEIÇAO, 58 — 1º ANDAR — SALA, 102 — FONE 36-6718

NO ALTAR E NO TERREIRO

QUEM ESTÁ DE RONDA É SÃO JORGE



A HISTÓRIA VERDADEIRA DO SANTO MÁRTIR ★ A LENDA E A INTERPRETAÇÃO DA LEI DE UMBANDA ★ MACUMBA EM FRENTE À IGREJA ★ ONDE TODOS SÃO IGUAIS ★ BATISMO NO TERREIRO ★ SÃO JORGE, GENERAL DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Texto e fotos de
JORGE LYRA



A BANDEIRA e as espadas com que os filhos de umbanda, nas noites de vinte e três de abril, comemoram a morte do santo guerreiro, protetor da tradicional e velha Inglaterra.

INDISCUTIVELMENTE, São Jorge é o santo mais popular do Brasil. Do Roraima ao Chuí, do Cabo Branco à nascente do Rio Javari, comemora-se, com igual intensidade, o dia que a igreja reservou ao santo-mártir da sanha do imperador Diocleciano. Nesta capital as comemorações excederam, de muito, aquelas que foram feitas no ano transacto. Deste o dia anterior, filas enormes se extendiam em redor da igreja de São Jorge, na praça da República. Nos terreiros de umbanda, desde o sábado anterior ao dia vinte e três de abril que se dançava e cantava em louvor de Ogum, fogos espoucavam a todo instante, cervejas se quebravam nos quatro cantos da cidade, salvando o santo guerreiro.

Enquanto caminhavamos em direção à igreja, a fim de relatar aos nossos leitores o que de mais interessante se passasse ali, iamos recordando os principais acontecimentos da vida do São Jorge para os cristãos, do Ogum para os filhos de umbanda. Caminhamos, no tempo e no espaço e nos vimos, então, em plena época das perseguições que Diocleciano moveu contra os cristãos.

Nascido em Capadócia, de pai e mãe cristãos, desde menino praticava a religião cristã. Muito moço ainda viu seu pai morrer numa batalha e então, em companhia de sua mãe, partiu para a Palestina, donde sua genitora era natural e tinha fazenda. Mas Jorge já atingira a idade para a guerra e, convocado, foi instituido capitão, no qual ofício, vendo-o Diocleciano muito dextro e excelente cavaleiro, foi por êle feito conde.

No tempo em que ingressou no exército, faleceu-lhe a mãe e Jorge tornando-se herdeiro da mesma, distribuindo tôda a sua riqueza com os pobres e embarcando para a côrte imperial, quando mais intensa era a perseguição aos cristãos. Ali, no Senado, quando êste votava a legalidade das perseguições, Jorge levantou-se no meio do concílio e falou: "Ó imperador e nobres senadores, acostumados a fazer boas leis, que desatino é êste tão grande, que não cessais de acrescentar vossa ira contra os cristãos, que têm a certa e verdadeira lei, a deixá-la, a que sigam a seita que vós mesmos não sabeis se é verdadeira; por que os ídolos que adorais, afirmo que não são deuses, havendo sido homens perdidos!"

Atônitos, espantados diante de tanto atrevimento, os senadores esperavam que o próprio imperador respondesse, mas êste refreando a ira, fêz sinal ao cônsul Magnêncio para que êste respondesse a Jorge. O cônsul mandou que o santo chegasse mais perto dêle e disse: "dize-me, mancebo, quem te deu tamanha ousadia para falar neste consultório?". Sem se perturbar, Jorge respondeu: "A verdade, senhor".

Já irritado, Diocleciano mandou que os soldados o pusessem fora do concílio com lançadas e o metessem no cárcere. Mas, ó milagre, quando as espadas encontravam o corpo daquele mancebo de 23 anos, dobravam-se como se fôssem de chumbo. Jorge sorria e invocava Deus, o que causou maior irritação a Diocleciano que ordenou que fôsse encarcerado e que o extendessem no chão, pondo-lhe uma pedra em cima do peito. Jorge continuava a sorrir e Diocleciano mandou então que trouxessem uma roda grande e cheia de navalhas onde foi metido o santo, amarrado com toras e cordas, fazendo com que a roda passasse por cima do seu corpo. Diante de tal tormento, Jorge ficou como adormecido por grande espaço de tempo. Diocleciano, satisfeito, perguntava ao corpo inerte de Jorge: "Onde está teu Deus?" Mandou tirá-lo do tormento e partiu para ir sacrificar Apolo, mas uma grande nuvem cobriu o céu e um grande trovão se ouviu, acompanhado de uma voz que dizia: "Não temas, Jorge, porque eu sou contigo". E, diante do espanto de todos, foi visto um vulto branco desamarrar Jorge e desaparecer em seguida.

Mas, Diocleciano não desistiu e mandou meter o santo numa fornalha de cal virgem, três dias, e mandou vigiar, que lhe não viesse de nenhuma parte ajuda alguma. Jorge, fazendo o sinal da cruz, entrou, alegre, na fornalha de cal virgem. Ao fim do terceiro dia, quando se abriu a fornalha, lá estava Jorge com as mãos levantadas para o céu, dando graças ao seu Deus, por lhe ter poupado a vida. A notícia do milagre chegou a Diocleciano que mandou chamá-lo e lhe disse: "Jorge, com que artes fazes estas maravilhas?" Respondeu-lhe o santo: "Oh cego



NA IGREJA DE SÃO JORGE, imensa massa humana se postou diante da imagem do santo. Velhos e moços, prêtos e brancos, ricos e pobres, se prostraram diante de São Jorge, repetindo o dístico que se vê acima da estátua: «Salve, São Jorge». Não só no Rio, como em todo o Brasil, houve comemorações.

imperador, que chamas artes às maravilhas do Senhor, por isso chora tua cegueira".

Depois Diocleciano mandou fazer-lhe uma chinelas de fogo, da qual escapou ileso para irritação do imperador que, dia a dia inventava novos tormentos para livrar-se daquele "cristão feiticeiro", segundo êle dizia. Nessa época a imperatriz já havia aderido, à religião cristã e Diocleciano mandou que ela e o "feiticeiro" fossem degolados. No caminho para o local onde deveria ser feita a degola, a imperatriz Alexandra pediu aos soldados que a deixassem sentar um instante. Satisfeito seu pedido, inclinou a cabeça sôbre o joelho e entregou sua alma a Deus. Jorge, entretanto, continuou caminhando em direção à degola e, depois de invocar Deus, com alegria, estendeu o pescoço e foi degolado a 23 de abril de 303.

De tudo isto nos lembravamos e iamos pensando quando chegamos à igreja da praça da República. Verdadeira multidão se acotovelava em frente à mesma. Uma fila seguia da praça da República até quase ao final da rua da Alfandega, outra daquela praça, dobrando a Avenida Presidente Vargas, seguia quase até a Uruguaiana.

MACUMBA, EM FRENTE À IGREJA

Enquanto o povo se acotovelava em frente à igreja, outros procuravam captar a simpatia dos guardas de servico, ali mesmo, no adro da capela um cidadão, bastas barbas recebia santo e cantava, cercado de curiosos:

"Ogum de lê, lê, lê
Ogum de lá, lá, lá
Ogum de lê, lê, lê
Nas ondas do mar, malê
Quando Ogum partiu para guerra
Oxalá deu carta branca
Oxoce é rei da mata
Ogum de Aruanda, malê
Ogum de lê, lê, lê...

Entusiasmado, o homenzinho levantava a cabeça e sambava, batendo palmas e em transe. De repente mudava a música:

"Quem está de ronda é S. Jorge
São Jorge é quem vem rondar
Abra a porta minha gente
Deixa a falange de Ogum entrar".

Entre os curiosos, muitos batiam palmas acompanhando, dentre os que passavam alguns murmuravam: "ignorância", outros queriam chamar os guardas. Um até, mais exaltado, queria intervir para acabar com o que êle chamava "sacrilégio", no que foi impedido por nós que lhe lembramos que a constituição assegura liberdade de culto.

Mas não podiamos perder tempo e deixamos o homem com sua cantoria. Em plena rua uma senhora, ajoelhou-se. Aproximamo-nos e procuramos saber se ela obtivera algum milagre digno de nota. Ela então nos contou que viajava em um lotação que corria desabaladamente, como soe acontecer. De repente diante do veículo, surgiu um enorme caminhão; morte certa, pensaram todos. Eis, porém, que, de dentro do lotação, alguém gritava: "valho-nos S. Jorge". Como por milagre, o caminhão estancou a dois palmos do lotação que parara também. Então, ela resolveu pagar a promessa que teria feito se desse tempo para pensar em promessas. — Assistir à missa do lado de fora da igreja e ajoelhada.

Deixamos a senhora rezando ainda e, enquan-

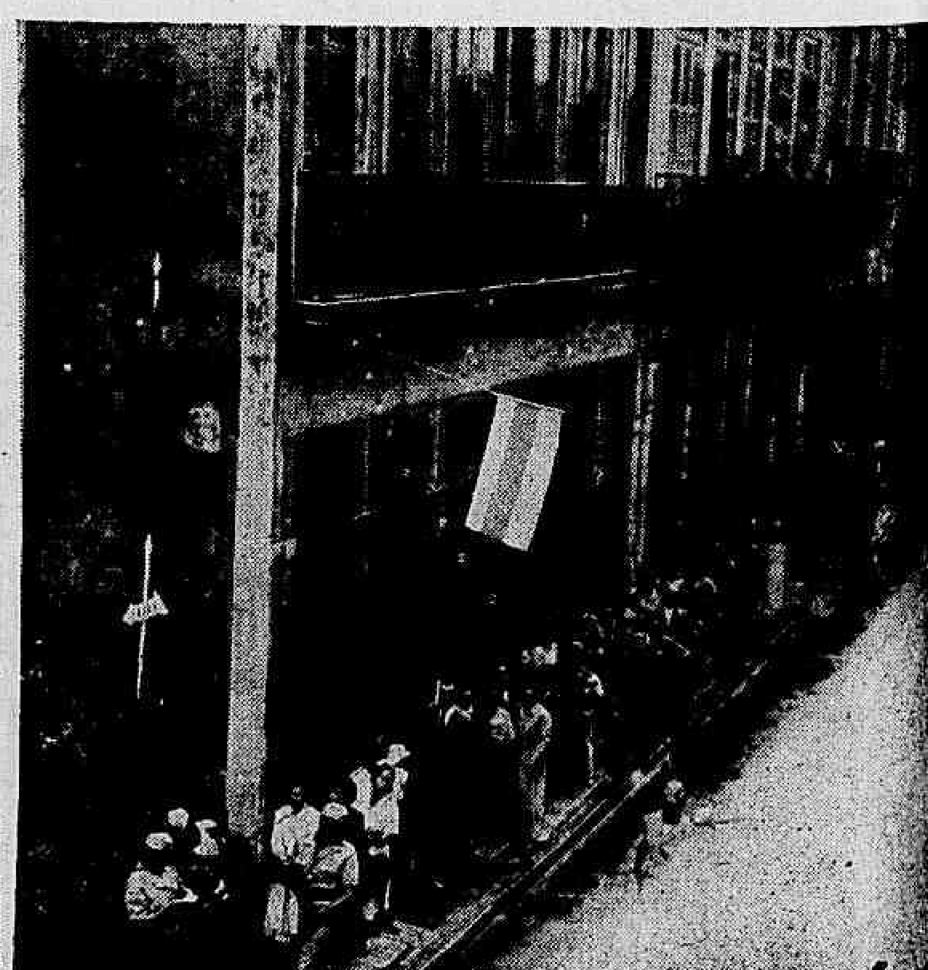
EM PRIMEIRO PLANO, dentro do «Estado» de umbanda, a figura de São Jorge, com flôres naturais e capa de sêda vermelha, se destacava. Quando os orixás se manifestaram, os «cavalos» vinham até ao «estado» e se jogavam de joelhos, tomavam depois um copo de cerveja branca e voltavam ao terreiro...



A ENTRADA PRINCIPAL da igreja, vendo-se o povo, ordeiramente, penetrando no templo. Notava-se grande e selecto policiamento.



NAS CERCANIAS DA IGREJA, o povo se quedou, durante quase o dia inteiro, estudando u'a maneira de penetrar sem fila.



A FILA, começando na rua da Alfândega, ia terminar, depois de atravessar tôda a rua do Núncio, na Avenida Presidente Vargas...

to andávamos em direção à porta de entrada, se nos aflorou à mente um outro milagre de que tínhamos notícia. Em Niterói, certo pai, não aprovando o namôro de sua filha com um desclassificado, procurou-o. Em lugar, porém, de ser tratado como sua cabeça branca exigia, o pai da moça foi recebido com dois tiros de revólver. Enquanto o pilantra levava a mão à cinta, o pai, aflito, invocava: "S. Jorge, valei-me". Os tiros partiram certeiros, atingindo o velho. Enquanto o criminoso fugia, o velho se levantava do chão, pálido, mas ileso. Apalpou-se: estava intacto. Mas, onde estava sua medalha de S. Jorge? Fora arrancada do pescoço com os dois tiros que recebera. Milagre, sem dúvida!

DENTRO DA IGREJA

Quando penetramos, depois de ingentes sacrifícios, na igrejas de São Jorge, enorme multidão, ordeiramente, em duas filas, entrava na igreja a fim de assistir ao sacrifício da missa. Desde as cinco horas da manhã que a igreja estava superlotada. Olhamos para todos os lados: pretos e brancos, ricos e pobres, intelectuais, radialistas, deputados, se confundiam no mesmo desejo: adorar São Jorge guerreiro.

Muitos se prostavam de joelhos, outros se quedavam cada olhos fitos na estátua como que admirando-a e outros ainda não podiam conter uma admiração: "como é bonito!"

Deixando aquela massa que procurava a bênção do santo guerreiro, fomos até à capela ao lado onde se vendiam medalhas. Centenas de pessoas, também ali, se acotovelavam ávidas por conseguir a sua medalha de S. Jorge. Várias mãos se estendiam para as vendedoras, enquanto estas, azafamadas a todos atendiam com um sorriso nos lábios. Pelos cantos guardas do exército brasileiro garantiam a ordem e prestavam ordenança ao general S. Jorge, general do exército de Caxias; padres benziam as medalhas recém-adquiridas. Saimos da igreja e viemos para fora. Ali a multidão continuava reunida. A nosso lado alguém, visívelmente embriagado se queixava: "quando é a festa dos santos dos ricos, êles *facilita*, hoje *cumo* é do nosso santo, dificulta tudo; pra que fila? deixa o povo invadi". Mais adiante, alguém falava alto: "é o maior, é uma potência". E acrescentava, a título de ilustração: "E' S. Jorge, Flamengo, o pequenino e... nada mais". As doceiras e os esmoladores faziam ato de presença e enquanto umas apregoavam seus doces, outros estendiam a mão à caridade pública.

A noite já se aproximava e a multidão crescia já que, não sendo feriado, muitos se privaram de ir durante o dia, indo, todavia, visitar o seu protetor durante a noite.

NOS TERREIROS DE UMBANDA

Nas tendas espíritas de umbanda, S. Jorge é comemorado com tanta intensidade como nas igrejas católicas, sendo que aí tem êle o nome de Ogum. De acôrdo com a interpretação umbandista, em cada cidade onde S. Jorge passava, perseguido por Diocleciano, tomava um nome diferente. Assim, teve êle os seguintes nomes: "Ogum Megê, depois de vencer a primeira demanda; Ogum Rompe Mato, depois da segunda; Ogum Yara, Ogum Matinada; Ogum Sete Ondas, quando travou demanda no mar, ajudado por Iemanjá e Inhaçã, depois que a mata e a cidade foram destruidas pelo fogo. Aliou-se mais tarde a Ogum Beira-Mar e voltou à cidade onde se encontrava Diocleciano, onde tomou o nome de Ogum da Queda. Ali se travaram tremendas lutas e êle venceu as suas sete demandas, toman-



CABOCLO SETE ESTRELAS, charuto pendente dos lábios, preside à sessão. No caso de haver qualquer dificuldade com os mediuns êle intervém e sana-as com sua autoridade máxima de chefe de terreiro. Enquanto êle observa o movimento no seu terreiro, seus servos vão batendo palmas satisfeitos.



ENQUANTO RONCA o surdo, os filhos de Ogum vão batendo palmas. Para espantar os máus espíritos, explicaram-nos à bôca pequena.



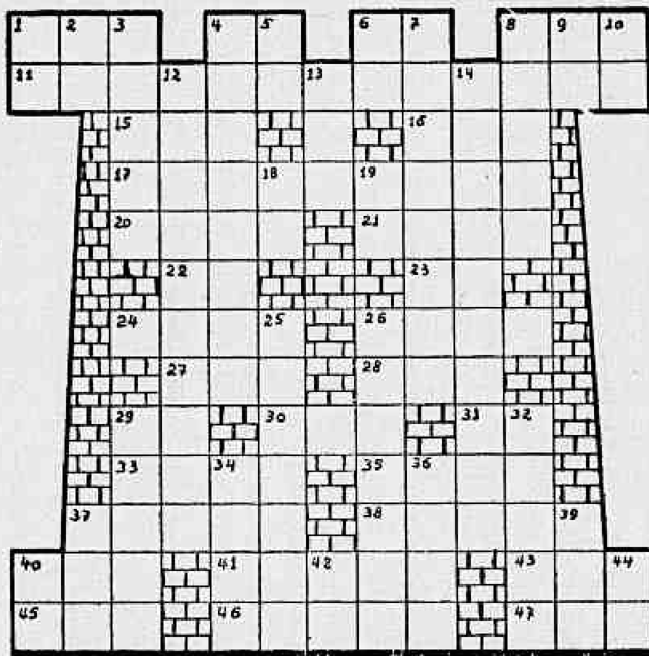
CHEIAS DE COLARES e em plena evolução estas filhas de Ogum, já devidamente batizadas, sambaram durante tôda a noite.



CHEGOU O CABOCLO! Em chegando jogou-se ao chão a fim de receber passes para se livrar do cheiro da mata e poder saravar.

PALAVRAS CRUSADAS

PROBLEMA N. 51 -- PARA VETERANOS

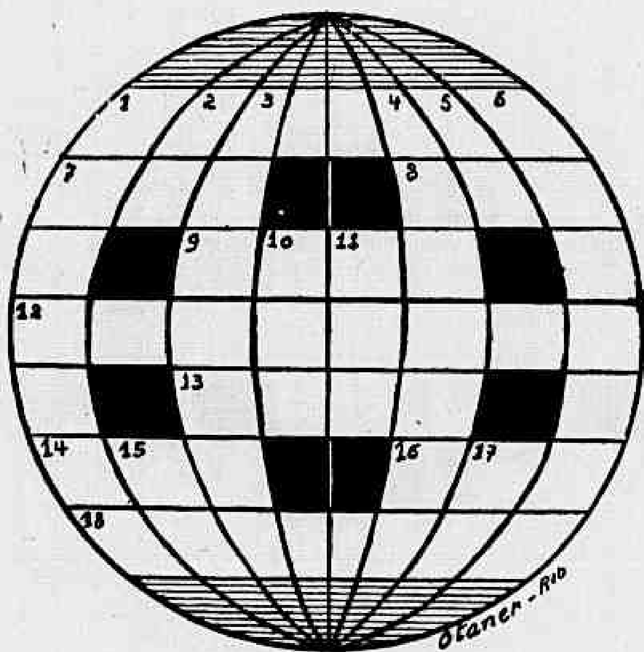


HORIZONTAIS: — 1. Unidade de trabalho do sistema C.G.S. — 4. Primeira corda do violino — 6. Partícula do dialeto provençal que significa «sim» — 8. Grei — 11. Baluartes — 15. Herdade — 16. Riso — 17. Minas de riquezas — 20. Impugnar — 21. Prejuizo — 22. Gigante de desmedida corpulência do qual os assírios fizeram um deus — 23. Espécie de esturrinho. 24. Gêneros de grandes aranhas — 26. Sarrafo — 27. Desinência feminina de «ão», plural — 28 — O nascimento do sol — 29. Rei de Bazan — 30. Modo de dizer — 31. Demônios, entre os tibetanos — 33. Remar para trás — 35. O mesmo — 37. nome de um peixe amazônico — 38. Individuo parecido com outro — 40. Unidade das medidas agrárias — 41. Que tem muitos anos — 43. A côr escarlate — 45. mulher de Jacó — 46. Vives — 47. Ensejo.

VERTICAIS:—1. Sexta letra do alfabeto inglês — 2. Cidade de Nova Caledônia, na ilha de Maré — 3. Ininteligível — 4. Descrição dos músculos — 5. Teixo — 6. Língua falada, na Idade Média, ao sul do Loire, França — 7. Lista das iguarias de uma refeição — 8. Cardume de sardinhas — 9. Recita — 10. Corifeu — 12. Emprêgo de linguagem figurada — 13. Intimo — 14. Que têm patas azuis — 18. Símbolo do crômo — 19. Símbolo do neodímio — 25. Da côr da púrpura — 26. Adiamento — 29. Estipula que ultrapassa o ponto de inserção do peícolo no caule e o circunda — 32. Mana — 34. Lavram — 36. Dás — 37. Nome de homem 39. Ribeira da França, afluente direito do Oust — 40. Outra cousa — 42. Desinência verbal — 44. Contração.

★

PROBLEMA N. 51 -- PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Governador, guarda de castelo — 7. Caminho orlado de casas — 8. Gemidos — 9. Sul-africano descendente de holandês — 12. Cintilara — 13. Rio da Escócia — 14. Planeta satélite da terra — 16 Rã — 18. Deixais de amar.

VERTICAIS: — 1. Cidade da Prússia — 2. Símbolo químico do ouro — 3. Finórias — 4. Fruto da laranjeira — 5. Interjeição de dor — 6. Quantidade de ossos (pl.) — 10. Sufixo designativo de abundância — 11. Reflexo de um som — 15. Interjeição de espanto — 17. Dois em algarismos romanos.

★

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 50

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Tara — Tabi — Atora — Cotar — Nobel — Amigo — Aal — Ger Cós — Repolegos — Is — Ce! — Anatresia — Gré — Ain — Oba — Argos — Tagal — Torpe — Eluda — Azoa — Pear.

VERTICAIS: — Tana — Atoar — Roble — Are — Tom — Ático — Bagos — Irós — Algóstase — Carecente — El — Pia — Ges — Arroz — Negro — Ri — Iogue — Abada — Gata — Alar — Opa — Alp.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Metro — Aras — Aros — Em — Cr — Amacacado — Lê — A.C. — Incrédulo — Dá — Ti — Cola — Vãos — Armar.

VERTICAIS: — Sã — Mama — És — Rã — Orca — As — Remendo — Ordálio — Ta! — Ali — Cor — Cid — Oco — Cala — Eu — Utar — Cá — Ar — Vá — Só.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.



A VENDA de medalhas excedeu tôdas as expectativas. Centenas de pessoas, depois do ato de genuflexão diante do Santo que se comemorava, trocavam suas imagens a fim de guardar bem o dia.

do então o nome de Jorge Guerreiro que significa Ogum General da Banda. Atacado como Ogum General da Banda êle negou e se apresentou vestido à Santo Antônio, com o nome de Ogum Onilê.

Também estivemos em um terreiro de umbanda e pudemos verificar o ambiente de festa que existia ali! Sambava-se e dançava-se a valer e fogos espoucavam a todo instante.

No meio do terreiro, com uma espada brandindo, um mulato enorme que havia recebido o espírito de Ogum da Lua, puxava o "ponto".

"Quando eu passei
Naquela mata, eu vi
Sete cavaleiros passeando
Um era Ogum, Ogum, Ogum Iê
Com a sua espada trabalhando".

Enquanto "mediuns" se jogavam ao chão procurando a bênção de Ogum da Lua, o caboclo Sete Flexas presidia ao ritual, charuto no canto da bôca, soltando enormes baforadas. Lindas jovens também dançavam ao som do tambor que marcava o compasso para as músicas.

— Louvado seja Zameu meu filho.

Tudo parava. Então começava outra música, outro "ponto", na linguagem de umbanda:

"Nós vamos saravá Ogum
Inhaçã, Oxoce e Iemanjá
Beira Mar, Ogum Megê, o Beira Mar".

De repente, o caboclo Sete Estrêlas, saiu do seu canto e veio até aonde estavam os assistentes. Sempre cantando os "mediuns" já passavam a outro "ponto", enquanto observamos Sete Estrêlas:

"Saravá Ogum, na corôa Onilê
Desejai, o desejai, Ogum Iê".

Sete Estrêlas se aproximou de um homem tomou-o pelo braço e ante o nosso espanto, levou-o até ao "Estado", onde fê-lo ajoelhar-se perante a imagem de S. Jorge. Espantados olhavamos para êle, querendo ver nos seus olhos o que queria fazer com o homem. Fêz com que se ajoelhasse e despejou meia garrafa de serveja branca em sua cabeça. Depois deu-lhe um pouco de cerveja que sobrara, para que bebesse e lhe disse:

— Vossemecê, agora, é afilhado de Ogum!

(Cont. na pág. 44)



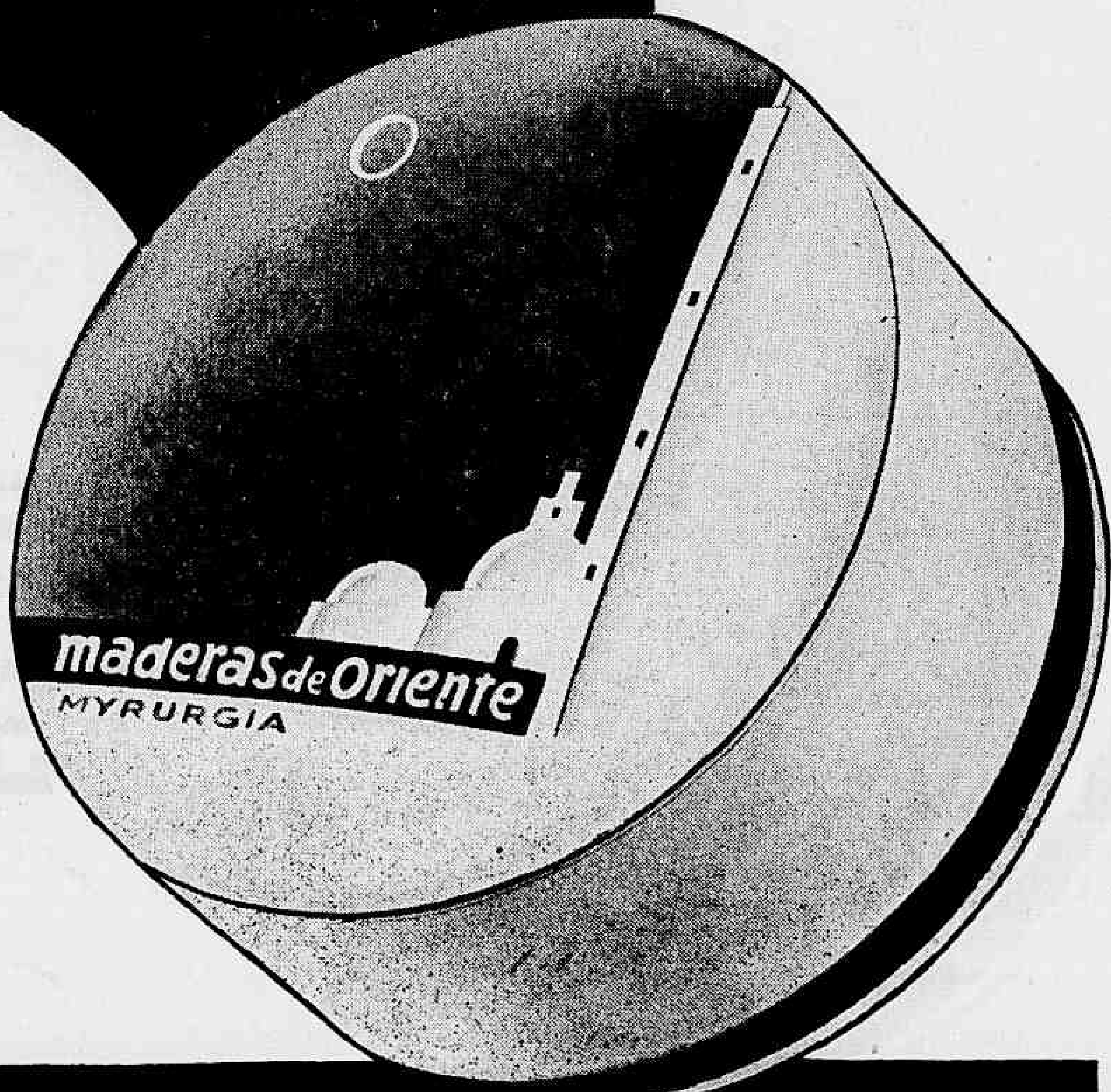
PERCEBENDO a presença do fotógrafo, o menino esticou o pescoço para ser retratado. Uma colegial procura «cantar» alguém a fim de entrar na frente da fila e rezar por S. Jorge



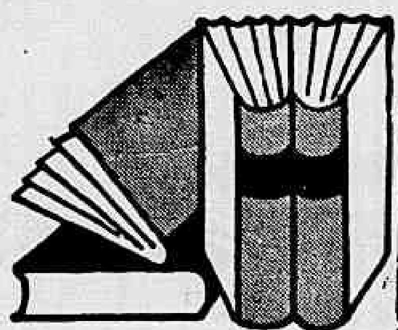
O encanto de ser bela

Pó de arroz

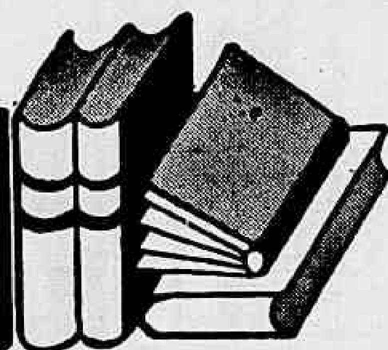
MADERAS DE ORIENTE



MYRURGIA



SEMANA LITERARIA



ALBUM DE FAMILIA



MAXENCE VAN DER MEERSCH, o notável escritor há pouco falecido, não goza de grande popularidade no Brasil. Para sermos mais exatos, o autor de "La Maison dans la Dune", uma das obras-primas do romance moderno, é um desconhecido, entre nós. Aliás, o fato se deve um pouco, aqui como alhures, ao próprio Maxence, que foi um isolado, um solitário, há muitos anos vivendo com a família — a espôsa, a filha e os dois filhos adotivos — na sua residência provinciana de Touquet, tendo continuado, vida em fora, sob outros aspectos, aquêle "homem do Norte", como foi primitivamente conhecido e popularizado, tanto êsse Norte vivia nos seus livros, com tôda a côr local, tôda a sua paisagem e todo o seu espírito. Maxence Van Der Meersch nasceu em 1907, em Roubaix. Ainda aluno de liceu, obteve o primeiro prêmio no concurso de francês destinado a estudantes. Bacharel em Direito e em Letras, passa alguns anos como advogado, porém sua vocação é a literatura, a que se dedica definitivamente, estreando-se com o livro acima citado — já adaptado ao cinema, como, também, "L'Empreinte du Dieu". Sua estréia dá-se em 1932. Desde então, publica infatigàvelmente, com uma ansiedade que parece uma preciência da morte prematura. Entre seus grandes livros, além dos referidos, podemos citar: "Quand Les Sirènes se Taisent", "Invasion", documentário romanceado, considerado sua obra-prima; "Maria, Fille des Flandres", uma ode à glória de Bruges; "L'Empreinte du Dieu", publicado em 1936 e que lhe valeu o prêmio Goncourt. Convertido ao cristianismo, Maxence, a partir de 1937, é um escritor cheio de fé e de ardor, iniciando sua obra cristã com "L'Elu", história de uma conversão, continuando-a com alguns outros livros de suma importância, entre êles "Avec Corps et Ames", que êle mesmo adaptou para a cena. Entre seus livros mais notáveis, destaca-se o que consagrou à Santa Teresinha — "La Petite Sainte Thérèse", em 1947. Seu último livro é o romance "Le Coeur Pur". Deixou muitos inéditos e, no ano passado, apareceu uma antologia de sua obra, com páginas escolhidas, prefaciada por seu antigo professor, Pierre Jourda..

EDMUNDO LYS

NA POEIRA DOS ARQUIVOS

(JOTAGÊ)

Em livrinho de feição popular, João de Barros revela coisas interessantes de "Heróis portiguêses no Brasil"; entre outros, Caramuru, João Ramalho, Mem e Estácio de Sá, os heróis do Maranhão, da Bahia e de Pernambuco, os exploradores do sertão. Descreve fatos históricos ocorridos até meados do século XVII. Obra simpática, de evidente repercussão na amizade luso-brasileira, devia ter divulgação efetiva. Falamos de Caramuru. Ninguém mais desconhecerá que Caramuru é peixe de mar, da família Muraenideos, a que pertencem as Moréias. E' noção muito repetida já. Pois na revista infantil "Sesinho", de abril dêste ano, página 5, o técnico de educação Cândida Luísa Cerne de Carvalho ainda teve a inocência de afirmar que Caramuru significa "dragão saído do mar". E' pena que os dragões não abndonem as águas... para devorar os que, pùblicamente, inventam coisas a seu respeito...

★

A cultura de Tiradentes foi das mais consideráveis. Aprendemos, no colégio, que êle era um simplório. Mas tão simplório mesmo que mal assinava o nome... Cumpre corrigir essa injustiça. O grande patriota possuía noções de quem está muito acima da cultura mediana. Aliás, em obra aparecida em 1944, "Tiradentes", o professor Luciano Lopes esclareceu bem o assunto.

★

Não pensem que é exagêro... Mas num mapa do Estado do Rio de Janeiro de 1922, a Serra de Monte Verde está ligada à do Sapateiro! Tal ligação é pura fantasia. "Existe, de permeio, larga depressão de colinas de baixo nível" — lembra Alberto Ribeiro Lamego em "O homem e a serra", livro em que estuda as relações entre o meio geográfico e o ser humano.

★

Em seu poema "Uruguai", José Basílio da Gama faz, de Gomes Freire de Andrade, um herói. Pertence, portanto, assim à história literária como à história administrativa. O Conde de Bobadela governou o Rio de Janeiro, Minas e São Paulo de 1733 a 1763. Deu-lhe o povo o título de "Pai da Pátria" — e hoje não faltam os padrastos... Durante a magnífica administração de Bobadela, foi que se fundou a primeira oficina tipográfica no Rio, dirigida por Antônio Isidoro da Fonseca.

NORDESTE

"Nordeste" (Aspectos da influência da cana sôbre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil), considerado por muitos críticos o livro mais perfeito já escrito por Gilberto Freyre, aparecerá brevemente em segunda edição, revista e consideràvelmente aumentada. Na prestigiosa Coleção Documentos Brasileiros, da Livraria José Olímpio Editôra, o lançamento da segunda edição de "Nordeste", ilustrada por Lula Cardoso Ayres e M. Bandeira, constituirá, sem a menor dúvida, um acontecimento cultural de grande repercussão. Livro modelar pela técnica com que foi escrito, subordinado àquele estilo peculiar de Gilberto Freyre — tão rico e tão sedutor ao mesmo tempo, sem deixar de ser puramente literário, e onde a terminologia científica surge flexível e nunca fora de oportunidade — "Nordeste" é uma contribuição fundamental ao estudo das relações entre o homem e a terra, num sentido regional, e reaparece agora atualizado nos seus menores detalhes. Aliás, um dos maiores títulos de gló-

BERTA SINGERMAN



Berta Singerman voltou a dar ao Rio, mais uma vez, momentos inesquecíveis de beleza, com sua admirável arte do monólogo, em recitais de poesia que marcam um acontecimento, neste princípio de estação. No clichê, um retrato da artista assinado pelo famoso pintor japonês, Foujita.

DOIS SONETOS

(De AUSTEN AMARO)

INSPIRAÇÃO

...E uma estrêla só, na noite, só, perdida,
arde no silêncio. E, no silêncio ardendo,
sugere a forma astral da perfeição vivendo
a fria combustão da branca chama erguida.

Ebúrnea flor astral, na roxa noite, a vida
cintila no seu seio. E dela vem nascendo
a perfeição da luz. E' a estrêla inatingida
a própria perfeição da noite transcendendo!

E única, espectral, a estrêla erguida é o sonho
que vive o inacabado e a perfeição concebe,
criando do mistério o pensamento eterno.

Ritima a estrofe audaz, nessa emoção que externo,
a vida, ebúrnea flor! E o verso audaz componho
da luz da estrêla só, que o meu olhar percebe.

BAILADO MÍSTICO

O lírio do luar as pétalas abriu.
Qual foi o pensador divino que esculpiu,
no sonho que na noite, lívido, flutua,
teu corpo musical, ó bailarina nua?!

De que sonora estrêla mística surgiu
teu ritmo espectral?! De que mundo partiu
teu corpo opalescente que, ao clarão da lua,
esculpe no bailado a perfeição que é tua?!

— Nasci dêsse noturno... O teu bailado fala
e a mística pergunta, anímica, responde.
— Nasci do pensamento do luar, de onde

o lírio do luar o pensamento exala!
E a alma do bailado, em música, se cala,
ouvindo, no silêncio, o que o silêncio esconde.

Fora do Prelo

COMENTÁRIOS A NOVA LEI DO INQUILINATO — Walter Godinho — Pongetti — Rio. Artur Tôrres, escrevendo sôbre esta obra recém-aparecida e que contém tôda a legislação sôbre a matéria, de tão grande e cada vez maior importância na nossa jurisprudência, assim se expressou:

«Já se tem dito, e com razão, que lei sem comentários ou dicionário sem exemplos são como casas às escuras.

Ora, de tôdas as nossas leis a do inquilinato é sem dúvida a que mais necessita de exegese por parte de técnicos, não só porque se destina ao grande público, constituido de proprietários e inquilinos, geralmente leigos em assuntos de direito, como também porque essa lei, via de regra, é elaborada dentro de prazo demasiadamente exíguo, sofrendo, pela relevância dos interêsses em jôgo, modificações e emendas precipitadas que lhe prejudicam a clareza e unidade, tornando-se alguns de seus dispositivos de interpretação dúbia e dificílima.

O dr. Walter Godinho, além de causídico ilustre, acompanhou cuidadosamente a elaboração dessa lei, na qualidade de alto funcionário da Câmara dos Deputados.

Assim sendo, pôde o arguto comentador, dentro do período relativamente curto, apresentar ao público o seu trabalho, em verdade valioso, e onde encontramos esclarecimentos seguros para tôdas as dúvidas que essa lei nos apresenta».

A segunda parte dessa obra é constituida de uma coletânea de tôda a legislação sôbre a matéria, coletânea que lhe aumenta o valor e facilita a consulta nos casos em que os comentários a ela se reportam.

Trata-se, como se vê, de trabalho de grande utilidade e indispensável não só aos advogados como aos proprietários e inquilinos em geral.

*

UM PEREGRINO EM LOURDES — Adolphe Retté (Tradução de Ranulpho Pereira da Silva) — Departamento de Imprensa Nacional — RIO. Êste famoso livro de Retté, sôbre Lourdes, não é uma novidade. Mas conserva tôda a frescura e tôda a atualidade que são as marcas das obras que não passam, cuja descoberta nos causa enorme surprêsa, tanto é certo que elas se comunicam imediatamente conosco, como um livro de nossos dias, com a mesma fôrça e a mesma contemporaneidade. Êste «Diário de um peregrino a pé e impressões de um padioleiro», que Ranulpho Pereira da Silva acaba de traduzir com tanta felicidade, é, realmente, dessas obras raras, dêsses milagres literários, cujas sinceras palpitações lhes garantem a perene juventude, ao contrário de tantas outras que, apenas saídas dos prelos, já nos aparecem com o ar passado, como uma velharia de biblioteca.

Livro cristão, de edificação, êle nos conduz através da taumaturgia de Lourdes e procura aproximar-nos do mistério admirável. Mas fala uma linguagem simples, tôda ela humana e emocionante, na sua singeleza única. Não é um livro de pregação doutrinária: é uma procura desarmada de messianismo, uma busca da verdade, transcendente, porém permanecendo no cotidiano, no imediato, como o próprio sub-título do livro está indicando. Pertence ao grupo dêsses raros livros em que o homem se volta para Deus, à margem da teologia, com essa pobreza de espírito evangélica, com o seu coração ardendo na fé, mas com a fé de um campônio. O grande poeta François Coppée nos dera um livro assim, «La Bonne Souffrance», inesquecível história de uma conversão. Huysmans, que Hamilton Nogueira cita tão oportunamente na carta-prefácio desta tradução, contara-nos, também, o seu caminho para Deus, através da simplicidade. Mais recente, são as páginas admiráveis de «L'Elu» de Van der Mersch. Em nossa literatura encontramos obra do mesmo tom e da mesma construção no emocionante «Confiteor», de Paulo Setubal. A nós nos parece que essas confissões representam um material extraordinário, para os caminhos da fé, e constituem uma evangelização extraordinária, além de seu caráter documentário. O aparecimento, portanto, desta tradução do livro de Retté vem como uma bela contribuição de nossas letras para as comemorações do Ano Santo, como estava nos objetivos do tradutor. E abrem, aos leitores que não a podem conhecer no original, as portas do santuário de Lourdes, conduzindo-nos, com boa fé, desprevenidos, até à gruta miraculosa que permanecerá como um dos maiores mistérios da terra, não para compreendê-la, mas para senti-la, com a mesma candura com que Bernadette Soubirous a encontrou, no seu caminho e no seu coração ingênuo.

*

OS SERTÕES — Euclides da Cunha — Livraria Francisco Alves - Rio de Janeiro — Nem sempre reflete a realidade aquela afirmativa de que escrevemos numa língua «túmulo do pensamento». Nem sempre, felizmente. E um dos mais robustos exemplos está em que Euclides da Cunha, dia a dia, se torna mais conhecido e, lògicamente, mais admirado nos centros cultos do exterior: outra coisa não se poderá dizer, diante das sucessivas traduções que lhe fazem dos «Sertões». Evidente que, não continuasse Euclides a ser lido no original, nos outros paises, e jámais apareceriam as versões que têm aparecido. Em inglês, italiano, espanhol e francês — pelo menos — o livro da Campanha de Canudos já figura com tôdas as honras devidas às obras destinadas à perenidade. Porque não é demais repetir que «Os Sertões» constituem um dos momentos mais belos, mais nobres, mais inspirados da inteligência nacional, em tudo quanto ela possua de construtivo. E' que as páginas de Euclides vibram, não só pelo portentoso estilo, como pelo sentido orientador de sua crítica pujante e sagaz. Havia na estrutura mental do escritor, extraordinária massa de observador arguto, incisivo na frase e original na exteriorização do pensamento.

Fôsse tornada obrigatória, dos cursos ginasiais em diante, a adoção dos «Sertões» nos colégios de nosso país, e a visão de nossa gente seria outra, mais positiva, mais certa, mais fecunda. A edição, que acaba de fazer, caprichosamente, a Livraria Francisco Alves, é a 21ª — definitiva, de acôrdo com as emendas deixadas pelo autor.

A terra e o homem, com todos os seus elementos úteis e inúteis, bons e maus, elevados e rasteiros, aí estão, no tracejamento que, genialmente, Euclides da Cunha realizou, compondo um livro digno da notável difusão que vem alcançando.

*

ÍNDIOS DO BRASIL — Renato Sêneca Fleury - Edições Melhoramentos — São Paulo — Já se vai tornando dos mais consideráveis e das mais úteis a indiologia das Edições Melhoramentos. De quando em quando, essa editôra faz sair dos prelos mais uma obra sôbre os silvícolas, sempre com a preocupação pedagógica e artística a prevalecer, o que resulta em excelente documentário, não só para a inteligência, como igualmente para os olhos. Um dêsses trabalhos é «Índios do Brasil», de Renato Sêneca Fleury. As páginas do bem ilustrado volume exibem os primitivos habitantes de nosso país através de usos, modos de vida, mentalidade, sentimentos. A par dêste encantador e instrutivo «Índios do Brasil» cabe-nos lembrar, aqui, também da Melhoramentos, mais os seguintes livros: «Índios de Mato Grosso», de Erich Freund; «Índios e Sertanejos do Araguaia», de Haroldo Cândido de Oliveira: «Terra e Índios do Alto Xingu», de Manuel Rodrigues Ferreira; «Os prisioneiros de Ubatuba», de Carlos Fouquet, da história de Hans Staden.

*

O LIVRO ILUSTRADO



Uma admirável ilustração de Collor para o livro de Maxence Van Der Mersch, a que nos referimos em outro local — «Le Coeur Pur».

OUTROS LIVROS

«Galileu Redivivo»: já o título, ao contrário de muitos outros que apenas servem de dar nome sem exprimir alguma coisa, indica o objetivo do autor: exaltar uma das grandes figuras da humanidade através da afirmativa de continuar vivo indefinidamente. Aliás, o gênio é contemporâneo de tôdas as épocas. Natural, portanto, que Proença Rosa tenha escrito «Galileu redivivo», por isto que êle jamais deixará de pertencer à galeria dos tempos.

Êste pequeno e delicado volume contém um poemeto, de essência apologética e polêmica. Apologética, pois realça o valor de Galileu; e, do mesmo passo, envolve a organização teológica em versos de combate.

Dois dêles, aliás, sintetizam o pensamento orientador, a inspiração, a filosofia clara do autor:

«Do mundo as leis são vida e são
[essência;
e o conjunto das lei... sou eu... é a
[Ciência!»

Proença Rosa reúne cultura e sensibilidade, a par de convicções positivas sôbre a vida e morte, como assinalou Goethe no quinto e último ato de sua tragédia «Egmont»: «Os homens não estão juntos apenas quando estão lado a lado; os que estão distantes, os que partiram também vivem em nós».

De qualquer aspecto, porém, sob o qual o leitor encare, a existência e as religiões, verdade é que admirará, no pequeno poema de Proença Rosa, qualidades de quem sabe transmitir, artìsticamente, os próprios sentimentos.

COLETTE



Um retrato muito curioso de Colette, êste que o último número de «Caliban» ofereceu aos seus leitores, fazendo interessante reportagem gráfica sôbre a famosa escritora que, antes de ser membro da Academia Goncourt, cavaleiro da Legião de Honra e figura prestigiosa da França, deu muitos e ruidosos escândalos, com a sua carreira de Music-Hall, com os trajes «sans-descos», como êste, em que costumava se apresentar em público, com os seus casamentos e com alguns de seus livros documentários.

NA POEIRA...

ria de Gilberto Freyre, pelo que representa de seriedade e de amor à ciência, é exatamente êsse do constante aperfeiçoamento de seus livros já publicados. A cada nova edição de suas obras, Gilberto Freyre acrescenta-lhes novas e substanciais contribuições, seja na bibliografia, seja na interpretação. Cioso sempre da responsabilidade de seu nome ilustre, Gilberto Freyre nunca repousa sôbre as glórias conquistadas, desenvolvendo ao máximo tudo aquilo que a experiência e a cultura, a reflexão e o estudo, lhe vão mostrando numa perene evolução.

*

LA FONTAINE E HUGO

Nos papéis deixados por Victor Hugo encontra-se uma variante, ou melhor, uma transformação do famoso verso de La Fontaine: "A razão do mais forte é sempre melhor" (da fábula "O Cordeiro e o Lôbo"). O romancista de "Os Miseráveis" transformou o lema do lôbo em "A razão do melhor é sempre a mais forte", o que constituiu, por assim dizer, a sua profissão de fé.

*

CONTOS REUNIDOS

O décimo volume do Clube do Livro Selecionado, "Contos Reunidos", de Gastão Cruls, foi, sem dúvida, uma das escolhas mais felizes de Rachel de Queiroz, Agrippino Grieco e José Lins do Rêgo, orientadores literários da útil e oportuna iniciativa da Livraria José Olimpio Editôra. Pela primeira vez, aliás, o Clube do Livro Selecionado apresenta um autor brasileiro entre os seus escolhidos, na certeza de que assim estará indo ao encontro dos desejos dos

(Cont. na pág. 45)



COSTUMES LIGEIROS

NOS dias frios o «tailleur» é muito usado não só para as compras como também por aquelas que trabalham fora e precisam variar a toilette. Os costumes usados em tais ocasiões, são geralmente de talhe ligeiro e confeccionados em casemira. Dois modelos simples, tendo a adorná-los apenas grandes bolsos e golas recortadas. Simples e encantador êste costume com saia bem justa e casaco inteiro, adornado com bolsos embutidos e uma pala superposta. Tailleur de linhas clássicas, com o casaco recortado e bolsos embutidos. Elegantíssimo modêlo em casemira listrada. Saia justa e casaco com as listras formando feitios, gola e punhos enfeitados com veludo.







CASACOS

ÊSTE ano o comprimento dos casacos é muito variado, tanto são usados os modelos compridos como os três quartos e até pequenos boleros. A largura também varia, uns modelos são cintados, outros bem amplos e alguns inteiramente sem roda. Como se vê a moda oferece larga escolha, dependendo apenas do gosto de cada um. Apresentamos vários modelos, abrangendo todos os novos estilos.



Marie Laurencin

ENTRE as grandes figuras femininas dêste meio século, destaca-se, muito justamente, Marie Laurencin, a pintora que se revelou no salão dos Independentes, em 1907, e que, desde logo, foi consagrada como a irmã dos poetas e ilustradora dos romances realistas. O grande segrêdo da arte poética de Marie Laurentin está nesse tipo de mulher que ficará para sempre associado à fisionomia e à alma da mulher do princípio do século, rompendo a monotonia dos retratos femininos que nos deram os pintores de "la Belle Époque", principalmente pelo mistério que veio juntar às fisionomias, pela vida interior com que enriqueceu os rostos de mulher, antes dela apresentados como simples máscaras, cheias de beleza, sim, mas sem nada mais do que essa beleza. As mulheres de Marie Laurencin são inconfundíveis: dois grandes olhos cheios de sombra e de mistério, bôcas cruéis ou carinhosas, rompendo a brancura quase espiritual das faces. Suas figuras mais famosas revelam essa inquietude feminina que mal se percebe nos rostos serenos, como na sua "Rosette", na sua "Julie", e como naquela cabeça meditativa de sua "Primavera". Dir-se-ia que ela foi a reveladora da mulher de transição: nem as figuras manequinizadas do princípio de novecentos, nem a mulher torturada dos pintores modernos. Suas figuras femininas são lindas esfinges a que já foi entregue o segrêdo trágico de nosso tempo. Por isso, o plástico, nestas telas, fixa sobretudo o mistério feminino, mais perturbador, porque indecifrável, mais emocionante, porque revestido de beleza e de espiritualismo, de uma beleza que se aproxima da verdade e de um espiritualismo que se vai substituindo por um sentimento mais humano e mais próximo. Suas adolescentes não sofrem mais o decadentismo superado. Já têm carne, já perderam aquela tortura da incompreensão e, ao mesmo tempo, já se emanciparam da frivolidade que as precedeu. Êsses olhos de Marie Laurecin são feitos como os abismos, para atrair. Essas bôcas de suas mulheres estão carregadas de beijos, foram feitas para beijar. Suas mulheres são a matéria passional para o nosso tempo, para o tempo que precedeu o nosso terrível realismo. São inocentes, mas parecem conscientes do destino que trouxeram.



Modelos Variados



PARA os próximos dias de inverno, aqui estão algumas sugestões que por certo muito agradarão Alguns vestidos em lã, ou vistosas e elegantes «sweaters» acompanhadas de uma saia de lã ou de casemira, constituem o traje ideal para êstes dias. Nesta página, ao alto temos: blusa em malha de lã, mangas longas e saia em casemira mescla, vestido em lã cinza chumbo, enviezados; em baixo, modêlo em lã quadriculada, gola e punhos em veludo, «sweater» em lã verde, saia em casemira cinza. Na outra página, modêlo em lã marron claro, e dois elegantes trages em finíssima lã cinza; em baixo, «sweater» rosa com saia de lã azul-marinho, e, finalmente, dois modelos formados de «sweater» e saia em malha de lã plissada.









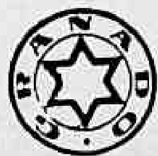



MUITÍSSIMO
MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientificamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...

Polvilho Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

CASA PEDRO



Camurça marron com lã escocêsa — Belíssimo complemento para "tailleurs" de inverno — Grande criação da CASA PEDRO — Rua Uruguaiana, 11 — 1.º and. (não temos filiais). Atendemos ao Interior.



FRANGO À MILANESA

Tome 2 frangos limpos e corte as coxas, as pernas, as ante-asas pelas juntas, e os peitos pelo meio. Lave em água fresca e leve a tostar em uma frigideira com 2 colheres de manteiga, ou gordura, e ½ colher de cebola picadinha. Junte os miúdos, um pouco de água quente, cheiro e tomates, e deixe a cozinhar em fogo fraco, até os pedaços ficarem macios. Retire do môlho, passe cada pedaço em farinha de trigo, depois em ovos batidos, em pó de pão, calque bem e guarde. Pouco antes de servir leve a fritar em banha quente até ficar com a crosta dura, mas sem ficar escurecida. Esmigalhe os fígados no môlho, côe, reduza e sirva na molheira.

CROQUETES DE ERVILHAS

Cozinham-se 250 gr de ervilhas. Acrescenta-se presunto picado, uma xícara de leite, 3 gemas e quatro colheres de farinha de trigo. Deixa-se cozinhar bem a farinha e tempera-se com sal uma colher de manteiga, e temperos verdes. Depois de ter esfriado, toma-se aos pouquinhos, com uma colher, e formam-se os croquetes no feitio que se quiser; assa-se no ôvo e na farinha de biscoito. Fritam-se na banha ou na manteiga.

SALADA DE RABANETES COM TOMATES

Colocar num prato uma colherada de maionese, sôbre ela um tomate deitado, aberto, com 2 talhos perto das extremidades, em cada lado colocar uma rodelinha de rabanete com a casca.

PLUM PUDING

1 xícara de sebo de carne cortadinho, 2 xícaras de farinha de rôsca, 1 xícara bem cheia de açúcar, 1 xícara de passas sem sementes, 1 xícara de corinto, 1 xícara de frutas sêcas pisadas, ½ xícara de cidra picada fininha, 1 colher-de-chá de sal, 1 colher-de-chá de cravo em pó, 2 colheres-de-chá, ½ colher-de-chá de noz-moscada ralada, 4 ovos bem batidos, 1 colher-de-chá rasa de bicarbonato desmanchado numa colher-de-sopa de água morna; misturar as frutas e cobrir com uma porção de farinha de trigo. No recipiente à parte, juntar os ovos, o açúcar, o sebo, a farinha, o cravo, o sal, a canela, a noz-moscada, 1 xícara de leite e, por último, o bicarbonato e a farinha de rôsca, para ligar.

Levar ao banho-maria em forma fechada, botar a panela em banho-maria, tomar a panela e deixar ferver durante umas 4 horas.

Virar num prato, colocar o creme de manteiga e açúcar, molhar todo o pudim com conhaque, riscar um fósforo e servir quente e em chamas.

CALDO VERDE

Leve ao fogo água suficiente para um caldo. Junte uma cebola picada, azeite, sal, e deixe ferver. Junte 6 a 8 batatas, depois de cozidas, esmague-as com o garfo. Deixe ferver de novo e na hora de servir junte couve cortada bem fininha e deixe ferver por 3 minutos.

COZIDO À PORTUGUÊSA

Cozinhe em água e sal, um pedaço de carne de ilharga, 250 gr de peito, 100 gr de toucinho salgado, 250 gr de carne de porco, um pedaço de presunto, 1 paio, 1 pedaço de linguiça. Devido aos ingredientes salgados, o sal deve ser muito bem calculado. Quando êstes ingredientes estiverem quase cozidos, juntar os seguintes legumes, cuja quantidade somada deve ser igual à de carne; couve tronxuda, nabo, cenoura, brócolis e repôlho.

CREME DE CHOCOLATE A FRIO

Deite 1 xícara de açúcar numa frigideira, sempre mexendo, e quando ficar derretido, jogue dentro um pouco de água, e com esta calda unte bem uma fôrma. Depois forre com 150 gr de biscoitos palito. Derreta 3 paus de bom chocolate, com menos água possível. Bata bem 3 gemas com 3 colheres de açúcar, junte 1 colher de manteiga e torne a bater adicionando 1 cálice de licor de cacau. Bata as 3 claras em neve, reúna tudo, misture bastante e despeje na fôrma já preparada. Leve para a geladeira ou lugar fresco. E' feito fora do fogo e pode ser preparado de véspera. Sirva com môlho de chocolate.

MÔLHO DE CHOCOLATE

Dissolva 2 paus de chocolate com 2 xícaras de água e 2 colhe-



res de açúcar. Ferva durante uns 20 minutos e ao retirar do fogo, junte ½ colher de manteiga e 2 de creme de leiteria. Bata bem e depois de frito despeje ao redor do creme.

FORMINHAS DE ESPINAFRE

Depois de cozidos, sem água, espremidos e batidos uma porção de espinafres — regulando um prato fundo — junte 2 xícaras de leite, sal, 4 gemas, ½ colher de manteiga, 2 colheres de queijo ralado, ½ colher de farinha de trigo e 2 claras em neve. Misture tudo, deite em forminhas untadas de manteiga e por cima deite como suspiros, as outras 2 claras em neve, com 1 pitada de sal e leve a assar no forno.

PEIXE À MODA DO PESCADOR

Prepare 1 ou 2 peixes carnudos e tempere com 1 cebola picada, cheiro, tomates, ½ fôlha de louro, ½ dente de alho e 2 xícaras de vinho. Deixe a tomar gôsto em lugar fresco. Deite o peixe com os temperos numa panela comprida e estreita, junte 4 xícaras de água e leve a cozinhar. Retire o peixe para uma travessa, arranque a pele de cima, regue com manteiga e deixe na bôca do forno, ou ao lado do fogo. Leve o caldo de novo ao fogo, e quando ferver vá deixando cair farinha de mandioca em chuva, sempre mexendo, para fazer um pirão. Sirva o peixe com pirão à parte.

A COZINHA

BÔLO AMERICANO

1 xícara de manteiga, 4 ovos, 2 xícaras de açúcar, 1 xícara de maizena, 2 xícaras de farinha, 1 colher de fermento, 1 copo de leite.

Bate-se a manteiga com os ovos e o açúcar. Depois de bem batido, junta-se a maizena e a farinha, bem misturada com o fermento e o leite. Depois de pôr a farinha, basta misturar, não é preciso bater mais, porque o bôlo não fica fôfo. Cobre-se com merengue bem batido.

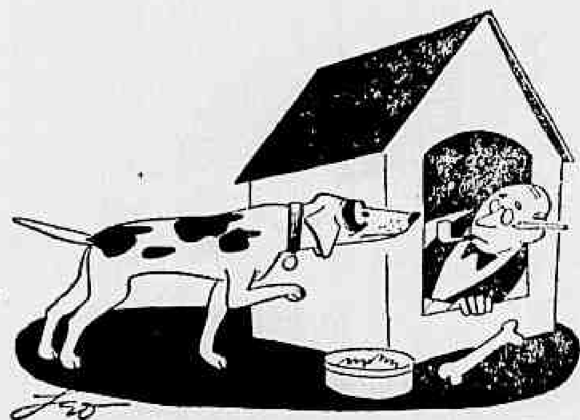
PUDIM DE CÔCO

1 côco ralado, 1 kg de açúcar, 2 colheres de manteiga, 12 gemas, 10 claras, 2 colheres de farinha de trigo.

Faz-se a calda em ponto de pasta. Desmancha-se bem a farinha nos ovos, ou na calda e se deixa esfriar um pouco. Acrescentam-se os outros ingredientes. Vai ao forno em fôrma un'ada com açúcar queimado. Cozinha-se em banho-maria. Tira-se da fôrma ainda quente.

GELATINA DE ABACAXI

1 lata de abacaxi, 1 caixinha de gelatina ambrosina, ½ litro de água, 6 fôlhas de gelatina branca,



môlho de gemada. Abre-se uma lata de abacaxi de tamanho médio. Tira-se todo o caldo. Desmancha-se a caixinha de gelatina num meio litro de água. Acrescentam-se as fôlhas de gelatina branca dissolvida e o caldo do abacaxi. Numa lata grande de abacaxi, arruma-se o abacaxi inteiro e derrama-se sôbre êle a gelatina já dissolvida. Deixa-se gelar, tendo-se o cuidado de arrumar o abacaxi antes da gelatina es'ar completamente coagulada. Fica no refrigerador até o dia seguinte. Tira-se da lata, mergulhando ràpidamente em água quente. Arruma-se numa travessa e serve-se com môlho de gemada.

BÔLO DE CARNE

Passam-se na máquina as sobras da carne assada ou dos bifes. Tempera-se bem. Unta-se uma fôrma com banha, passa-se depois farinha de pão torrado. Acrescenta-se ao picadinho de carne 2 ovos, 1 colher de farinha de trigo, um pouco de manteiga e umas 2 colheres de leite. Arruma-se na fôrma e leva-se ao forno. Assim que estiver assado, retira-se do forno, despeja-se num prato, faz-se um môlho branco com 1 xícara de lei'e, 1 colher de manteiga, ½ colher de farinha de trigo, sal e noz-moscada. Engrossa-se no fogo e cobre-se o bôlo.

TORTA GIRAFA

180 gr de manteiga, 180 gr de amêndoas raladas, 130 gr de farinha de trigo, 180 gr de açúcar, 6 ovos, 100 gr de chocolate, casca ralada de limão, 2 colherinhas de fermento em pó e canela.

Bate-se bem a manteiga, adicionando-se as amêndoas e o açúcar, e as gemas, ligando-se tudo muito bem e bate-se até a massa ficar bem fôfa. Junta-se o chocolate (em pedacinhos ligeiramente aquecidos no forno), a casca ralada do limão, um pouquinho de canela e alternadamente a farinha, o fermento e as claras bem batidas. Un'a-se a fôrma de manteiga, forra-se com semoline e leva-se ao forno regular. Pode cobrir-se com um glacê qualquer e enfeitar com raspas de chocolate e amêndoas peladas.

MAKRONEN DE AVEIA

250 gr de açúcar, 250 gr de aveia, 125 gr de amêndoas, 5 claras, 1 pacotinho de açúcar de baunilha. Batem-se bem as claras, junta-se o açúcar, a aveia, as amêndoas e a baunilha. Com o auxílio de uma colher fazem-se bolinhos sôbre um papel pergaminho untado; assam-se levemente e retira-se o papel.

CUBOS DE PÃO

4 a 5 pãezinhos (ou pãezinhos de leite), 2 a 3 ovos, 1 xícara de leite, açúcar, canela e 1 pitada de sal.

Rala-se a casca dos pãezinhos e cortam-se êstes em 4 pedaços cada um. Batem-se os ovos, o sal e o leite e embebem-se nêles os pedaços de pão durante ½hora. Espreme-se levemen'e, polvilha-se com a casca ralada e frita-se em bastante banha quente. Deixa-se escorrer, polvilha-se com açúcar e canela e serve-se com calda quente.

CAVALHEIROS POBRES

Torradas, leite, 2 a 3 ovos, 1 pitada de sal, farinha de pão, açúcar e canela. Embebem-se as torradas no leite, passam-se pelos ovos batidos com uma pitada de sal, em seguida pela farinha de pão, fritam-se em manteiga ou banha e cobrem-se com açúcar e canela. Servem-se com môlho de baunilha.

SOPA GORDA DE TOMATES

Faça um caldo comum, incorporando ½ kg de tomates bem maduros. Depois passe pela peneira e ligue com 2 colheres de fubá de arroz, 1 colher de manteiga, 1 xícara de leite. Tempere de sal e sirva com pedacinhos de pão torrado, num pra'inho à parte.

PUDIM DE CLARAS

Tome 6 claras em neve e 8 colheres de açúcar. Reúna o açúcar com as claras e bata até ficar bem firme. Despeje em fôrma untada de açúcar queimado e leve a assar em banho-maria. Antes de esfriar, emborque a fôrma num prato côncavo e não a retire até esfriar bem, para não se desmanchar. Sirva com creme Patesserie ou com creme de claras, em volta, ou com morangos frescos.

CREME PATESSERIE

Tome ½ litro de leite, 125 gr de açúcar, 4 gemas, 25 gr de farinha e 1 pedaço de baunilha. Bata bem as gemas com o açúcar e junte a farinha. Despeje de vagar, o leite a ferver, batendo com o batedor, deixe ferver um pouco e reserve. Pode também perfumar com licores.

"Como é bom ser Kolynos-ista!"



Na fórmula científica de Kolynos há ingredientes especiais que eliminam realmente os ácidos bucais, causadores das cáries. Provas cie tíficas, realizadas por Universidades norte-americanas e europeias, provaram que Kolynos destroi até 92% das bactérias que formam os ácidos. A espuma refrescante e penetrante de Kolynos l mpa melhor os dentes e a boca, purificando o hálito. Proteja os dentes, escovando-os com KOLYNOS depois de cada refeição.



1. *Você sabe que em sua boca existem milhões de bactérias produzindo ácidos que atacam os dentes?... Esses ácidos causam cáries dolorosas!*



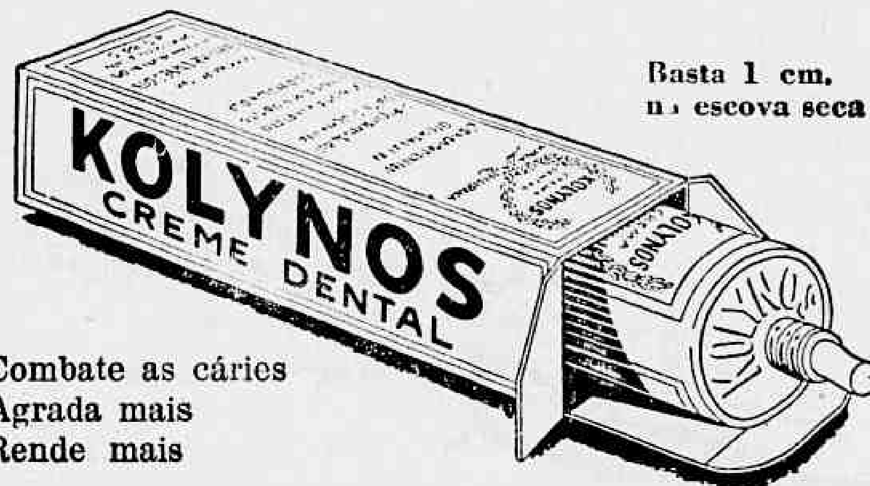
2. *Como acabar com essas bactérias?... Elas são difíceis de destruir... Mas felizmente, todos nós temos um grande amigo que protege os nossos dentes... e a nossa saúde.*



3. *Sim, senhorita!... Kolynos! O Creme Dental Kolynos - de sabor tão gostoso - destroi essas bactérias que produzem os ácidos causadores das cáries.*



4. *E, o que é mais, Kolynos clareia e faz os dentes brilhar como pérolas, embeleza o sorriso, refresca o hálito e torna todas as meninas mais bonitas!*



Basta 1 cm. na escova seca

Combate as cáries
Agrada mais
Rende mais

McCann

Não há nada melhor que KOLYNOS para combater a cárie dentaria.

K-409-P

Em sua casa

Dê vida a seus cabelos

Conserve-os fortes, brilhantes, sedosos e sem caspa, com

SHAMPOO MYSTIK

Evite cabelos brancos, sem pintar, com

TÔNICO YILDIZIENNE

Assembléia, 115 - 1.º Rio

ACADEMIA SCIENTÍFICA DE BELEZA

Em nossos salões

CIRURGIA PLÁSTICA

Dr. Fausto Campos

Prática nas clínicas de Paris, Berlim, Londres, Milão e Viena.

CORREÇÃO CIRÚRGICA SEM DÔR DAS RUGAS DO ROSTO

Tratamento da pele e do cabelo

Assembléia, 115 - 1.º - Fone: 22-1701

FÁBRICA BANGÚ
TECIDOS PERFEITOS

Preferidos no Brasil

BANGÚ

Grande sucesso em Buenos Aires

EXIJA NA OURELA
BANGÚ-INDÚSTRIA BRASILEIRA

Das Fábricas, Diretamente Ao Consumidor

ÇASEMIRAS — TROPICAIS — LINHOS

Perfeita organização em vendas pelo reembôlso postal. — Fornece MOSTRUÁRIO GRÁTIS para todo o Território Nacional.
ALFAIATES: desconto de 10%

LEÃO DAS CASEMIRAS

— RUA BUENOS AIRES, 139 —
RIO DE JANEIRO

HEMORRÓIDAS

E VARIZES EM GERAL

Novo tratamento sem operação e sem injeções

Após longos estudos foi descoberto um ótimo remédio para o tratamento das **hemorróidas** (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram, Usando a pomada no local e tomando juntamente o líquido, em pouco tempo poderão ser debelados por completo tais males. **Para varizes** (nas pernas) use na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada e friccione a pomada no local. As pernas readquirem seu estado normal e a beleza estética. USE DURANTE 3 MESES.

Procure nas farmácias e drogarias e na falta à V. Sandoval Jr., Caixa Postal 1874 São Paulo.

Hemo-Virtus

POMADA

U-46-2 Ag. Pettinati

UM MUNDO À MARGEM

(Cont. da pág. 15)

nem recalques. Evitariamos sempre o supérfluo, e nossa mútua confiança baniria de nossas mentes todos êsses pensamentos que originam pequenos conflitos desagradáveis e fazem muitas vêzes, do lar, um verdadeiro inferno. De qualquer maneira, somos criaturas privilegiadas, porque conseguimos vencer a rotina, pela fôrça de nossas próprias convicções.

(Cont. no próximo número)

O POVO PORTUGUÊS...

(Cont. da pág. 14)

quis suplantar em entusiasmo os seus irmãos do Pôrto. Hora de inesquecível vibração. Daquelas em que a espontaneidade que não engana, se não confunde com as manifestações preparadas.

E o triunfo retumbante da sua última reeleição, já consentida por êle como mais um grande sacrifício pela Pátria, um sacrifício que afastaria para sempre a realização do seu sonho tão desejado: uma pequena casa aconchegada, de cuja lareira, sossegada e tranqüilamente, pudesse contemplar o pôr do sol na linda e amorável terra portuguêsa.

Misturado na multidão, o automóvel mal podia romper e a polícia só teve uma atitude: deixar expandir o povo, que o abraçava, que lhe beijava as mãos fidalgas, numa verdadeira loucura apoteótica desde o Rossio a Belém, quilômetros de trajeto, sem uma pausa nas aclamações, no vitoriar incessante do seu nome.

Que segrêdo tinha êste grande homem de Portugal para, êle que era tão simples, tão modesto, atrair as multidões?

O seu firme patriotismo. O seu exemplo magnífico. A sua bondade intraduzível. A sua afabilidade contagiante. A sua firmeza e intransigência perante tudo aquilo que êle considerava ser prejudicial à vida e ao futuro do povo que o escolhera para Chefe e Deus lhe confiara para conduzir.

Os povos nem sempre são ingratos. E os portuguêses — sobretudo as mães — sabem que lhes devem a paz que salvou a Nação e salvou os seus filhos.

Não se apagará jamais a saudade dêste grande português que, às 11,45 do infausto dia 18 de abril (data que na vida do Marechal e da Nação Portuguêsa tem tanta significação) dêste ano tão sombrio e cheio de apreensões, para sempre gloriosamente entrou na História, nesta História de Portugal tão esmaltada de nomes que os tempos guaradaram e guardarão eternamente.

Jerônimos, o arrendado monumento onde, segundo Edgard Quinet, "vive a alma marinha de Portugal", onde a pedra se fêz oração; lembrança de uma era de esplendor, hoje renovado, o velho mosteiro, símbolo de tanta grandeza, plantado pela munificência de um grande Rei, no terreiro do Restelo, que foi fecundado pelas lágrimas de saudade de tanta espôsa e de tanta mãe portuguêsa ao ver partir para o desconhecido, para o mistério insondável de longes terras por descobrir, os maridos, os pais, os noivos, os irmãos, é bem o seu lugar. Ali irão por muito tempo os portuguêses dizer-lhe que o não esqueceram, que a sua gratidão se não extinguiu.

Que espetáculo emocionante e de impressionante grandeza viveu Portugal nestes dias de luto.

De luto sentido, de luto de corações oprimidos, exteriorizado nas vestes e nos adornos. O povo pôs luto. Fê-lo espontâneamente e porque, de fato, se sentiu de luto por alguém que era muito querido e muito admirado, por alguém em quem tinha segura confiança, garantia da sua tranqüilidade e do seu bem-estar.

O desfile perante a urna, as manifestações múltiplas e tão significativas até à hora decisiva da saída do Palácio da Assembléia Nacional, por onde passaram, lentamente, centenas de milhar de pessoas de tôdas as classes, que aguardaram pacientemente, horas e horas, para o momento emocional de olhar pela última vez aquêle que tantas vêzes lhes havia sorrido e dito palavras de paternal ternura; irmanados grandes e humildes pela mesma dor e pela mesma saudade; as ruas da cidade com inúmeras bandeiras a meia haste, as vitrinas dos estabelecimentos com o retrato do simpático amigo envolto em crepes; os automóveis com o seu sinal de luto; os estudantes, golas das batinas erguidas, de luto também; o vaivém incessante da multidão que tem dado à cidade o aspecto invulgar das horas de grande e triste emoção, dos grandes acontecimentos, tudo isso é claro e definitivo testemunho para a história.

Mas a hora mais triste, depois da surprêsa alarmante que a notícia do seu falecimento causara, estamos a vivê-la agora, neste instante: a hora do seu funeral.

As ruas do percurso impressionam pelas multidões de povo de tôdas as classes, vestido de negro, que nelas se comprime. Há pontos de concentração que atingem uma grandeza esmagadora. Das janelas pejadas de gente, caem panejamentos pretos ou balançam ao vento bandeiras e meia haste; nos telhados, nas árvores, nos candeeiros acesos e cobertos de crepes, verdadeiros cachos humanos. Não é espetáculo que se esqueça e não é espetáculo de alegria que tente.

Difícil de traduzir-se em palavras; difícil de descrever sem lágrimas a embaciarem-nos os olhos cansados.

Uma ordem absoluta. Um silêncio confrangedor, apenas entrecortado pelos toques dos clarins militares ao transmitr as ordens de comando.

De repente, o vibrar pungente dos sinos, os toques de sentido. Chegou a hora mais triste. Ouvem-se o rufar abafado dos tam-

(Cont. na pág. 46)

QUEM ESTÁ DE RONDA . .

(Cont. da pág. 32)

Era uma singular maneira de homenagear o assistente tornando-o afilhado de Ogum. Acabada a cerimônia, todos os assistentes saudaram, com um grito de guerra; o novo filho de Umbanda:

— Ogum, Iê!

Batemos, depois as fotografias que desejávamos e nos retiramos temendo que fizessem o mesmo conosco. Enquanto nos afastavamos, ainda soavam aos nossos ouvidos outro "ponto":

"Quando São Jorge batalhou
Batalhou pelo santo amor
Era uma guerra de glórias
Pelo amor à nossa Senhora
Montado em seu cavalo branco
A sua espada êle içou
Bradou, com as suas fôrças
O grande herói (viva a fé e o amor de Jesus).

E' assim nos terreiros de umbanda que se comemora a data da morte do herói que, na lenda, matou o dragão que ameaçava destruir o mundo. De maneira simples, sincera e cheia de fervor, os umbandistas também prestam seu culto à memória de Ogum, ou melhor de São Jorge, protetor da Inglaterra e, oficiosamente, protetor do Brasil...

PROVINCIANO

(Cont. da pág. 22)

carro de bois ia que ia tinindo no sol quente. Atrás, gente a cavalo e gente a pé. Lá chegados, o coveiro embirrou·

— Abre o caixão aí, sinão num deixo interrá...

— Cadê a chave, compadre?

— Num tá cum você, Amâncio?

— Ué... Nem cum vancê, Dico?

E a chave não apareceu. Voltar? Longe à bessa! E a solina? Fizeram ali mesmo uma vaquinha p'ra pinga convencer o coveiro e enterraram o defunto-pé-de-bananeira...

E o Zé tirou enorme baforada de seu já minguado charuto.

— Incrível! — exclamou um dos estupefatos ouvintes.

— Inacreditável! E o falecido apareceu?

— Si a-p-a-r-e-c-e-u? — arriscou o Zé — O que apareceu foi uma colossal moita de bananeiras bem em cima da cova do falecido, *sô!*..

★

E o Zé safou-se, deixando os turistas, doutôres, artistas, políticos e negociantes: tôda aquela gente estranha boquiaberta e confusa.

Alguns gozando a imaginação e a astúcia do negro provinciano. Que contar êle sabia, se bem que o português quase civilizado ainda estivesse carregado do linguajar sertanejo! São assim os roceiros do Estado do Rio, principalmente de Campos: Finórios, astuciosos, ninguém lhes passa a perna...

Já no apartamento que partilhava com o coronel Cipriano, o Zé só conseguiu dormir depois que se ajoelhou e rezou pela alma de *algum* pai de *algum* Jorge, gerente de *alguma* fábrica de goiabada que pudesse, por *alguma* coincidência, haver por *algum* canto de Campos!...

Para a renovação dos seus móveis torna-se indispensável a aplicação do óleo de peroba.

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos. Fórmula completamente inofensiva, não contem nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ESTES PRODUTOS DA MULTIFARMA

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

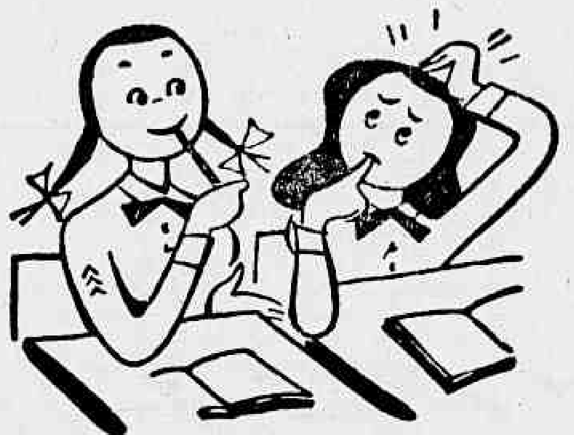
MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 3º — sala 6 — São Paulo

Remessas pelo Reembolso

"As crianças são as vítimas"...

...porque apanham piolhos de seus próprios companheiros.



Neste caso, friccione logo NEOCID em pó e os piolhos morrerão em pouco tempo... Aplique o pó, que não irrita a pele e é absolutamente inofensivo.

Contra qualquer espécie de piolhos - use a latinha de NEOCID em pó

NEOCID

AGORA

RIO-MANÁUS

NO MESMO DIA

IDA CR$ 2.468,20

IDA E VOLTA CR$ 4.475,80

LOIDE AÉREO NACIONAL

COM ESCALAS EM

Anápolis -- Carolina e Santarém

Passagens -- RUA MÉXICO, 11 Tels. 32-5195 e 42-9967

Encomendas e Cargas -- AV. PRESIDENTE WILSON, 210. Tel. 52-2567

TABELA DE PREÇOS

	Passageiros	Carga (kg.)
Rio-Anápolis	565,50	3,80
Rio-Carolina	1.106,10	7,80
Rio-Santarém	2.008,80	14,40
Rio-Manáus	2.468,20	17,80

A SAÚDE DO BEBÊ

LEUCORRÉIA NA INFÂNCIA

DR. SABOIA RIBEIRO

A verdadeira extensão com que nas crianças do sexo feminino se encontram os corrimentos pode ser melhor aferida se tivermos em conta que sòmente uma parte dos casos é trazida aos consultórios, isso, como é óbvio, porque motivos pundonorosos devam os responsáveis da criança a ocultá-los do médico, deixando-os evoluir, não raro, sem nenhum tratamento eficaz.

As conseqüências dessa conduta não podem ser mais funestas para as suas portadoras, máxime se o regime causador é de natureza gonocócica, o que numa parte dos casos também às vêzes sucede.

Debaixo do ponto-de-vista dos germes responsáveis pelos corrimentos, duas são as hipóteses: umas vê-



zes são germes banais que apenas encontram no meio entretido pelo corrimento um terreno favorável a seu desenvolvimento, mas o fluxo se conserva mais ou menos limitado, e até desaparecendo por vêzes. Aqui o mal não resultou de nenhum contágio, e as mais das vêzes tudo tem sua explicação nas próprias condições constitucionais da criança, sobressaindo como principais fatôres a anemia e o linfatismo.

O tratamento geral, as vantagens do ar livre, os banhos de sol, os banhos de mar, uma alimentação vigorosa e a medicação ferruginosa — são fatôres essenciais da cura e que não faltarão na prescrição de cada caso.

Na hipótese de tratar-se de uma manifestação de contágio, outros casos haverá na mesma casa, explicando-se a transmissão pela comunidade de leito ou objetos da higiene íntima.

Nesse caso o fluxo é esverdinhado, espêsso, manchando e endurecendo nas vestes, resistente aos tratamentos locais.

O exame da secreção identifica o germe responsável no gonococo. E' sempre acertado, qualquer que seja a aparência do caso, pedir o exame da secreção, pois num caso ou noutro a orientação terapêutica tem que basear-se em métodos diversos, pelo que deve partir de um bom diagnóstico da natureza do corrimento.

Sobretudo nas formas devidas ao gonocócus as complicações mais sérias podem surgir, e isso muitas vêzes acontece até passados anos.

Entre essas complicações estão as que podem atingir a bexiga (cistite), útero e trompas. O reumatismo com origem nas mesmas formas é das doenças mais sérias, nem sempre permitindo uma cura sem deixar vestígios.

Além disso, muitas afecções uterinas e anexiais que atingem a mulher na idade adulta — metrites, salpingites, pelviperitonites — prendem-se às vulvovaginites infantis de que nos ocupamos.

O tratamento local não basta para resolver os diferentes casos.

Contudo, são sempre recomendáveis o asseio das partes com água boricada e, melhor ainda, com permanganato de potássio, o que porém deve ser orientado pelo médico, e sem que fique dispensado o exame da secreção.

Aliás, é sempre a primeira coisa a fazer, e logo aos primeiros sinais do corrimento.

O êxito do tratamento está hoje assegurado, quer pela penicilina, quer pela foliculina, mas em ambos os casos deve ser ouvido o médico para decidir da escolha, que

(Cont. na pág. 45)



CARLOS FRIAS JÁ FOI

(Cont. da pág. 46)

fizeram côro. Publicaram *notinhas dissonantes*. A notícia chegou à Câmara. O representante da U.D.N. foi cercado de tôda simpatia dos seus pares. O presidente disse que o vereador não devia nenhuma explicação ao plenário e tanto assim era que fôra conduzido para a Comissão de Finanças. Mas Carlos Frias foi à tribuna e deu sôbre o caso em que estêve envolvido os esclarecimentos que pretendia. Como resposta àqueles que puseram dúvida sôbre a sua honradez e senso de honestidade, começou dizendo que está na maneira clara e insofismável de como se pronunciou o Supremo Tribunal Federal, depois da defesa que fêz o advogado Sobral Pinto, da qual resultou a concessão do *habeas-corpus* anulando o processo. Continuou dizendo que há nesta parte da questão um aspecto lamentável. O juiz Otávio da Silveira Sales, agindo precipitadamente e com rigor incomum, acabou vendo mais tarde sua sentença anulada, assim como as razões que a motivaram. Acrescentou a isso, no seu dizer, um ponto mais lamentável. E' que um seu irmão, procurando o juiz depois que êste antecipou a um jornal a sentença que tinha intenção de prolatar, quando tentava demover o juiz da atitude que se mostrava disposto a tomar, ouviu dêle que funcionava no processo como Pilatos.

Carlos Frias passou a seguir para outro aspecto da questão. Disse que, efetivamente, a situação do seu estabelecimento não era boa. Recorreu por isso a um remédio natural. Trouxe para a firma sócios. Conseguiu que a ela se juntassem os dois proprietários da sala em que funcionava a "*boîte*" de sua propriedade, criada tão sòmente, no seu dizer, para dar à cidade mais um motivo de vida social, sem outro intuito senão proporcionar ao meio em que vive, que é o radiofônico, um ponto de reunião para os artistas. Os dois sócios, srs. Plínio Sena e Galeno Gomes, adiantou o orador, concordaram em entrar para a sociedade. Prosseguindo, disse o representante udenista que, na presença do advogado Álvaro Sá, representante da Justiça do Trabalho, fêz cessão de duas têrças partes da sociedade aos dois sócios e jamais voltou às suas mãos o documento a que tinha direito com as suas assinaturas. Adiantou que se viu então com dois sócios sem oportunidade de provar que os tinha. Não conseguiu senão promessas, nos dois ou três meses que se sucederam à assinatura da cessão. Por isso não encontrou outro caminho senão o de apelar para o que a lei faculta a um comerciante honesto e que deseja pagar as suas dívidas, que é a concordata. Teve assim de fazer uma confissão de falência, pois, não tendo dois anos de atividade comercial, a lei o obrigava a apelar para uma concordata suspensiva, que é um ato posterior à confissão de falência. Ofereceu ao Juiz da Primeira Vara Cível, onde corria o processo, uma carta da Sociedade Anônima Rádio Tupi, mediante a qual congelava seus vencimentos como locutor de rádio para garantir o pagamento aos credores.

Passou mais adiante do seu discurso à parte criminal do processo. Ela existiu, no seu dizer, porque os dois proprietários da sala, com os quais mantinha um contrato de locação com fundo de comércio, passaram a desejá-la e tinham de conseguir para isso um meio. Trataram de conquistar aquêle que representava no processo o Síndico da falência e fazer com que essa pessoa, fundamentada num laudo pericial hipotético, solicitasse ao Curador de Massas a abertura de um processo criminal. Estaria êle impedido, assim, de realizar qualquer espécie de concordata, o que daria na conseqüente homologação da falência. Foi o que houve. O advogado Jayme Leonel, nomeado há pouco para consultor jurídico do Ministério da Aeronáutica, solicitou o comparecimento do representante da U.D.N. ao seu escritório e mostrou-lhe o laudo pericial mandado fazer pelos seus constituintes. Na ocasião, Carlos Frias foi convidado a desistir da sala, sob pena de fazer parte do processo o laudo pericial que concluiria pela fraude. Depois disso, o laudo foi efetivamente juntado ao processo e daí veio o que é do domínio público."

★

Agora, decorridos tantos meses, tomamos outro "Gostosão" e rumamos para a casa de Carlos Frias, a fim de fazer esta reportagem. A paisagem é outra; tanto na política como na atmosfera. Já temos no Catete outro govêrno e o tempo está bastante frio. Enfim, estamos em maio, mês das flores. Não tivemos, dessa vez, a sorte de encontrar Montalvão no ônibus. Todavia já lemos e relemos o seu livro. E a propósito lembramo-nos dêsses conceitos: "São os homens fortes e corajosos que dirigem o mundo. Os passivos, fracos e tímidos, não deixam sinal nenhum após si, enquanto que a vida de um homem forte deixa um raio de luz, após a sua morte. Seu exemplo é lembrado e seguido e, os seus pensamentos e a sua coragem continuam inspirando gerações"...

Já chegamos. Agora, convidamos o leitor a entrar conosco no apartamento do vereador. Toquemos a campainha que imediatamente seremos atendidos, pois já estamos sendo esperados. Pronto. Abre-nos a porta a atriz Aimeé, companheira de Carlos Frias. Com o desembaraço próprio de u'a mulher acostumada a pisar no palco, ela nos recebe amàvelmente. Dá ordem à empregada para fazer café e senta-se frente a nós" Lápis e papel na mão. Conversemos.

O seu nome todo é Ilyade Sales de Lemos — e acontece que é baiana... e como que para recordar a Bahia... mora na rua São Salvador. Estreou no teatro em 1950, no concurso "À Procura de Uma Atriz" para a Companhia Dulcina — Odilon, promovido pelas Emprêsas A Noite. Depois de trabalhar três meses com Dulcina e Odilon, passou a integrar o elenco de Procópio Ferreira. Organizou oportunamente uma Companhia, juntamente com Joracy Camargo. Já excursionou todo o país de norte a sul. Em 1947 ganhou um prêmio de viagem à Europa no "Concurso das Sereias", promovido pelos "Diários Associados". Em 1948 foi eleita Rainha das Atrizes. Ainda neste mesmo ano fundou os chamados *Teatros de Bairro* — iniciando com o *Teatrinho Intimo* e a *Boîte Chez-Aimée*, cuja história já relatamos. Lançou como autor e ator o sr. Silveira Sampaio, na peça "A Inconveniência de Ser Espôsa". Já levou à cena dezenas de peças teatrais, destacando-se "O Noivo de Luiza", de Saint-Clair Sena; "Ó Margarida", de Silvia Autuóri, e "A Camisola do Anjo", de Pedro Bloch. Deixou o teatrinho de bairro porque encontrou teatro no centro da cidade. Já atuou nas Rádios Mayrink Veiga e Tupi, no desempenho de novelas e programas de auditório. Tomou parte no elenco dos filmes "Corações sem Pilôto", da Cinédia, e "O Homem que Chutou a Consciência", da Tapuia.

Gosta pouco de representar dramas, preferindo sempre a comédia, principalmente a fina e maliciosa comédia francesa. Os seus autores preferidos são: Sacha Guitrix, Luís Verneuil, Georges Feydeau, André Roussin, André Puguet e Jean de Letraz. Dos nacionais prefere Pedro Bloch, Joracy Camargo, Ernani Fornari, Aldo Calvet, Guilherme de Figueiredo, Bandeira Duarte, Henrique Pongetti, Daniel Rocha, Genolino Amado, Raymundo Magalhães Júnior, Acioly Neto e Silveira Sampaio. Atualmente está parada por falta de teatro. Porém, no dia 6 de setembro voltará à ribalta.

Analisando o nosso panorama artístico disse ser admiradora de Cacilda Becker, considerando-a — "*a maior artista da atualidade*". Criticou o sr. Octávio Güilen, classificando-o "*um cidadão milionário que lamentàvelmente não aprecia a arte*", pois traz fechada uma casa de espetáculo quando artistas como ela estão parados por falta de teatros. Outrossim, elogiou a atitude do sr. Messenas, de São Paulo, que, ao contrário do sr. Octávio Güilen, tudo tem feito em prol da classe teatral. Finalmente, disse Aimeé que ser artista sempre foi o seu desejo; mas, que o seu ideal maior é ser repórter, pois acha empolgante a vida jornalística.

★

Bem, agora vamos tomar o café que a empregada trouxe. O vereador acaba de chegar e nos faz companhia. E, enquanto

A beleza dos móveis consiste apenas em saber tratá-los com óleo de peroba.

saboreamos a moca, falamos ao casal acêrca dos boatos que circulam a respeito dêles.

— O público acredita — dissemos — que vocês são felizes, mas também diz que há antagonismo entre vocês, isto é, que um detesta o teatro e o outro tem ojerisa à política... é verdade?

Aimée sorriu, enquanto que Carlos Frias ficou sério, pensativo. Depois de curto silêncio falou com ênfase e com sua voz trovejante:

— "Como poderia eu detestar o teatro se o teatro é a fonte, é o berço da cultura. Quando se visita um país civilizado a primeira coisa que se mostra ao visitante é o teatro. Assim foi em Atenas há séculos atrás e assim continuará sendo por todos os séculos, pois no teatro está o entrosamento de tôdas as artes, a representação de todos os costumes e a soma de todos os ideais."

Aimeé, por sua vez, disse: "Nos dias atuais não se pode viver à margem da política sem incorrer no risco de viver à margem da vida. No próprio ambiente teatral há política... de preços, de preferência e de localização..."

★

Carlos Frias nasceu a 11 de janeiro de 1917, na cidade de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro. Tem, portanto, 34 anos de idade. E' filho do sr. Mário Frias, já falecido, e de D. Zaidie Nóbrega Frias. Tem 5 irmãos: sr. Luís da Nóbrega Frias; sr. Octávio da Nóbrega Frias; sra. Zaidie Oliveira Castro, casada com o sr. Alceu de Oliveira Castro; sra. Celina Frias Cabral, casada com o sr. Antônio de Barros Liberal; e srta. Maria da Nóbrega Frias.

Perguntamos a D. Zaidie, que mora no bairro de Botafogo, a qual dos filhos tinha mais apêgo. A resposta foi a que daria tôdas as mães — "A todos". Todavia, não faltou quem apontasse o Carlos Frias como o mais mimado, por ser o caçula. Revendo um velho *álbum* de família ficamos admirados ao encontrar uma foto em que o herói que hoje é vereador aparece vestido de sacristão. D. Zaidie esclareceu: "é que, logo que o Carlos nasceu fomos residir em Santos. Foi lá que êle fêz as primeiras letras e o seu curso ginasial. Como eu queria que êle fôsse padre, arranjei com o vigário para que êle ficasse, desde logo, como sacristão. Queria, assim, impor-lhe uma vocação que, reconheci mais tarde, não era a sua."

Quem achou muita graça nestas revelações foi Aimée, que ignorava tudo isso. Assim, cresceu, agora, o seu interêsse em querer ser repórter; não para descobrir o *moto-continuo*, mas, para ao menos, não continuar ignorando que o seu grande amor antes de ser vereador já foi sacristão.

A SAÚDE DO BEBÊ

(Cont. da pág. 44)

deve ser sempre feita diante de cada caso concreto.

CORRESPONDÊNCIA DAS MÃES

L. C. (Nesta) — Ponha dentro de cada mamadeira 1 colherinha do seguinte:

Citrato de sódio .	2 gramas
Água destilada ..	120 "

N. R. (Caxias) — Sim, também tem sido usada a estreptomicina no tratamento da coqueluche.

A dose é 1 grama por dia, dividida em 8 doses (de 3 em 3 horas).

Parecem animadores os resultados.

Os acessos de tosse já são bastante abrandados entre 5 e 10, ou mesmo dominados.

R. F. (Nesta) — Deve quanto antes fazer um tratamento antiluético. A sífilis não tratada durante a gestação é extremamente grave para o feto. Êste freqüentemente nasce morto e macerado, ou se nascê vivo vem a falecer nos primeiros tempos, conforme o grau da infecção a êle transmitida.

Está claro que o tratamento deve ser iniciado logo no início da gestação, sob pena de vir tarde ou não poder produzir todos os benefícios para o feto.

Eis porque tôda gravidez deve ser testada em relação à sífilis e òbviamente, tôda primeira gravidez.

D. M. (Nesta) — Os lactentes nervosos e que mamam com sofreguidão deglutem muito ar ao mesmo tempo, e isso lhes dilata o estômago a causa por vêzes cólicas e até vômitos mais ou menos abundantes.

Experimente fazer arrotar a criança no meio das mamaduras. Isso, às vêzes, faz melhorar inteiramente a situação.

NA POEIRA . . .

(Cont. da pág. 35)

seus associados. Em verdade, além de se tratar de livro de autor brasileiro, será interessante frisar que Gastão Cruls, nas páginas de "Contos Reunidos", deixou o melhor de sua produção no gênero, contida em três livros hoje esgotados: "Coivara", "Ao embalo da rêde" e "História puxa história", acrescentando a êsse conjunto as páginas inéditas de "Quatuor". E, sem a menor dúvida, os leitores de "Contos Reunidos" terão oportunidade de apreciar, nas páginas dêsse volume um contista de alto valor. Suas histórias, densas e dramáticas, possuem enredo, desenvolvimento completo, episódios perfeitamente definidos e envolvem personagens e cenários dos mais variados. Histórias de amor, ciúme, ambição, ódio e crime alternam-se, ora com a tranqüila moldura de um ambiente rural ora com o cenário ruidoso e agitado do Rio, com os seus cabarés, os seus salões, as suas cocotes, as suas rolêtas, os seus tipos de boêmia, tôda a variada humanidade do asfalto e das luzes citadinas.

O POVO PORTUGUÊS...

(Cont. da pág. 14)

bores dos regimentos, as marchas fúnebres... e começa o desfile.

Do que se passara lá em cima no imponente Palácio da Assembléia nestes derradeiros instantes não vou aqui dar a mais pequena nota. Direi apenas que duas figuras se erguem, grandes e impressionantes na sua imensa dor: Dona Maria do Carmo, coração amantíssimo, bondosíssimo a que tanto devem os pobres; o sr. Antônio de Oliveira Salazar, sôbre cujos ombros pesará agora por algum tempo maiores responsabilidades, sobrecarregado neste momento com mais uma angústia na sua alma de português, tão experimentado já que vê perder-se para sempre aquêle que tornou possível a sua obra, o seu sacrifício, de quem foi colaborador leal, fiel, dedicado, durante um quarto de século.

Dez mil homens de armas se perfilam pelo percurso longo para a última continência àquele que foi o maior de todos os portuguêses e que nunca deixou de ser um grande militar.

Os representantes de tôdas as nações amigas — o Brasil, sempre ligado a nós nas dores e nas alegrias; a Espanha, a Inglaterra, a França, tôdas, com as suas luzidas representações especiais.

As grandes figuras que no exílio amável de Portugal curtem a saudade dos seus países, a que a insensatez, o desvario dos homens levou o desassossêgo.

Princesas gentilíssimas de Portugal e do Brasil.

Nobres de linhagem e nobres do saber e da cultura.

Tudo que representa a Nação e as suas ligações no mundo; tudo ali vai silenciosamente, sentindo o pêso, a sombra densa de uma hora magnífica mas triste, que a história de um povo grande — feito por si próprio — para sempre fixará.

Flores, montanhas de flores, rosas, cravos, glicínias, gladíolos, perpétuas, nardos, narcisos, orquídeas, saudades, lírios, todo êsse mundo de beleza criado por Deus para encantamento dos olhos e traduzir materialmente saudade e gratidão.

Bandeiras de todos os Municípios. Teoria singular de côres, a que os crepes dão tons de crepúsculo.

Não é espetáculo êste que se descreva, sobretudo no momento culminante em que o armão com a urna passa diante do povo que ajoelha e reza.

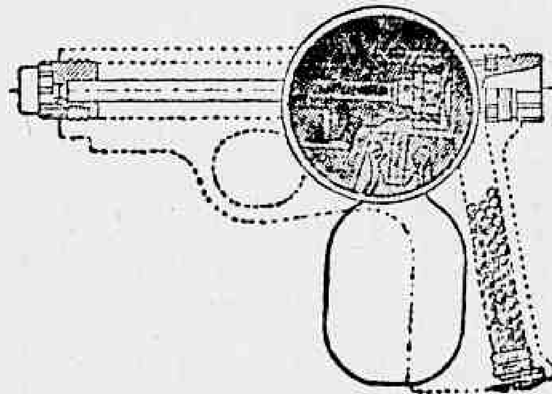
Calou-se para sempre aquela voz amiga,

Mantenha os seus móveis bem lustrosos, aplicando com uma flanela óleo de peroba.

Pistola "PNEUMA-TIR"

PATENTEADA EM TODOS OS PAISES

A pistola metralhadora atira 500 balins sem necessidade de carregar. Ar comprimido por novo processo



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres

FABRICADA POR

ALFREDO ELLIS & CIA. LTDA.

RUA URUGUAIANA, 104

Tel. 43-0766 — RIO

Estojo, contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes

Cr$ 250,00 pelo REEMBÔLSO POSTAL

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes

Cr$ 15,00

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBÔLSO POSTAL, sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMA TIR», conforme indicação abaixo:

Nome ....

Endorêço ....

Cidade .... Estado ....



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

que só se dirigia ao Povo para lhe desejar bem, para o orientar pelo melhor caminho, para lhe dar o melhor conselho. Êle, o pai, ou o irmão mais velho, a quem, sem o desejar, o destino colocou no lugar mais alto e digno da Pátria.

A voz agora é dos canhões que nas suas selvas — derradeira homenagem — dizem que o fim chegou. Poucos momentos mais... a encomendação solene, e nunca a voz do Eminentíssimo Patriarca teve maior emoção do que quando pronunciou a derradeira palavra sacramental: "Requiescat in pace".

Fica-te em paz. Na glória de Deus que bem mereceste, pelo bem que espalhaste, pelo confôrto e paz que deste ao Povo que tanto amaste e tão sàbiamente conduziste, reintegrando-o nas suas tradições e virtudes.

ÚLTIMO ATO

(Cont. da pág. 6)

do Corpo de Bombeiros executou a Marcha Fúnebre de Chopin.

Detalhe curioso: no momento de ser encontrado o corpo da consagrada atriz, deparou-se quebrado, junto a uma vitrola antiga, de funcionamento manual, com um disco da Marcha Fúnebre de Chopin.

★

Também sôbre uma das mesas, naquela residência, foi encontrado um livro novo, aberto exatamente na página em que um poema parecia uma coincidência trágica com a morte da artista. Era a coletânea de poesias "Póstuma", de Amélia de Oliveira, irmã do poeta Alberto de Oliveira, e musa de Olavo Bilac, falecida em 1945. As primeiras páginas estavam cortadas e o volume, aberto, mostrava um sonêto que deve ter sido lido pela artista. Começa assim êsse sonêto:

Morrer sòzinha, não, eu tenho mêdo
Da feia morte esmagadora e fria.
Tenho mêdo da eterna moradia
Longe de todos, do cruel degrêdo.

E foi assim, precisamente, que morreu a grande trágica do teatro brasileiro, inteiramente sòzinha, sem ter, sequer, quem iluminasse, com o clarão de uma vela, os seus últimos instantes.

★

Com Itália Fausta desapareceu uma das mais brilhantes gerações do nosso teatro, talvez a única representante de uma fase áurea para a nossa arte de representar. Descendente de italianos, Itália Fausta Apolônio nasceu em São Paulo e desde cedo ingressou no palco, em representações de amadores, entre jovens vizinhos seus. Aos oito anos de idade, recebia aplausos. Seu talento se aprimorou no Conservatório Dramático, depois ingressou na companhia Lucinda Simões — Cristiano de Souza, com a qual foi a Portugal, ali representando ao lado de Eduardo Brazão e Agusto Rosas. Em 1916 fêz uma viagem à Itália, tendo também figurado em elencos dramáticos daquele país. Voltando ao Rio, aqui surgiu integrando o memorável Teatro da Natureza, iniciativa das mais belas e ousadas. Tentava Itália Fausta a tragédia grega, com Alexandre Azevedo, Ferreira de Souza e outros artistas, tendo como palco e platéia a imensa vastidão do Campo de Santana. Mas a temporada não vingou porque o mau tempo prejudicava os espetáculos, do mais alto sentido artístico — "Orestes", "Antigona" e por aí adiante — e porque os humoristas da época levavam para o ridículo o que merecia o mais completo amparo financeiro e espiritual.

Depois, Itália Fausta organizou a Companhia Dramática Nacional, sob a direção do professor Gomes Cardim. Percorreu o Brasil inteiro, representando Ibsen, Sudermann, os dramaturgos de maior vulto na época — e criou então o seu memorável trabalho em "Ré Misteriosa", que ela repetiu milhares de vêzes.

A última peça encenada por Itália Fausta foi "No Fundo do Poço", da sra. Helena Silveira, em São Paulo, no elenco Sandro-Maria Dela Costa, representada no Teatro de Cultura Artística. Fêz ainda uma excursão ao norte, recebendo inúmeras homenagens e evocando "Teresa Raquin", outro de seus grandes triunfos. Estava, agora, em repouso, na sua vivenda de Santa Teresa, onde a colheu, de inesperado, a morte, vitimada por um edema pulmonar, aos sessenta-e-oito anos de idade.

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos é indispensável o uso do óleo de peroba.

Os móveis representam a vida do seu lar, e o óleo de peroba a vida de seus móveis.

CARLOS FRIAS JÁ FOI SACRISTÃO

(Cont. da pág. 21)

..."Desde que o Tribunal Regional Eleitoral recusou diplomar o sr. Carlos Frias, pelo fundamento de que êle estava condenado pelo Dr. Juiz da 15.ª Vara Criminal, deliberou êste vereador eleito apresentar-se à prisão, para ter a oportunidade de obter, na segunda instância, a proclamação da sua inocência. Se o sr. Carlos Frias deixou de se recolher à prisão, logo que os jornais noticiaram a sua condenação, foi por lhe parecer que como vereador lhe incumbia o dever de defender as imunidades de seu cargo eletivo. Uma vez, porém, que o Tribunal Regional Eleitoral se recusou a conferir-lhe o diploma, que decorria de ato de proclamação, praticado dias antes, é evidente que não póde o eleito, por falta da posse de diploma, pleitear uma prerrogativa, que a lei só confere ao diplomado.

Tem o sr. Carlos Frias a consciência limpa, pois não praticou qualquer fraude, e nem lesou deliberadamente a quem quer que seja. E *em vez de ser um negociante fraudulento foi apenas um negociante infeliz*. O negócio que instalou foi bem projetado, mas as modificações que ocorreram no ambiente após a sua inauguração, ultrapassaram os cálculos previstos, determinando a falência. Dentro em pouco, quando a inocência do sr. Carlos Frias tiver sido reconhecida pela instância superior, verão todos que êsse candidato da U. D. N. não praticou nenhum ato que o deslustrasse, sendo digno dos votos que mereceu do eleitorado carioca".

★

Bem fundamentada e bem prevista a nota do dr. Sobral Pinto. E melhor ainda foi a sua defesa que teve como epílogo a libertação do seu constituinte da sanha política de certos figurões e da perfídia de muitos intrujões disfarçados em negociantes. Nas razões finais da peça de defesa que foi anexada ao processo há conceitos e interpretações magistrais, que bem atestam a clarividência e a competência jurídica do ilustre causídico patrício e o situa como um dos maiores advogados do Brasil. Vejamos, por exemplo, o seu inicial protesto referentemente à denúncia apresentada:

"Não pode o defendente ser condenado, como pleteia a denúncia, porque esta peça inicial se baseia, exclusivamente, em meras presunções, as quais não foram, no decorrer da instrução criminal, apoiadas, confirmadas, ou justificadas por quaisquer provas, feitas neste Juizo. Todos os fatos narrados na denúncia foram imputados ao Defendente pelo Syndico da Falência, no relatório que apresentou por exigência da lei. Mas, o Syndico, por sua vez, ao apontar tais fatos o fez na base de um laudo pericial, oferecido por um só contador — Tácito Pereira da Fonseca. Nestas condições, *verifica-se que a honra de um homem, o bom nome de um comerciante, e a liberdade de um cidadão estão sendo postos em dúvida*, nesta fase decisiva do processo, com base única e exclusivamente na palavra de um contador, que foi encarregado de fazer um laudo, para fins de fixação de situação econômica de um estabelecimento comercial perante um Juizo cível, e com alcance limitado a êsse âmbito judicial. Tal laudo não foi submetido a nenhum processo contraditório na instância criminal, e nem tampouco apresenta a garantia da fiscalização de outro perito, ainda que oficial e alheio à indicação do Defendente.

Como, portanto, condenar alguém só porque um único perito que exerceu a sua função tão só num Juizo Cível, asseverou que a escrita é confusa, que as despezas gerais foram excessivas, ou que da escrituração não constava lançamento que nela deveria de figurar? Se ninguém pode ser privado de sua liberdade, ou prejudicado nos seus direitos com fundamento na afirmação de uma só testemunha, é evidente que o parecer de um só perito não póde servir de base a condenação, no Juizo criminal, de um comerciante, que, por má sorte, ou por fôrça de inexperiência mercantil, perdeu todos os seus haveres, e se viu lançado numa falência ruinosa. Compreende-se que, escudado num relatório do Syndico, que, por sua vez, se escudara no laudo de um contador, o Ministério Público suspeito da lisura de um comerciante, que caiu em falencia, entrando a promover, por isso, um processo crime, para, no decorrer da instrução criminal, realizar as medidas probatórias indispensáveis à fixação da responsabilidade criminal indiscutível dêsse comerciante. Mas, em relação ao Defendente, nada foi aduzido, nesta instância, criminal que fosse de molde a transformar em realidade aquela vaga suspeita inicial. Prova nenhuma, quer documental quer testemunhal, foi trazida a êstes autos para convencer a quem quer que fosse que o mesmo Defendente procedera, na sua vida comercial, com dolo ou com culpa. *O que houve, no caso, foi apenas excesso de zêlo do Dr. Curador de Massas Falidas, de que é índice patente o fato de considerar crime a não apresentação de um livro "Caixa". Quando é certo que o Códico Comercial, no Art. 11, e a Lei N.º 187, de 15 de Janeiro de 1936, no seu Art. 24 não incluem tal livro como sendo obrigatório para o comerciante.* A articulação dêste fato: a não apresentação do "Caixa" n.º 1, feita pelo contador Tácito Pereira da Fonseca como prova do que o Defendente atuara com fraude na gestão de seu estabelecimento é a prova mais completa de que o laudo dêsse contador não pode servir de critério para fixar a responsabilidade criminal de um homem que sempre procedeu com correção na sua vida profissional.

Invoca, ainda, o Ministério Público, e contra o Defendente, o fato de ter sido excluido da falência, como simulado o crédito de Mozart Valente Brandão. A exclusão de um crédito, com fundamento em simulação, implica na instauração de um processo crime, nos termos do Art. 101 da Lei de Falências. Mas isto só não basta. Tanto assim que urge levar o fato ao conhecimento do Juiz criminal, para que êste, tomando contato com o fato, e analisando as provas de acusação, exibidas na instrução criminal, declare, pelo estudo da intenção do acusado, se a simulação tem apenas *características de ilícito civil*, ou se, pelo contrário, se reveste das *características de ilícito penal*. A simulação é fato disciplinado no Código Civil, no Código Comercial, e na Lei de Falências. Nesta última ora tem efeitos puramente civis, ora efeitos de natureza criminal. Quando ela é, porém, descoberta, se estabelece uma presunção de que é criminosa, mas presunção apenas para efeitos de denúncia.

Assim, o Ministério Público, se quiser transformar a denúncia em condenação, tem o dever de apresentar, na instrução criminal, provas decivivas que mostrem que a simulação é de natureza penal. Se, entretanto, o Ministro Público permanece inerte na instrução criminal, sem oferecer as provas de culpabilidade criminal, então não há como condenar o comerciante, que incluira no seu passivo um crédito declarado simulado. Não há na falência, o chamado dolo decorrente do próprio fato, o dolo em si mesmo, o dolo criminal. Como a simulação, no comércio, é instituido também de natureza civil, pode acontecer que em comerciante sem nenhum intuito de prejudicar a terceiro, pratique uma simulação, que é em si inocente. *Como isto acontece diàriamente, o legislador não encarou a simulação, na vida comercial, e que é posta em evidência na hora da falência, como constituindo, em si e por si, um fato criminoso.*

A mesma coisa acontece em relação a rubrica do juiz nos balanços comerciais. O parágrafo único do Art. 186 da Lei de Falências prevê a hipótese de, no caso de ser o comerciante de instrução rudimentar, ou de ser o comércio, exíguo, ficar aquêle dispensado de apresentar o seu balanço, o mesmo acontecendo com o segundo. Urge entender, aqui, o que é comércio exíguo, o sentido da lei, é, evidentemente, dispensar aquêles estabelecimentos que não são, por sua própria natureza, de finalidade especificamente comercial ou lucrativa. Quem é analfabeto, comercia para viver, e não para desempenhar a função de troca, que é a característica do comércio. Pois bem, o estabelecimento do Defendente era uma casa de diversões, onde o fim do lucro não existia. O lucro era uma finalidade secundária, exígua, circunstância esta que exige a aplicação do Parágrafo Unico do Art. 186 da Lei de Falências.

Ante o exposto, que se acha de acôrdo com a prova dos autos e o que já foi alegado na Defesa. Prévia e se acha corroborado pela prova testemunhal, impõe-se a absolvição do Defendente".

★

E como não podia deixar de ser Carlos Frias foi absolvido, posto em liberdade e em seguida diplomado. Com o início do período legislativo êle foi indicado para integrar a Comissão de Finanças da Câmara Municipal. Aainda aí os seus inimigos politicos não perderam vasa. Botaram a bôca no mundo gritando: "Não pode ser!!!... E' irônico, êle foi há pouco tempo condenado por crime de falência fraudulenta..." Alguns jornais *assalariados*

(Cont. na pág. 44)

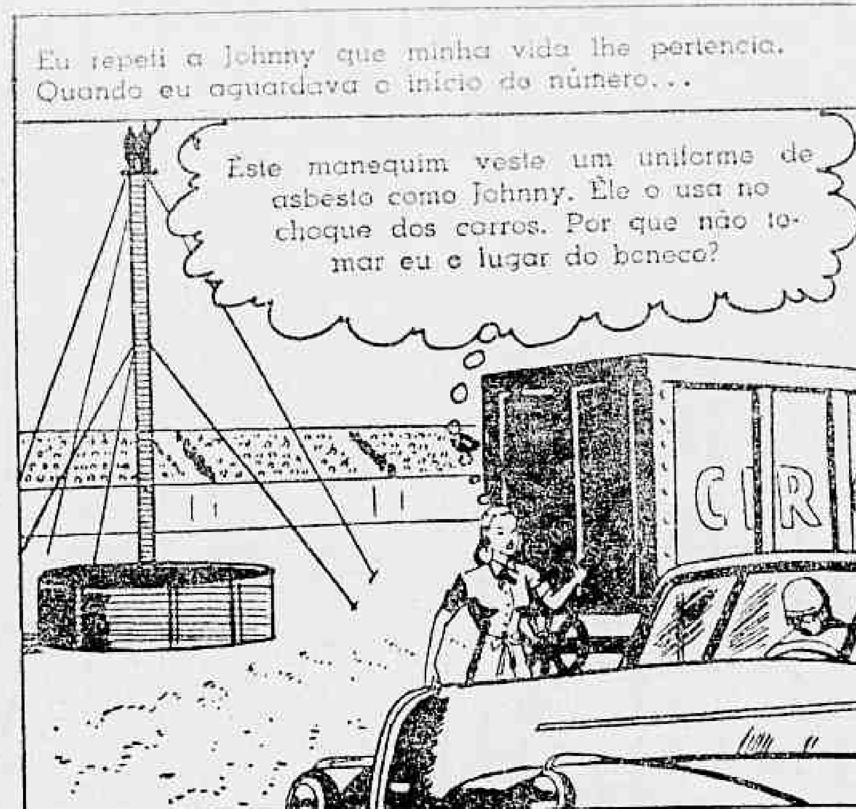
NESTE MÊS VAI SOFRER OUTRA VEZ?

Esta pergunta dirigimo-la a você prezada leitora. A você que, como mulher, está sujeita todos os meses aos terríveis males resultantes do mau funcionamento de seus órgãos femininos. Terríveis males sim porque além de transformarem a sua existência num verdadeiro martírio esgotam com rapidez a sua saúde, a sua mocidade, a sua beleza. Ponha um ponto final neste capítulo de amarguras. Não sofra mais neste mês e em nenhum outro mês de sua vida. O Regulador Xavier — o Nº 1 ou o Nº 2, conforme o seu caso — afastará definitivamente os seus males, restituindo-lhe a saúde e com ela a beleza, a mocidade, a boa disposição física e moral. O Regulador Xaxier é fabricado em duas fórmulas diferentes — o Nº 1 e o Nº 2 — de acôrdo com as naturezas diferentes dos males femininos. O Nº 1 se aplica nas regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas conseqüências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc. O Nº 2 se aplica na falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas e suas conseqüências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc. O Regulador Xavier lhe dará todos os dias do mês e todos os meses do ano.

UM AMOR ATREVIDO







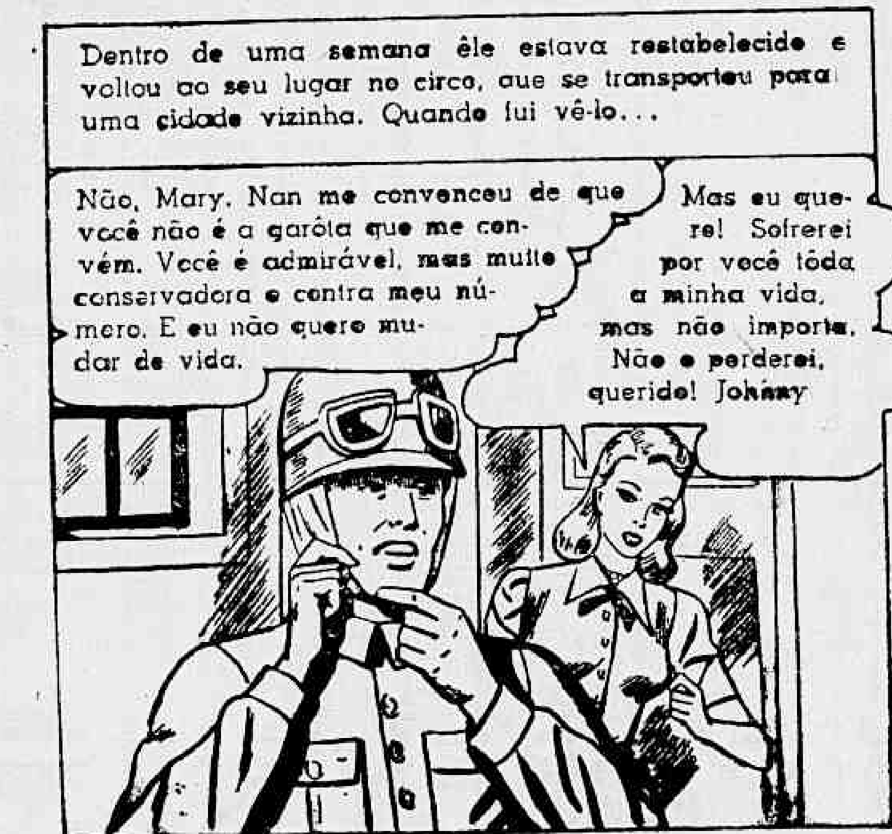












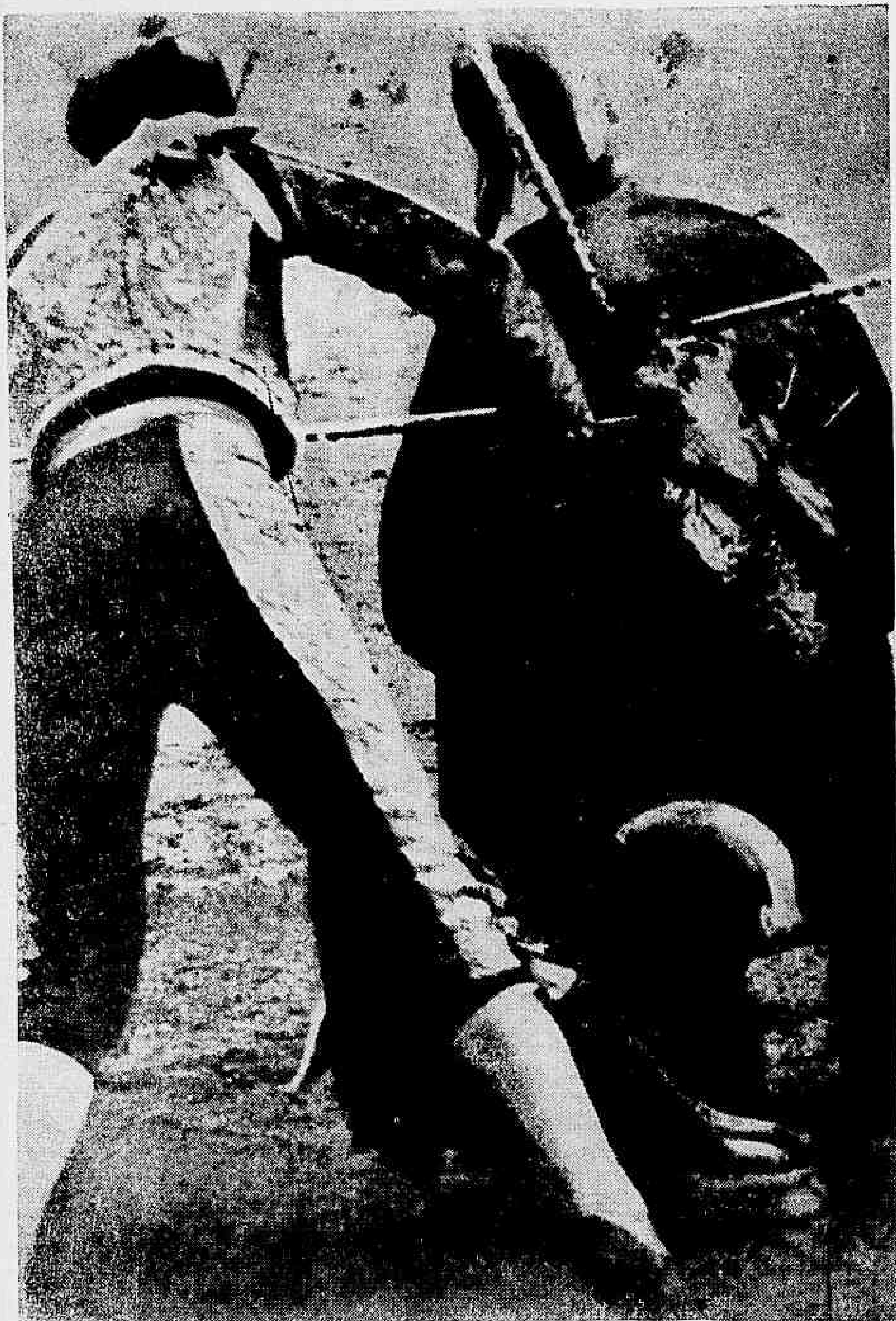






NO PRÓXIMO NÚMERO: "O AMOR ERA SEU SONHO"

TUDO ISTO



A TAUROMAQUIA NA ESPANHA não é pròpriamente um esporte. E', antes de tudo, um ato de grande cerimonial, com seus ritos e a liturgia própria dos atos mais solenes. Antes de entrar na arena, o toureiro se ajoelha diante da imagem da Virgem e lhe dirige préces. Ao penetrar na praça, quase sempre repleta de povo, autoridades, estrêlas do cinema, artistas, jornalistas, e, por vezes, até do próprio representante do govêrno, o «matador» enverga um indumento dos mais brilhantes e refulgentes de côres e arabescos caprichosos. Aqui vemos um dos mais famosos êmulos do célebre Manoleto: — Luis Dominguin, ao assestar no touro já exausto o golpe mortal. O animal lhe cai aos pés, entre palmas da multidão. Muitas vêzes êsse ato final é também o final do toureiro.



A GUERRA FAZ DESTAS COUSAS... A senhora R.A. Ahlerona, quando da última guerra mundial, serviu como enfermeira num dos setores da hecatombe. Muito dedicada e conhecedora profunda do serviço de enfermagem, o seu nome ficou entre as mais perfeitas profissionais. Há sete meses, porém, ela se casou com o sr. Ahlerona. A vida ia seguindo em mar de rosas, quando a situação internacional veio perturbar êsse paraiso doméstico. Foi Mrs. Ahlerona chamada a apresentar-se imediatamente na guarnição em Fort Sam Houston, no Texas, para assumir seu pôsto. Antes de partir, porém, ela transferiu ao seu espôso todos os petrechos de cozinha e lhe deu tôdas as explicações necessárias para que êle passe a dirigir o lar como uma verdadeira dona de casa... Que azar, hein?

PRINCESAS DE VERDADE



O assunto não é novo, pròpriamente; mas, para muitos de nossos leitores ainda é desconhecido. Cabe muito bem nesta seção como elemento para "Tudo isto aconteceu". Como sabemos, o Príncipe de Gales, aquêle rapagão alto e um tanto sisudo que estêve aqui no Rio há uns vinte anos, pela morte do pai, Jorge V, seria o Rei do poderoso Império Britânico. E assim foi. Mas, como o coração do Príncipe era mais poderoso do que as conveniências e tradições de uma família real, êle renunciou à corôa, às grandezas de uma côrte opulenta, aos fulgores de Buckingham e desceu aos pés de uma senhora norte-americana, confundindo-se com os de origem plebéia: casou-se com Mrs. Simpson. Trocou o amor num casamento morganático pelo trono da Inglaterra. O ato do Príncipe de Gales foi objeto de comentários na imprensa do mundo inteiro e as opiniões se dividiram. Mas, no geral, ninguém o censurou. Como era natural, a família real inglêsa ficou indignada com tal gesto. Seu irmão foi elevado ao trono e o ex-rei passou a ser apenas o Duque de Windsor. Como os seus vencimentos não chegassem para manter-se com a devida dignidade, vendeu a uma editôra inglêsa os originais de "Memórias" que causaram pruridos e vexames na Inglaterra, erguendo-se contra êle protestos de tôda sorte. E o mundo continuou a girar. Agora, uma novidade velha que não veio a público: sabe o leitor, que, antes de casar-se com Mrs. Simpson, foram "noivas" do Duque de Windsor, oito princesas européias? Aqui vai a lista: Ingrid, da Suécia, de 18 anos; Beatriz, da Espanha, 21; Maria Cristina, da Espanha, 19; Ileana, da Rumânia, 22; Eudóxia, da Bulgária, 32; Juliana, da Holanda, 21; Maria, da Itália, 16; Hilda, do Luxemburgo, 33. Mas... Como tudo saíu diferente! Embora com uma plêiade de tão formosas donzelas de 16 a 33 primaveras, o sisudo Príncipe de Gales foi apaixonar-se por uma senhora norte-americana, divorciada, sem nenhuma hemoglobina de sangue azul...

OUTRO CONTO!



O noticiário policial estêve movimentado na última semana de abril último. Os ladrões e vigaristas deram motivo a várias notícias, cada qual mais curiosa e capaz de produzir novelas de caráter policial. Dentre os muitos que caíram no "conto", enfeitiçados pela loquacidade dos malandros, um se destacou que merece piedade. Certo cidadão morador na rua Aguiar, mostrando-se interessado em colocar-se numa casa de natureza religiosa, uma vez que êle era fervoroso devoto das coisas santas, foi procurado por uma pessoa influente junto aos meios católicos e entrou em conversa com o pretendente. Trocaram idéias durante horas e de tudo ficou assentado o seguinte: o nosso amigo religioso seria nomeado vigia da igreja do Coração de Maria. Mas, como era natural, não se arranja uma colocação de tanta estima e significação, sem alguma recompensa. O novo vigia perguntou ao seu prestimoso amigo, quanto teria que lhe pagar pelo alto e inesquecível benefício.

O sagaz agente de empregos pediu uma retribuição muito elevada, como que sondando a profundidade dos recursos do seu protegido. Mas tanto dinheiro não era possível arranjar. E, como o candidato não dispunha de mais do que mil e quinhentos cruzeiros àrduamente conseguidos, declarou que sò podia pagar essa quantia.

Mostrando-se colaborador e muito generoso, o ardiloso meliante abriu-se em gentilezas e aceitou os mil e quinhentos cruzeiros, como prova de que era amigo e não um reles e vulgar negocista. O homem ficou radiante e passou as notas.

No mesmo dia foi apresentar-se ao vigário daquela igreja. Ali, porém, soube que não havia nenhuma vaga de vigia do templo, e que ninguém sabia de tal negócio. Foi então que o prejudicado reconheceu que havia caído em descarado "conto do vigário", de nova modalidade: — o do emprêgo de vigia de igrejas...

PRÍNCIPE AGRICULTOR



A família real japonêsa, é, ainda hoje, considerada de origem divina. O Imperador do País do Sol Nascente tem tôdas as prerrogativas de um ente sobrenatural, verdadeiro tabu contra o qual ninguém pode proferir nada que o ofenda ou desagrade.

Com a derrota do Japão na última grande guerra, os japonêses de lá começaram a sentir que essa tradição não passava mesmo de formalidades oficiais cimentadas pelos séculos.

O Imperador era um homem como outro qualquer, de carne e osso, comendo, bebendo e sujeito às vicissitudes da vida animal. Entretanto, os japonêses do Brasil não aceitaram a derrota de sua pátria e, centenas, ainda hoje, acham que a guerra continua, ou que o Japão saíu vencedor da mesma. São cabecinhas duras e nelas não pode penetrar nada que venha contradizer uma tradição milenária.

Há, porém, certos fatos que muito ajudam ao Brasil e às autoridades, a provar que o Japão foi derrotado e que a vida por ali é agora muito diferente da que havia antes da guerra. Hiroito está sob o contrôle da ocupação americana e caminha firmemente para a democratização geral.

Um dêles é a presença em S. Paulo, de Tochihico Higachicuni, jovem japonês, que nada mais é do que um autêntico príncipe da Casa Real de Tóquio, primo legítimo do Imperador Hiroito. Sua mãe é princesa e tia do Imperador.

Tochihico, até pouco tempo era garboso oficial da Marinha de Guerra de sua pátria, envergando vistoso uniforme naval e trazendo à cintura a sua luzidia espada. Agora, emigrando de lá, veio para S. Paulo, e, ao invés de comprar castelos dedicou-se à lavoura como um dos milhares de compatriotas seus da plebe mais rasteira. Talvez êsse príncipe possa explicar aos japonêses daqui, que o Japão perdeu mesmo.

ACONTECEU

A SAIA PROTEGE

OS amigos do alheio não perdem tempo. De quando em quando surgem casos de furtos em que os gatunos aplicaram novos processos de aliviar a bôlsa do próximo sem muito perigo. O que acaba de acontecer em Maceió, a pitoresca e ensolarada capital de Alagoas, é prova de que a gatunagem está fazendo grandes progressos em matéria de ludibriar a polícia e as próprias vítimas.

Maceió é uma cidade de vida pacata e em que todos se conhecem. Nada mais fácil do que identificar uma pessoa de fora. Pela rua do Comércio e pelo Atêrro de Jaraguá, os dois centros de maior movimento da terra dos Marechais, quando surgem caras novas, não há comerciante que não saiba que se trata de gente que está de passagem pelo pôrto, ou que acaba de chegar à terra do sururu.

Como sempre acontece, o comércio a varejo daquele centro onde, outrora, havia o "Relógio Oficial" muito aprecia a visita de passageiros em trânsito pelo pôrto de Jaraguá e todos procuram servir bem a essa clientela flutuante.

Sabendo disso, os malandros imaginaram um programa que deu certo. Vestiram-se de mulher, senhoras e senhoritas elegantemente vestidas e saíram a "passeio" pelo comércio da capital alagoana. Segundo dizem os telegramas que de lá nos vieram,



verdadeira onda de ladrões invadiu a capital de Alagoas, pondo em desassossêgo a população.

Como a cadeia pública já está lotada, a maior preocupação da polícia não é, pròpriamente, prender os larápios, e sim conseguir "alojamento" para os mesmos. A crise de habitação para gatunos é séria, tanto lá, como aqui. Mas os meliantes mudaram de tática e se travestiram de mulher, conseguindo furtar em todos os bairros e no centro comercial. Agora, em Maceió, até as mulheres e senhoritas da sociedade estão receosas de sair à rua...

CONDUTOR EXPLOSIVO



FAZ poucos dias verificou-se nesta cidade um episódio estarrecedor. Vinha da Praia Vermelha um bonde dêsse nome, e, no mesmo, um grupo alegre de rapazes que voltavam do banho de mar. Era domingo, dia de descanso universal. Estavam êles a decidir quem pagava as passagens, mediante o joguinho muito popular das mãos fechadas contendo pontos. Os que vão ganhando ficam fora da competição e já venceram. O que ficar por último é quem paga.

A rapaziada, alegremente, tirava as "sortes", quando, à altura da rua General Severiano, o condutor chegou cobrando as passagens. Um dêles pediu que esperasse um pouco, pois estavam discutindo quem seria o "cristo"...

O condutor, ao invés de aceitar a condição, pois nisso nenhum prejuízo teria, passou a insultar os rapazes usando de tôda sorte de injúrias. Um guarda-civil, que viajava à paisana e fazia parte do grupo, prontificou-se a pagar as passagens, a fim de serenar os ânimos. Reprovou a atitude do empregado da "Light", mostrando que não era preciso tanta agressão moral aos passageiros.

Em lugar de aceitar a intervenção do passageiro, o condutor puxou uma faca que trazia à cintura e investiu contra o guarda-civil, vibrando-lhe um golpe no peito. Foi o pânico. Vendo sua primeira vítima caída e banhada em sangue, procurou fugir. Os mais animosos o perseguiram. O criminoso, mais adiante, não podendo mais fugir, enfrentou os perseguidores, atingindo um dêles com profunda facada no abdome, matando-o incontinente.

Depois de ferir outras pessoas, foi agarrado e linchado pela multidão, sendo internado no Hospital Miguel Couto, em estado desesperador. Antes, êsse mesmo condutor ameaçara de morte um fiscal com o qual discutira. Eis em que deu uma simples e inocente brincadeira de rapazes alegres: duas mortes, ferimento e um bonde depredado...

NOVO CONTO DO VIGÁRIO



É fertilíssima a imaginação dos malandros. Sua capacidade inventiva corre paralelamente com o desenvolvimento da civilização e de acôrdo com o avanço das necessidades humanas.

O "conto do poste" é a mais moderna das patifarias criadas pelos malandros desta bela cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Vamos reproduzir, em linhas gerais, o que sucedeu com o sr. José Gonçalves, comerciante estabelecido com um café em certo trecho da rua Conde de Bonfim.

De há muito que êsse senhor desejava uma parada de bonde ou de ônibus vis-a-vis ao seu negócio. Com certeza essa particularidade lhe traria muito mais movimento. Entretanto, apesar de suas reiteradas tentativas junto à "Light" e às Emprêsas de ônibus que fazem a linha, não foi feliz.

Um belo dia, porém, começou a freqüentar-lhe o café um freguês bem vestido e de maneiras corteses. Bem falante e mostrando ser indivíduo de grande "linha", ouviu dêle o mesmo em que já pensara antes: se ali fôssem colocados pontos de parada, o sr. Gonçalves faria muito mais negócio... E conversa vai, conversa vem, o cliente fechou negócio com êle: cinco mil cruzeiros para gratificar os empregados da "Light", pois, para êle, o homem de "linha", não queria nada.

Passados vários dias, embora viesse sempre ao café, o assunto não foi mais ventilado. Quando o comerciante pensava que o seu prestimoso freguês fôra derrotado, eis que, numa bela manhã, operários da "Light" pintam o sinal branco no poste e colocam o disco de parada de ônibus. Que prestígio! — Pensou. — Logo depois, o prestigioso cidadão recebia os cinco contos de réis para gratificar os mais humildes...

O sr. José Gonçalves estava radiante; entretanto, com surprêsa, horas mais tarde chegava uma camionete e dela desciam trabalhadores da "Light" para... apagar com pixe o sinal de parada de bondes e jogar no lixo o disco de ônibus! Tudo não passara de um ardil bem arquitetado pelo cidadão de maneiras corteses e de grande influência na "Light"...



ÊSTE GAROTINHO SE CHAMA Matthew e é filho do General Ridgway, o comandante das fôrças das Nações Unidas na Coréia, substituto do general Mac Arthur. O menino tem apenas um ano e dez meses, e a última vez que viu o papá foi por ocasião do Natal do ano passado. Aquele tempo não pronunciava palavra nenhuma que se entendesse com facilidade. Sua língua era uma algaravia própria da idade. Mas agora já está pronunciando com muita clareza uma palavra estrangeira: Coréia. Aqui vemos o pequenino Matthew sob os afagos de sua mamãe, em Fort Meyer, Virginia, tendo diante de seus olhos que mal percebem a tragédia que se passa longe, uma fotografia do teatro da luta em que o pai toma parte como o condutor dos soldados de catorze nações contra os sino-coreanos.



A MUITO OBRIGA O AMOR... Isso já é velho como o chão, todos nós sabemos; mas, francamente, o que acaba de acontecer com a lindíssima e talentosa estrêla do cinema italiano, Anna Baldini, provoca nossas interjeições de pesar. A encantadora Baldini, que acaba de alcançar retumbante sucesso no filme de Emmer, «Domenica d'agosto», resolveu abandonar as «câmeras» e permanecer na sombra. Qual o motivo? Seu nome estava no auge da fama e eram muitas as propostas de produtores e diretores para que ela figurasse como estrêla em vários outros filmes. Mas, inesperadamente, Anna Baldini renunciou a tudo e foi ser auxiliar em um estabelecimento de comidas e bebidas na rua do Tritone, em Roma. Eis o motivo: o amor. Ela assim o fêz para não perder o noivo, um rádiotécnico...

CORREIO DA REVISTA

P.R.R.S. — Rio — Muito cheio de linguagem inculta o seu conto «Prá sua reportage». Escreva sôbre outros temas e em linguagem culta.

J.L. — Rio — Não foi aprovado «O Sacrifício». O tema é aproveitál, mas o conteúdo não contém, pròpriamente, um conto literário. O amigo narrou um fato, descreveu-o, mas não escreveu um conto. Faça outro e volte, pois tem talento e escreve com aprumo.

B.P. — Rio — «Uma aventura de mulher» não póde ser aprovado. O conteúdo não agradou à Comissão Julgadora. Isso, porém, não é nada. Mande outro de tema diferente e menos escabroso.

H.F. de S. — Recife — «Surubim» é mais crônica do que conto. Procure estudar a diferença entre ambas as composições e nos mande um conto literário com o mesmo tema, que é bonito e dá panos para as mangas. Reveja também sua grafia, que encerra algumas esquisitices, como se vê na palavra anos, com til no a: ãnos!

GILVAN LEMOS — Recife — Vai sair o seu «Ave Maria». Mas o autor da música é Gounot, e não como o amigo escreveu por várias vêzes.

G. de C.F. — Rio — «Tocaia» não passou. O tema e o conteúdo não se prestam muito para esta Revista.

E.F.S. — Hamburgo Velho — R.G. do Sul — «O moço do cemitério» não teve outro jeito se não morrer mesmo. O assunto não ajudou a salvá-lo.

VIVENTE C. DE CARVALHO — Rio — Muito bom e bem escrito o seu «Vertigem». Continue.

PÉRICLES LEAL — Rio — «Sala fechada» foi entregue aos ilustradores para a abrirem com um belo desenho. Mande o outro.

MOYSÉS DUÉK — Rio — «Casamento Arranjado» já foi aprovado.

F.F. — Rio — Não foi possível aproveitar «O professor». Não está mal escrito; mas a história não tomou nivel de interêsse até no fim. O conto deve ter um «climax» de conteúdo. Tente outro.

LAÍS SILVA — Juiz de Fora — Minas — Vamos verificar direitinho e daremos informação noutra edição. Quem espera sempre alcança.

SOFIA — S. Paulo — Gratos pelas expressões a nosso respeito. Infelizmente o seu conto «De ladeira a baixo»... não se salvou.

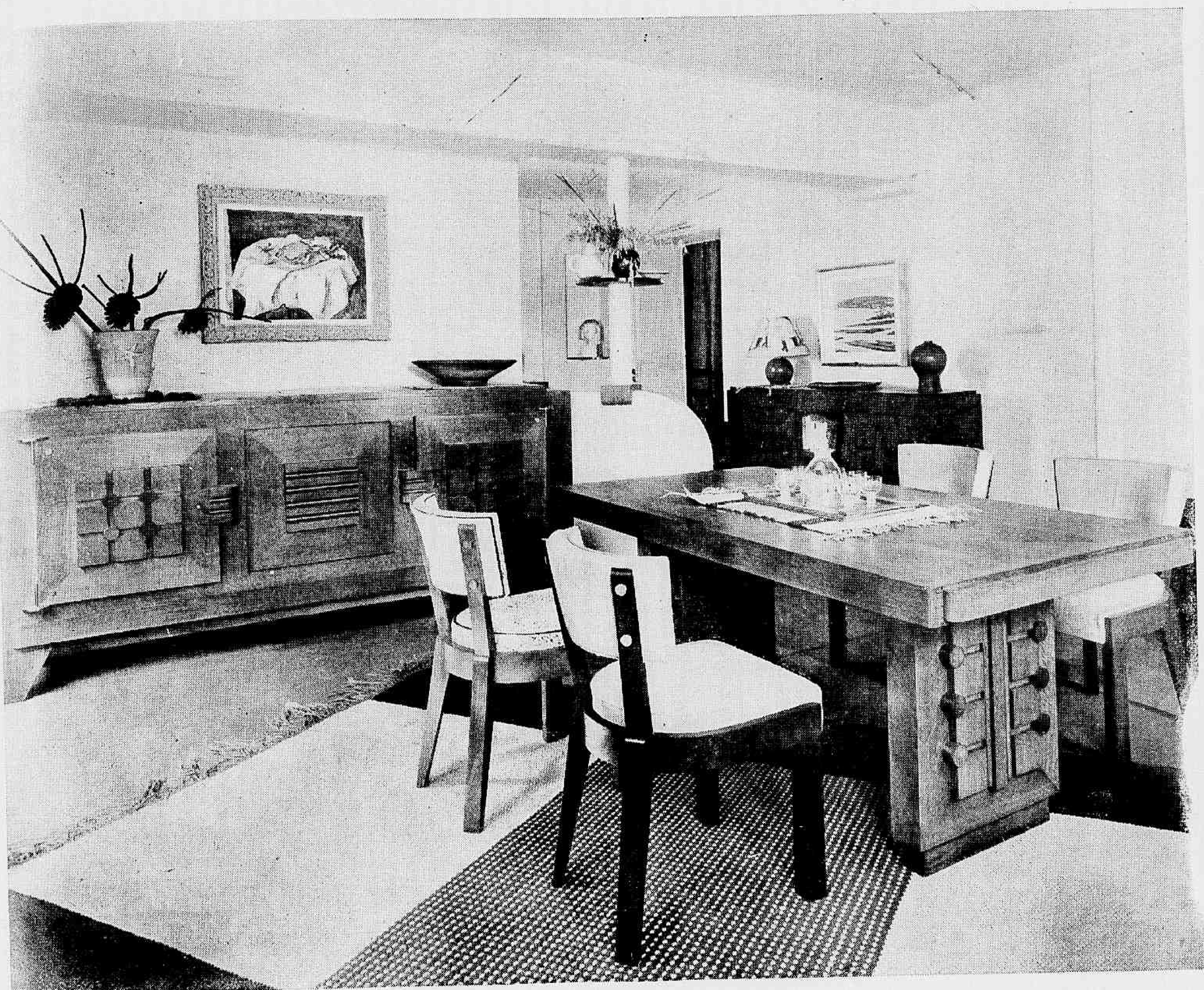
O MÉDICO E O MONSTRO

NÃO é, como parece, o protagonista de "Dr. Jack and Mr. Hyde", a famosa novela que o cinema, por duas vêzes, já utilizou para
a realização de outros tantos filmes. Trata-se, apenas, da edição revista, moderna e... musicada de um homem que também por
outra alcunha: o Dr. Baião. Na vida real êle se chama Humberto Teixeira. Foi quem deu um quinau no samba, nestes dois últimos
anos, implantando o poderio do Baião, nova modalidade de baile e canto que por todo o país se espalhou em três tempos, rasgando
fronteiras, merecendo também a consagração de Hollywood. O Baião "pegou", ficou em moda, porque Humberto Teixeira fêz fôrça nesse
sentido. Mas poucos sabem — o grande público, bem entendido — que êsse cavalheiro é também doutor de verdade, doutor com diplo-
ma, doutor em leis e em medicina, não apenas o homem que, juntamente com Luís Gonzaga, revolucionou quatro séculos de música
popular do país. Tem suas extravagâncias, peculiaridades, esquisitices, que ainda não caíram dominio dêsse grande público. Tem-
peramento boêmio, gostando dos clássicos bate-papos das "boites" e dos corredores das estações de rádio, possui muito senso de humor
e tem aventuras curiosas que serão motivo de uma das nossas reportagens destinadas ao próximo número. Então conheceremos as duas
modalidades distintas de Humberto Teixeira, o médico e o monstro: um homem muito bem comportado durante o dia, amigo da família,
prestativo, útil à coletividade, falando com absoluta correção e dentro dos dogmas gramaticais mais castiços — e o freqüentador incorri-
gível do Astral, quando a noite desce, usando então de outra linguagem, privando com a gente que vive quando os outros dormem e
inspirando-se no que vê, no que escuta, para suas novas composições. A verdadeira história do Baião será descrita, com todos os
pormenores nessa reportagem que a REVISTA DA SEMANA publicará no seu próximo número.

Respostas ao teste

1—No Largo de S. Domingos (desaparecido com a abertura da Avenida Presidente Vargas)
2—Cinco
3—S. José del Rey
4—760 réis
5—Joaquim Silvério dos Reis
6—21-4-1792
7—Joaquim José da Silva Xavier
8—Fazenda de N.S. do Amparo, então municipio de S. João del Rey
9—44
10—Forte dor de ouvidos
11—Bolívia
12—Brasil
13—Qualquer um (o que o excita é o pano)
14—Guerra Junqueiro
15—O convento da Ajuda
16—Em S. Paulo
17—Tibério
18—Bartholdi
19—Por si próprio
20—Na fabricação de alumínio.

MÓVEIS E DECORAÇÕES



ORÇAMENTOS E SUGESTÕES
EXECUTADOS POR TÉCNICOS-DECORADORES

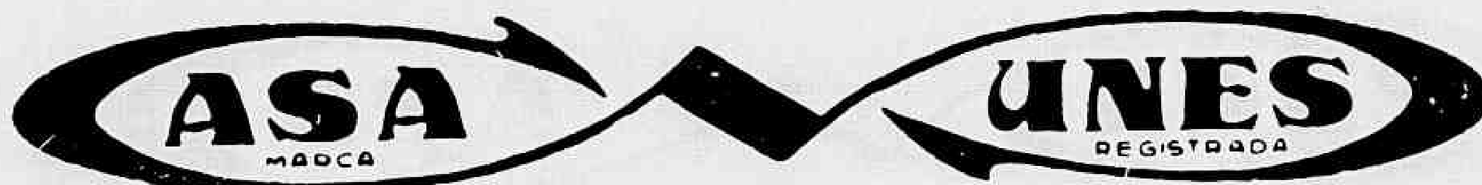
GRANDE SORTIMENTO DE

Tapêtes e Passadeiras

**DE FORRAÇÃO, DE TÔDAS AS CORES
E DIMENSÕES.**

Grupos Estofados

— UMA ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS —
PRONTOS PARA ENTREGA IMEDIATA.



65 rua da CARIOCA 67 — RIO

Quem preza a escultura clássica aprecia Hollywood





O talento do bom conhecedor vai do mais complexo ao mais simples... Quem admira os expoentes da estatuária clássica, um Moisés ou um David de Michelangelo também sabe apreciar um bom cigarro, como Hollywood, o cigarro das pessoas de bom gosto. Tabacos finíssimos, numa composição de felicidade única, fizeram de Hollywood uma tradição da sociedade brasileira, o cigarro eleito por você!



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

um produto SOUZA CRUZ

H-88.067